

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA (PUC/SP)
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM COMUNICAÇÃO
E SEMIÓTICA

Luciana Palmeira Dias Langer

**UM RECORTE SOBRE AS RAÍZES DE IMAGENS ANTISSEMÍTICAS:
ANÁLISE DA MÍDIA E DA CONSTRUÇÃO DE UM ESTEREÓTIPO SOBRE O
POVO JUDEU A PARTIR DE TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA**

São Paulo

2021

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA (PUC/SP)
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM COMUNICAÇÃO
E SEMIÓTICA**

Luciana Palmeira Dias Langer

**UM RECORTE SOBRE AS RAÍZES DE IMAGENS ANTISSEMÍTICAS:
ANÁLISE DA MÍDIA E DA CONSTRUÇÃO DE UM ESTEREÓTIPO SOBRE O
POVO JUDEU A PARTIR DE TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA**

**Dissertação de conclusão de curso de
Mestrado stricto sensu do Programa de
Estudos Pós-graduados em Comunicação e
Semiótica da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo (PUC/SP).**

São Paulo

2021

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
AGRADECIMENTOS	5
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1.....	9
I - OS JUDEUS NAS TERRAS DOS CZARES	9
CAPÍTULO 2.....	29
II – OS PRIMEIROS JUDEUS A CHEGAR NA PENSÍNSULA ITÁLICA E SUAS IMAGENS	29
2.1 ALGUMAS DAS RAÍZES DAS IMAGENS ANTISSEMITAS NA IDADE MÉDIA	37
2.2 IMAGENS NO RENASCIMENTO E REFORMA E CONTRARREFORMA COMO MOVIMENTOS DE DISSEMINAÇÃO DE ÓDIO	61
2.3 O CASO MORTARA.....	71
2.4 REFLEXOS DA PRIMEIRA GUERRA E DA REVOLUÇÃO DE 1917 NA IMAGEM DOS JUDEUS	76
2.5 - O FASCISMO E A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM JUDAICA.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	105

RESUMO

O presente trabalho visa compreender se e como a mídia determinou a desconstrução da imagem do povo judeu e formou uma multidão antissemita, em recortes temporais e territoriais específicos, em alguns países da Europa. Trata, portanto, de expor o poder da comunicação, especialmente a imagética, para a edificação de um estereótipo racista, assim como os dispositivos de poder usados para disseminar ódio e dizimar vidas de um grupo populacional cerceado em razão da falta de uma nação própria, da língua diversa daquelas faladas nos países onde estiveram “hospedados”, da sua cultura, de seus hábitos e costumes, de sua origem e da religião não cristã. Teorias da Comunicação e da Cultura alinhavam o pensamento crítico a respeito do objeto de estudo desta dissertação.

PALAVRAS-CHAVE

Processos Comunicacionais. Mídia. Imagem. Cultura. Judeus. Antissemitismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que possibilitaram a realização deste trabalho de conclusão de Mestrado, em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Norval Baitello Junior, pela inspiração e paciência; à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por me acolher enquanto pesquisadora; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão de minha bolsa de estudos; à assistente de coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, Cida Bueno, verdadeiro anjo na vida dos alunos desta instituição de ensino; à Prof. Dra. Dina Lida Kinoshita, pelas diversas conversas, ensinamentos e esclarecimentos sobre os movimentos judaicos de esquerda; à Prof. Dra. Eliana Langer (tia Eliana), pelo carinho e pelos esclarecimentos das dúvidas relativas ao hebraico; ao editor, professor, ensaísta e crítico de teatro Jacó Guinsburg, a quem tive a honra de entrevistar, já bem debilitado, pouco tempo antes de sua morte, pela receptividade, disponibilidade e carinho com esta iniciante; à diretoria e a todos os funcionários do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo, pelo espaço para pesquisa, estudo e entrevistas; aos meus pais, Walter e Messina, pelo incentivo ao estudo; ao meu marido, Marcel Langer, pelo apoio e amor; aos meus filhos, Helena e Gabriel, por tanto amor e pela compreensão em virtude da ausência na presença durante o processo de redação desta dissertação.

Ao mestre Jacó Guinsburg (in memoriam).

“A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes”

(Hannah Arendt)

INTRODUÇÃO

Para entender se e como a mídia é fator determinante para o antissemitismo, esse trabalho científico se propõe a investigar processos comunicacionais imagéticos em contextos sociopolíticos específicos, situadas em um recorte territorial-temporal compreendido: 1. Na Rússia, a partir dos últimos anos de império de Catarina a Grande (1762 – 1796) até 1914, quando das primeiras imigrações dos judeus daquele país ao Brasil; 2. Em parte da Europa na Idade Média, Renascimento, Reforma, Contrarreforma, Primeira Guerra e Revolução de 1917; e 3. Na Itália, durante o regime fascista. A hipótese de que a mídia exerce sim papel decisivos para a construção de um imaginário antijudaico, à medida em que, em determinadas circunstâncias, ao redor do mundo, pode expressar ideologias de extrema direita, traz à tona a discussão a respeito das imagens em ambientes de guerras de características econômica, ideológica, sociocultural e política. Aspectos sociológicos de caráter antissemita se revelam por meio da mídia, das mediações feitas pelos dispositivos de poder e do imaginário popular quase unânime, imaginário este que é justamente o resultado do convencimento elaborado de forma cruel pelas mídias e dispositivos.

Entender por que os judeus, um povo semita, despertou o ódio de muitas populações e ainda é visto em alguns territórios mentais como grupo social situado à margem da sociedade, faz pensar a respeito de suas imagens distorcidas por atores do antissemitismo. Estas imagens dos judeus, como em outros casos de imagem, possuem uma energia que move as coisas, que move as pessoas, que comove, para o bem ou para o mal, em muitos casos. Assim, a presente dissertação se deterá aos fatos e às imagens e comunicação geradas pelas media no recorte temporal e territorial já mencionado. Analisaremos, assim, como a mídia é usada como instrumento de poder, influenciando, ao longo dos séculos, a raiz de diferentes culturas, assim como a multidão que, como uma manada, foi comandada pelos dispositivos políticos.

CAPÍTULO 1

I - OS JUDEUS NAS TERRAS DOS CZARES

A presença dos judeus nas terras dos czares é remota. Há documentos encontrados por historiadores americanos que comprovam que nos séculos IV e V havia de 10 a 30 mil judeus na Armênia, Criméia e regiões fronteiriças à Rússia, na Europa e na Ásia. Ali eles desempenharam intensa atividade comercial e passaram a ocupar lugar na monarquia russa na primeira metade do século VIII, quando o reino dos czares se converteu ao judaísmo até o século X (a partir de ali, o reino de Wladimir, o Grande, adotou o cristianismo de Bizâncio como religião oficial). Mesmo após a queda desse reinado, os judeus permaneceram na região e ali se multiplicaram, especialmente durante o domínio Mongol – nos séculos XIII a XV –, que exigia da população a submissão política, mas pouco se intrometia no cotidiano dos conquistados, permitindo-os manterem suas lideranças, sua cultura e sua religião. Nos séculos XVIII e XIX a maior parte dos judeus do mundo vivia em território pertencente ao império russo, que se tornou, nessa época, o maior império do planeta a partir das conquistas de Ivan IV, o Terrível (1553-1584), a partir do século XV. No século XVIII, o império russo englobava uma área territorial imensa, da Polônia à Sibéria.

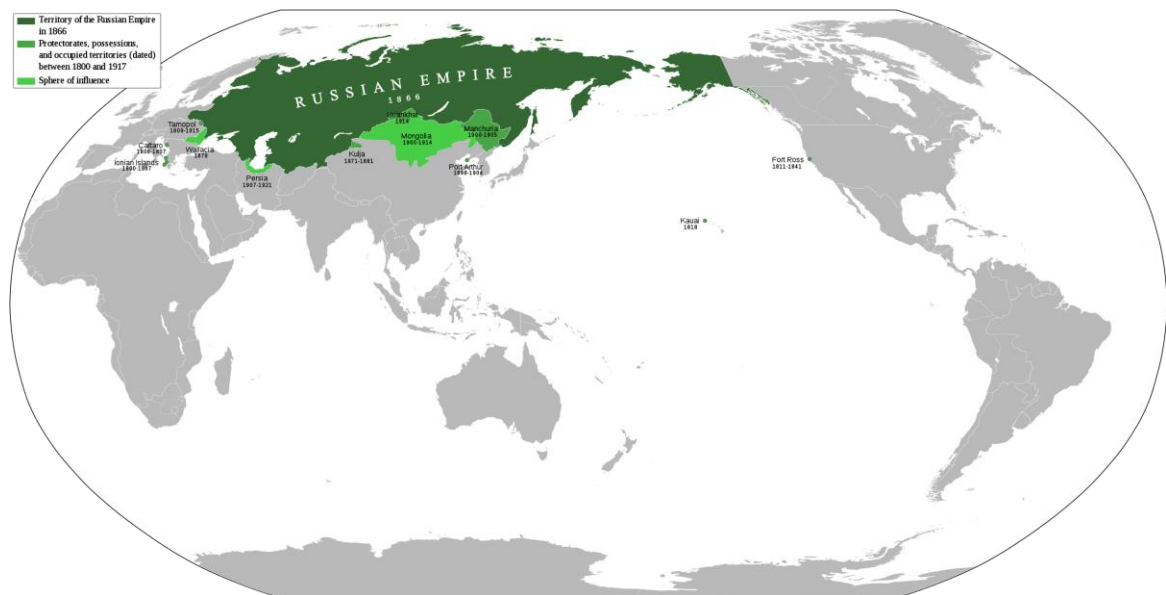
Apesar de um período de tranquilidade para o povo judeu nos séculos VIII ao X e sob o domínio dos mongóis de XIII a XV, na maior parte do tempo da história da humanidade, esse povo teve uma vida marcada por sofrimento e miséria. Os ensinamentos da igreja russo-ortodoxa, que incorporava em seu âmago o antissemitismo e influenciava seriamente a política imperial, eram uma especial justificativa para a incitação da discriminação e da violência contra aquela que era considerada a mais “desprezível” minoria étnica que vivia sob o regime czarista: a comunidade judaica. Segundo o jornalista Irineu Franco Perpetuo, em coluna para a Folha de São Paulo em 2018, um líder judeu abordou Catarina II, a Grande, em 1787 com um pedido: que ela abolisse o uso da palavra pejorativa “jid” para designar os judeus nos documentos oficiais. “A czarina concordou. A palavra russa correta para esse fim é ievriêi”:

Na literatura a palavra é amplamente usada por Fiódor Dostoiévski (1821-1881), que destila seu antissemitismo em *Diário de um Escritor*, onde chegou a escrever: ‘Os jidy

(plural de jid) irão beber o sangue do povo e se alimentar de sua depravação e humilhação, mas, como irão sustentar o orçamento, será preciso apoiá-los¹

Mas, em 1791, ela tratou, por exemplo, de definir a *Pale of Settlement* ou Zona de Residência onde os judeus foram forçados a morar. Conta-nos a Professora Dra. Dina Lida Kinoshita:

...englobava os atuais territórios da Letônia, Estônia, Lituânia, Ucrânia, Belarus, Moldávia e parte da Polônia, uma vez que fora partilhada entre os impérios Czarista, Austro-húngaro e Prussiano no final do século XVIII. Mais de 90% da população judaica foi forçada a viver nesse território em condições miseráveis. (KINOSHITA, D., L., 2000)



Figuras 1: Império russo no auge de sua expansão territorial e o pequeno território onde os judeus deveriam permanecer concentrados.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Russian_Empire-en.svg

¹ <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/falando-russo-termo-pejorativo-reflete-discriminacao-a-judeus.shtml>

Como pode se notar, ao longo da história dos judeus na Rússia, esse povo carregou consigo o jugo de uma imagem deturpada que, com ele mesmo, cruza fronteiras e séculos, numa espécie de antropologia de si mesmo e de sua imagem, de sua própria imagem como coisa, veículo e sentimento, que o faz dar vida às imagens de outros de seu povo, numa noção de algo que continua vivo, apenas se transfere de um para o outro numa espécie de imortalidade elíptica. Muito antes da existência da fotografia ou do cinema, ou da história da arte no Renascimento, imagens mentais, não pictóricas, sobre os judeus, foram sonhadas ou idealizadas de maneira refratária por muitos, carregando consigo, em seus corpos, a capacidade de visualizar no judeu uma presença a ser odiada, um olhar motivado por um ambiente antissemita que bebe de fontes muito antigas. Hans Belting, em conferência² sobre seu livro *Antropologia da Imagem*, nos ensina que essas imagens mentais que todos criamos em nossas memórias aconteceram quando nossos sonhos dominam nossos pensamentos ou surfam num discurso simbólico.

O uso de imagens vivas de algo morto testemunha o desejo de representar imagens como a presença de uma ausência. Esse é o paradoxo que existe: a presença de uma ausência. Como você pode fazer a ausência presente? Por meio de imagens icônicas. A presença, em sua capacidade de imagem, por sua vez, depende tanto da escolha de um meio quanto do olhar de nosso corpo vivo. As imagens testemunham a ausência do que elas fazem presente em virtude de um dado meio. E nós precisamos que elas apareçam para nós por meio de sua existência material visível. Ausência, entendida como invisibilidade e presença entendida como visibilidade são a instância final de uma experiência corporal na qual imagens se transformam... ...A ausência não é apenas a perda de uma presença, mas um culto à morte. (BELTING)

As perseguições se tornaram ainda maiores a partir de Alexandre III (governou de 1881 a 1894), que contou com a ajuda do procurador do Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Constantino Pobedonostsev para intensificar a russificação nas províncias com imposição da língua, religião e cultura. Nesse período viveu em Odessa – a mais judia das grandes cidades do Império Russo – Leo Pinsker (1821-1894), médico e autor de um ensaio sobre a autoemancipação judaica. Ele dizia que a judeofobia é uma doença psíquica.

O mundo viu neste povo a estranha forma de um dos mortos caminhando entre os vivos. A aparição fantasmagórica de um cadáver vivo, de um povo sem unidade ou organização, sem terra ou outros laços de unidade, não mais vivo, mas caminhando entre os vivos - esta forma espectral sem precedentes na história, diferente de tudo

² <https://www.youtube.com/watch?v=f7LWKGQXOXM>, acessado em 21/10/2018

que precedeu ou sucedeu isso, mas poderia afetar estranhamente a imaginação das nações. O medo do fantasma judeu foi transmitido de geração em geração e através dos séculos. Primeiro um criador de preconceito, depois em conjunto com outras forças que vamos discutir, culminou na judofobia. A judeofobia, junto com outros símbolos, superstições e idiosincrasias, adquiriu fobia de legitimidade entre todos os povos da terra com quem os judeus mantinham relações. Judeofobia é uma variedade de demonopatia com a distinção de que não é peculiar a raças particulares, mas é comum a toda a humanidade, e que este fantasma não está desencarnado como outros fantasmas, mas participa de carne e sangue, deve suportar a dor infligida pelos medrosos multidão que se imagina em perigo. Judeofobia é uma aberração psíquica. Como aberração psíquica, é hereditário e, como doença transmitida por dois mil anos, é incurável. É esse medo de fantasmas, a mãe da judeofobia, que evocou esse ódio abstrato, eu poderia dizer platônico, graças ao qual toda a nação judaica costuma ser responsabilizada pelos crimes reais ou supostos de seus membros individuais, e ser caluniado de tantas maneiras, ser esbofeteado de maneira tão vergonhosa. (PINSKER, 1882).

A caçada na Rússia ao povo judeu o deixou ainda mais amedrontado e, a partir dos anos 80 do século XIX, ele começou a migrar intensamente, segundo nos conta a Professora Dina Lida. “Muitos deles foram para a Inglaterra e enriqueceram por lá. Mas eles não eram bem quistos. A aparência do judeu que vem do Leste, barbudo, com aquelas roupas quase que medievais, incomodava os ingleses mais cultos, que queriam se livrar daquela população. Não era uma situação cômoda para a Inglaterra.³”.



³ Entrevista concedida pela Professora Dina Lida Kinoshita em 02/05/2019, em SP.

Figura 2: Judeus da região Cáucaso, por volta de 1898. **Fonte:** https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/Caucasian_Jews_with_chokha.jpg, em 17/03/2020

O governante que sucedeu a Alexandre III foi considerado o “Czar dos Pogroms⁴”. Na história judaica, o czar Nicolau II (permaneceu no trono de 1895-1918), o último da dinastia dos Romanovs, ficou conhecido como Czar dos Pogroms, pois com ele se iniciava um período especialmente obscuro e de extremo sofrimento para os judeus. Entre 1903 e 1907 ocorreram 284 pogroms na Rússia incentivados pelo governo, sendo o mais marcante deles o sangrento Pogrom de Kishinev (hoje Moldávia), em abril de 1903, descrito pelo jornal americano The New York Times:

As desordens antijudeus em Kishinev, na Bessarábia, são piores do que o censor permitirá publicar. Houve um plano organizado para o massacre aos judeus no dia a seguir à páscoa russa. A gentalha foi liderada por padres e o grito geral ‘Matem os Judeus’, fez-se ouvir por toda a cidade. Os judeus foram tomados desprevenidos e abatidos como ovelhas. O número de mortos chega aos 120 e os feridos cerca de 500. As cenas de horror do massacre são indescritíveis. Bebês foram literalmente desfeitos em pedaços pela multidão enfurecida. A polícia local não fez qualquer tentativa de conter o reino do terror. Ao pôr do sol, as ruas estavam cheias de cadáveres e de feridos. Aqueles que conseguiram escapar fugiram aterrorizados e a cidade está agora praticamente deserta de Judeus. (“Jewish Massacre Denounced,” The New York Times, 28 de abril de 1903, p. 6)

O relato do The New York Times assume claramente a posição dos Estados Unidos a favor do povo judeu. O uso do adjetivo “gentalha” para se referir ao que Gabriel Tarde conceitua como “multidão” (católica, no caso) que praticou os assassinatos, e a comparação pelo termo “abatidos como ovelhas” em referência às vidas inocentes mortas, deixa evidente o

⁴ “*Pogrom* é uma palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”. Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países. Acredita-se que o primeiro incidente deste tipo a ser rotulado pogrom foi um tumulto anti-semita ocorrido na cidade de Odessa em 1821. Como termo descritivo, a palavra “pogrom” tornou-se de uso comum durante as grandes revoltas anti-semitas que aconteceram na Ucrânia e no sul da Rússia, entre 1881 e 1884, após o assassinato do Czar Alexandre II. Durante o período do nazismo na Alemanha e no leste europeu, assim como havia acontecido na Rússia Czarista, os pretextos para os pogroms eram ressentimentos econômicos, sociais, e políticos contra os judeus, reforçando o já tradicional anti-semitismo religioso. Os perpetradores dos pogroms os organizavam localmente, algumas vezes com o incentivo do governo e da polícia. Eles estupravam e matavam suas vítimas, além de vandalizar e roubar suas propriedades. Durante a guerra civil que se seguiu à Revolução.” (<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/pogroms>)

posicionamento contra o massacre em Kishinev, felizmente. Isso se dá, porque nenhum meio técnico é puro e neutro. E o referido jornal não tem receio de assumir sua posição política. Mais que isso, por causa de sua intencionalidade, ele deixa de ser meramente um meio técnico para se tornar um meio comunicativo. Isso acontece quando sua intencionalidade fica clara para o emissor ao ponto de ele criar os mecanismos para redigir a notícia adequada à sua intencionalidade. O que o público americano da época recebeu, foi a intencionalidade. “A política se faz em decorrência da intencionalidade e o modo como a intencionalidade se faz política” (FERRARA)⁵.

O aspecto comportamental dos assassinos, claramente influenciado pela política antissemita do Czar e pela liderança cega da poderosa igreja ortodoxa, pode ser muito bem compreendido no que Tarde chama de “multidão atuante”. Ele diz que poucos foram os prisioneiros libertados por uma multidão, mas muito foram os linchamentos. Normalmente as multidões não constroem, as multidões destroem. O texto do noticiário americano fala também que aquela massa foi conduzida por padres. Tarde diz que “a multidão é o grupo social do passado; depois da família, é o mais antigo de todos os grupos sociais”. Ela desaparece “quando seus líderes cessam de tê-la *in manu*, quando ela deixa de ouvir a voz deles”. Também foi assim na cidade que hoje é a capital da Moldávia. Quando o líder religioso cristão decidiu que aquelas mortes eram suficientes para “dar a devida lição” nos judeus, a multidão se recolheu como se tivesse cumprido sua missão de (ódio e) fé.

A multidão, me geral, é muito menos homogênea que o público: não faltam curiosos para fazê-la crescer, semiadptos que não tardam a ser momentaneamente ganhos e assimilados, mas que não deixam de tornar penosa uma direção comum desses elementos incoerentes. (TARDE, 2005, p. 19)

Tarde comenta ainda sobre as multidões religiosas, que podem se tornar criminosas:

... se tornam capazes de crimes quando o encontro com uma multidão dissidente e contra manifestante ofende sua intolerância, não superior, mas somente igual à de uma multidão qualquer. Pois os indivíduos podem ser liberais e tolerantes, tomados à parte, mas, reunidos, tornam-se autoritários e tirânicos. Isso deve-se ao fato de as crenças se exaltarem por seu mútuo contato, não havendo convicção forte que tolere ser contestada. (TARDE, 2005, p. 34)

⁵ Fala da Professora Dra. Lucrécia D’Alessio Ferrara durante aula da disciplina Teorias Culturalistas da Comunicação no Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), em 07/08/2018.

Mas a multidão, neste caso, certamente seria mais pacífica se não estivesse sendo influenciada pela questão política que dominava a Rússia durante o regime autocrata de Nicolau II e a força que exercia sobre a igreja, por sua vez também muito beneficiada pelo Governo. É bem verdade, que Igreja e Governo até certo ponto se confundem quando o assunto é poder e dinheiro. Giorgio Agamben, citando Michel Foucault, em seu livro *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, nos relembra a noção de “dispositivo” do pensamento foucaultiano. O termo é perfeito para designar as duas instituições que moldaram o comportamento dos homicidas. Agamben resume a fala do filósofo francês em uma entrevista que este concedeu em 1977, embora Foucault nunca tenha propriamente produzido uma definição para “dispositivo”:

- a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder.
- c. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber. (AGAMBEN, 2009, p. 29)

Para Agamben, o termo latino dispositivo assume em si “toda a complexa esfera semântica” do que ele define como *oikonomia* (termo grego traduzido como administração da casa – *oikos* –, gerenciamento, forma de governar) teológica.

Os “dispositivos” de que fala Foucault estão de algum modo conectados com essa herança teológica, podem ser de alguma maneira reconduzidos à fratura que divide e, ao mesmo tempo, articula em Deus ser e práxis, a natureza ou essência e a operação por meio da qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser. Por isso os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito. (AGAMBEN, 2009, p. 38)

E, definitivamente, o clã Romanov, o mais poderoso dispositivo do gigantesco território russo até 1918, juntamente com a Igreja Ortodoxa Cristã Russa, fez de tudo para subjetivar o povo judeu.



Figura 3: Funeral após Pogrom de Kishinev. **Fonte:** <https://www.nytimes.com/2018/07/24/books/review/steven-zipperstein-pogrom.html>, em 20/10/2018

Analisando a fotografia do funeral após o Pogrom (Fig. 3), podemos assinalar que, assim como em qualquer outra imagem fotográfica, o que molda a cena ou, no caso, o acontecimento, é o olhar fotográfico. O que clica a imagem, cultural e politicamente, é o olhar do fotógrafo. A fotografia aqui não pode ser reduzida a apenas uma fotografia da cidade de Kishinev. É muito mais que isso. É a fotografia do modo de ver a cidade durante o trágico episódio, é o modo semiótico de ver a cidade, impregnado de comoção e dor diante da barbárie.

Para entender o fenômeno da imagem como representação do mundo, buscamos Lucrécia D'Alessio Ferrara, no ensaio *Os simulacros da simulação*, onde ela analisa Jean Baudrillard e seus interesses pelas consequências culturais decorrentes dos meios de propagação das imagens, tratando dos dois conceitos-chave que nomeiam seu texto. Entendemos na obra simulação, ou simular, como o contrário de dissimular, enquanto simulacro se refere a “modos de ser, a aparências, a imagens” (FERRARA). A imagem do funeral pós massacre, reproduzida em meios técnicos do mundo inteiro, especialmente jornais e revistas, principais veículos da época, trata-se de uma representação de um ato religioso e cultural, um simulacro de um jeito de se comportar de um povo em um momento de dor, que simula, “finge” ter domínio sobre seus sentimentos e ser forte, não tendo espaço para tamanha fortaleza frente à barbárie. Tem-se apenas a sensação de. A imagem, ao mesmo tempo em que copia a realidade,

coloca-se no lugar dela, dificultando o entendimento da fronteira com o real. “Nos dois casos, temos dissimulação ou simulação do real e do mundo.” (FERRARA).

O que a imagem tem, ou a que se refere? Refere-se ao mundo que representa e nela está mimeticamente contido e, até mesmo, mais bem desenvolvido, porque mais convincente. Nesse sentido, simulação e dissimulação são equivalentes, não fingem ser, porque ambas se definem pelo mesmo referente que se tem ou não se tem, ou seja, enquanto mimese do mundo, o elemento que justifica a simulação é a existência do mundo, do real, em relação ao qual ela seria, em princípio uma ausência que precisa ser superada. Nesse sentido, o sentido da simulação seria superar a ausência e apresentar-se como substituição daquilo que não a contém. (FERRARA, 2018, p. 47)

Essa relação com a realidade que a imagem substitui nos faz refletir sobre algo que, segundo Baudrillard, mascara uma realidade profunda ou sua ausência. Ou mais que isso, não possui semelhança com qualquer realidade, é apenas seu simulacro, já que não seria possível, para quem não está inserido na cultura judaica, absorver o que há de real por trás desses rostos, dessas expressões desoladas, dessas vestes, destes caixões padronizados. Há um território bem mais profundo que a imagem não é capaz de capturar ou, se é, não interpreta por si só. Quem interpreta é o olhar.

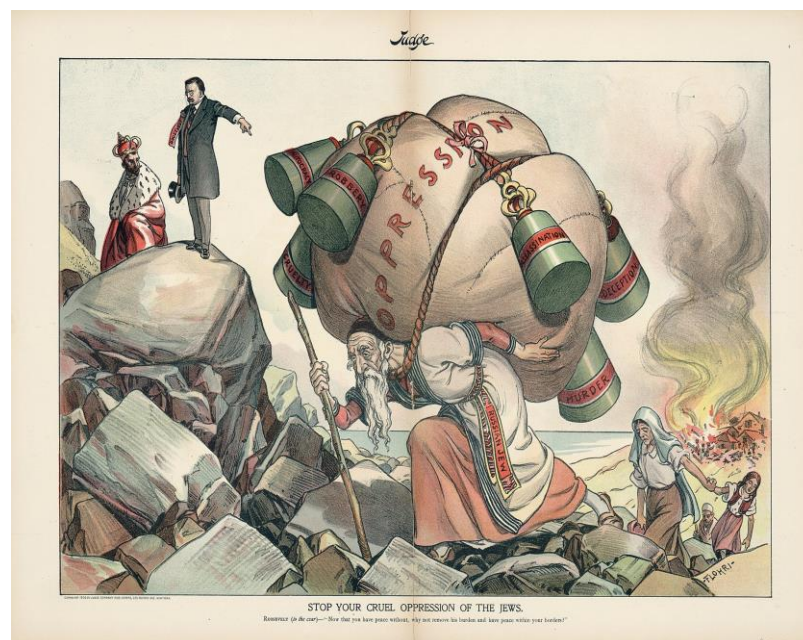


Figura 4: Na litografia de 1903, vemos o então presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, dizer ao czar Nicolau II, da Rússia: "Pare com sua cruel opressão aos judeus". **Fonte:** Jornal satírico Judge (1881-1947) via Biblioteca do Congresso Americano

Interessante perceber que o povo cuja religião não permite o culto a imagens, foi retratado e ilustrado em um sem-número de meios, esteve presente em charges e teve sua imagem reproduzida e replicada em todos os cantos do mundo. Na Rússia, sempre de maneira negativa, em outras partes do globo, na grande maioria das vezes, como os “coitados”, aqueles pelos quais deveríamos sentir compaixão e pena. Os judeus se viram nessas imagens que, segundo seus costumes, poderia representar uma verdadeira heresia. É bem verdade que de maneira alguma há um culto às imagens dos judeus. Muito pelo contrário, estes eram demonizados. Poderia haver certo culto às avessas do demônio representado na figura de um homem desse povo, por exemplo? Esse maniqueísmo que dividia o mundo entre o bom (os não judeus) e o mal (os judeus) tinha como objetivo a destruição de uma população inteira, como se esta não fosse formada por gente semelhante a qualquer outro grupo étnico, tratando-se apenas de imagens de “subpessoas” cuja presença incomodava. Talvez, durante esse longo período de perseguição, os judeus quisessem mesmo era ter a mesma invisibilidade do Deus que adoram. Sobre o que as pessoas da época enxergavam quando viam um judeu, cabe citar a professora Mercedes Arriaga Flórez, que escreve a apresentação da obra “A era da iconofagia – reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura”, do professor doutor Norval Baitello Junior. Em outro contexto, que cabe aqui como uma luva, ela diz que:

Grande parte de nossas reações e sentimentos sobre pessoas e situações do mundo não derivam de nossa experiência direta, senão de nossas imagens mentais (incluem-se aqui todos os estereótipos a que se referem as pessoas que conhecemos e os prejuízos contra as minorias, os diferentes, os estrangeiros que não conhecemos). (BAITELLO JR., 2014, p. 8)

Na obra *Il culto dele imagine*, Belting nos conta que semelhança e presença são duas qualidades das imagens muito importantes. Semelhança é um conceito que tomamos muito facilmente quando pensamos na ideia de fé, de que somos feitos à imagem e semelhança de Deus. Mas o que é semelhança, no que consiste? Presença, é outra coisa. Em muitas religiões e outros contextos sociais, a presença é necessária para a autoridade, para a autoridade divina que é feita presente por meio de uma imagem que a representa. No monoteísmo, nas tradições judaica e muçumana, a religião virou-se contra a presença icônica de qualquer tipo. Mas essa posição já pressupõe que há presenças icônicas na religião de outros, que judeus e muçumanos podem reagir contra.

A interdição das imagens divinas protege a invisibilidade contra a rica tradição de representar deuses invisíveis com distinta visibilidade por meio de ídolos. No monoteísmo a invisibilidade não é representada por imagens visíveis, mas a invisibilidade se representa contra a visibilidade de imagens (BELTING).

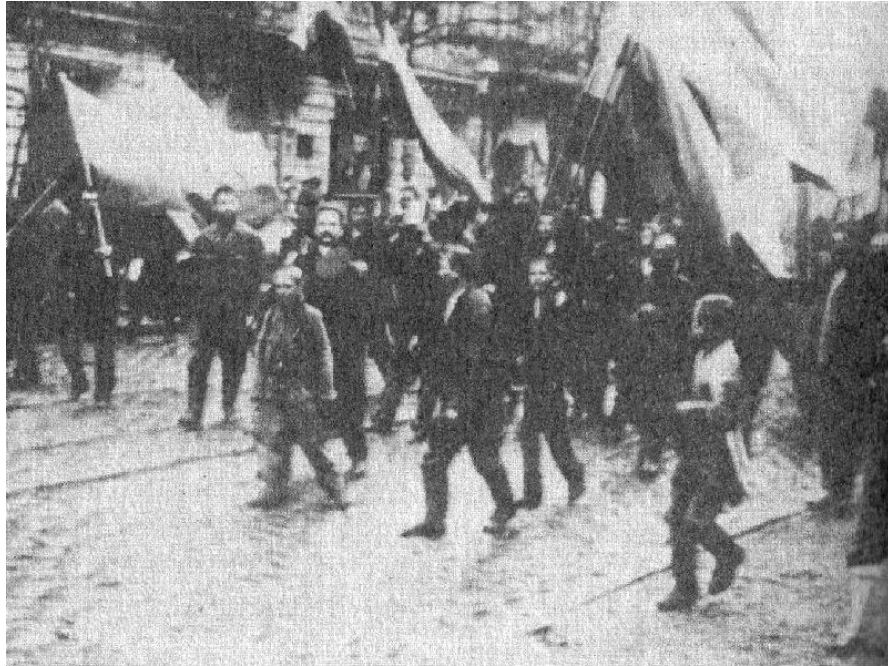


Figura 5: Manifestantes marchando em direção ao Palácio de Inverno. **Fonte:** https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bloody_sunday.jpg, em 20/10/2018

Na cena política, houve a Revolução (frustrada) de 1905 durante seu reinado, com a tentativa de derrubar o czarismo na Rússia. Surgiu nessa revolução uma forma inédita de luta da classe trabalhadora contra a então monarquia absolutista e autocrática que não permitia partidos políticos, não tinha parlamento ou constituição. “Entre 1900 e 1905, a economia e a colheita não foram bem. E de fevereiro de 1904 a setembro de 1905 ocorreu a Guerra russo-japonesa, que desarticulou ainda mais a economia russa. Esses fatores conjugados levaram a uma onda de protestos, greves e rebeliões a partir do Domingo Sangrento, de 9 de janeiro de 1905”, segundo nos conta Segrillo (pág. 154). Greves estouraram por todo o país e os socialistas organizaram dois partidos ilegais: os Social-Democratas (divididos em bocheviques e mencheviques⁶), que defendiam o socialismo a partir do proletariado industrial; e os Socialistas Revolucionários, que pregavam um socialismo de base agrária. Nesse período de revolução

⁶ O termo bolchevique, do russo, significa “maioritário”. Eram assim chamados os membros do Partido Operário Social-Democrata Russo liderada por Lenin.

também surgiram os *soviet*, como nova forma de organização da classe trabalhadora que passava a se autogovernar. Era uma tentativa de o povo de se organizar frente ao que Lazzarato chama de “Sociedade de Controle”. A Rússia da época era um belíssimo exemplo de sociedade disciplinar, não apenas porque usada de dispositivos como escolas, hospitais, fábricas entre outros para aprisionar a multiplicidade. Citando Deleuze em sua obra *As Revoluções do Capitalismo*, Lazzarato lança que aquilo que “é aprisionado é o fora”.

O que é enclausurado é o virtual, a potência de transformação, o devir. As sociedades disciplinares exercem seu poder neutralizando a diferença e a repetição e sua potência de variação (a diferença que faz diferença), subordinando-a à reprodução. A docilização dos corpos tem a função de impedir qualquer bifurcação, roubando dos atos, das condutas, dos comportamentos, qualquer possibilidade de variação, toda a sua imprevisibilidade. (LAZZARATO, 2006, p. 69).

Queriam a todo custo docilizar os que não se adequavam ao regime, em especial o povo judeu. Assim, era preciso neutralizar tudo aquilo que não fosse originalmente idealizado pelo czarismo, retirando de cena tudo aquilo que pudesse variar para tornar o povo uma espécie de robô com programação definida, zumbi em marcha para o nada e sem objetivo senão aquele de servir o governo. Para controlar as massas, o czar fez uma última concessão, o chamado Manifesto de Outubro, idealizado por Sergei Witte, que dizia respeito à criação de um parlamento legislativo e a legalização de partidos políticos. Com isso, o governo foi retomando aos poucos o controle do país, apesar de abalado com a derrota para o Japão na Guerra russo-japonesa. Mas a ansiedade por tornar esse processo mais ágil, fez o czar perseguir ainda mais os judeus – usados como bode expiatório pelos males da Rússia. Ele queria convencer os camponeses de que o movimento revolucionário era um movimento judaico, que visava dominar toda a Rússia. O czar quis "afogar a revolução bolchevista no sangue judeu" (Revista *Morashá*, Ed. 40, 03/2003). Apenas em um mês, em outubro de 1905, 660 comunidades judaicas foram atacadas.

Em Odessa, 300 judeus foram mortos e dezenas de milhares perderam todos os seus bens. Um grupo paramilitar, chamado "Centúrias Negras" (braço armado da Liga do Povo Russo), foi organizado para acabar com a oposição ao czarismo. Estava pronta a contraofensiva que deteria a Revolução. A Liga do Povo Russo foi o primeiro instrumento moderno do antissemitismo russo. Seu alvo eram todos os judeus, indiscriminadamente. Entre as pessoas assassinadas havia burgueses liberais e industriais proeminentes. Para atizar ainda mais o ódio contra os judeus, o governo

passou a publicar e distribuir panfletos incendiários. Entre 1903 e 1916, foram distribuídas 14 milhões de cópias de 2.873 panfletos antissemitas. Muitos eram impressos nos escritórios do Ministério do Interior. (Revista Morashá, Ed. 40, 03/2003)

As imagens negativas que povoavam o imaginário dos russos em relação ao povo judeu eram ainda mais acentuadas pela influência das publicações feitas pelo Governo. Estes panfletos eram os veículos que transportavam as imagens pejorativas e discriminatórias dos judeus na época dos czares, veículos que Aby Warburg chama de *Bilderfahrzeuge*.

Um destes panfletos descritos na reportagem da Revista Moarashá se tornou o mais conhecido texto antissemita de todos os tempos: Os Protocolos dos Sábios de Sião. O documento foi editado pela primeira vez na Rússia em 1903. Há dúvidas sobre sua origem e autoria.

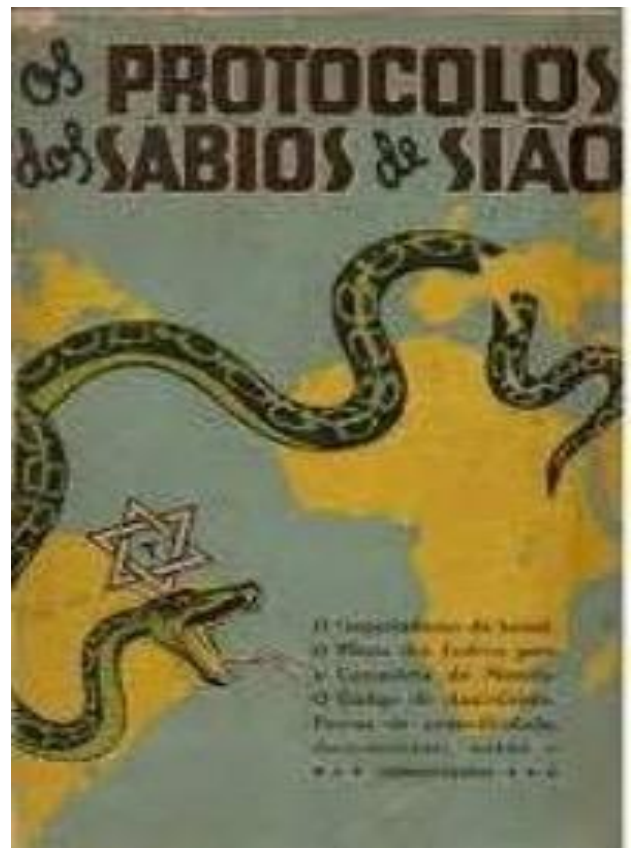
A criação da história... ...foi arquitetada em Paris... O anônimo autor trabalhava para a polícia secreta russa e seguramente influenciou a política do Czar Nicolau II. Ele adaptou um velho panfleto político francês, de autoria de Maurice Joly, que atribuía ambições de dominação mundial a Napoleão III. O panfleto tratava de um diálogo entre Maquiavel e Montesquieu e não continha a menor alusão aos judeus ou ao judaísmo. Este “diálogo” se transformou nos “protocolos”... (CAMPAGNANO E PETRAGNANI, 2007, p. 142)

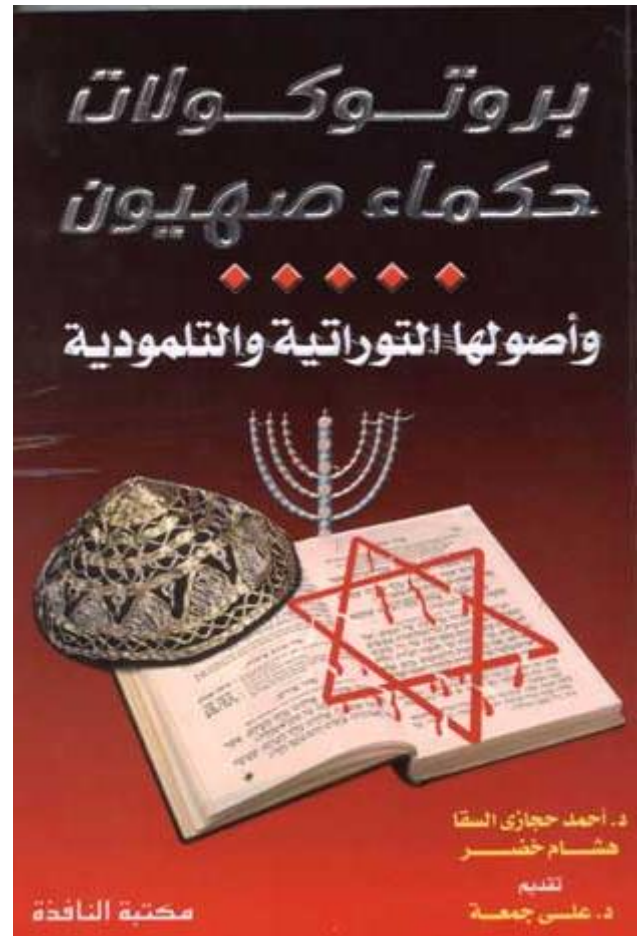
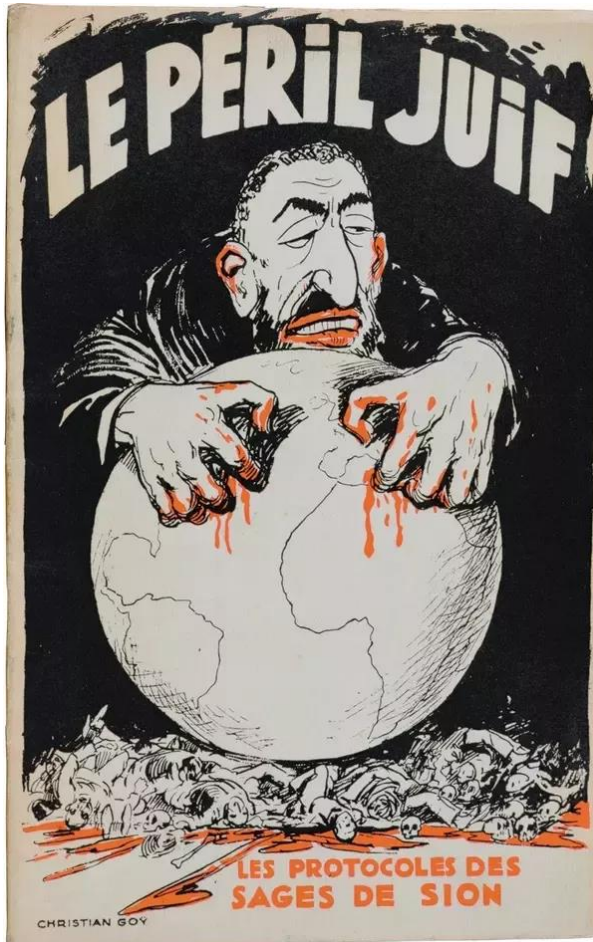
Segundo a jornalista Patrícia Queiroz, em matéria publicada em 2016 para a revista SuperInteressante, evidências apontam a polícia secreta russa, a Okhranka, como responsável pela elaboração dos Protocolos dos Sábios de Sião. “O escritor Sergei Nilus, agente da Okhranka, teria sido o autor da primeira versão integral dos Protocolos em russo” (SUPERINTERESSANTE). A crise decorrente da transição do feudalismo para o capitalismo na Rússia manchou a imagem de Nicolau II perante o povo. “Como estratégia para tirar o foco do governo, a Okhranka ‘providenciou’ outros culpados, publicando os Protocolos e acusando os judeus de serem os responsáveis pela crise” (SUPERINTERESSANTE). A publicação foi desmascarada como óbvia fraude poucos anos após sua primeira impressão, mas, naquele momento, ela atingiu seu sombrio objetivo enquanto meio comunicativo de caráter funcional cumpridor de um contrato coercitivo que surge dos “processos emissivos para atingir o receptor” (FERRARA).

As teorias conspiratórias, midiaticizadas pela comunicação, passaram a fazer parte da formação de uma cultura antissemita. Cultura esta entendida como consequência da

Comunicação. O *modus operandi* comunicacional do Governo russo foi responsável pela disseminação do ódio contra essa minoria religiosa e étnica. O povo russo, com sua cultura ocidental, tinha dificuldade de entender aquilo que fugia do padrão. O padrão seria: se russo (X), fala russo e professa a fé cristã (Y). Se X, então Y. Ser russo é a causa, falar russo e professar a fé cristã são efeitos. Os judeus russos não seguiam esse princípio da casualidade, que marca o mundo e a cultura oriental. Este grupo populacional falava, em terras russas, o iídiche ou o hebraico e professava a fé judaica onde não há a figura de Cristo enquanto Deus na terra.

Curiosas as imagens pictóricas que se fazem presentes nas capas da publicação ao longo de suas edições. Na primeira delas, o judeu é representado por uma espécie de polvo pré-histórico que envolve um dos mais conhecidos símbolos da religião judaica, a Estrela de Davi. A criatura assustadora tem traços humanos, como cabelos, olhos e um nariz aquilino muito usado em charges e caricaturas pejorativas para representar o povo judeu como se essa fosse uma de suas características físicas mais marcantes. A estrela está totalmente envolvida pelo polvo gigante e provavelmente representa a noção de mundo, dominado pelos judeus em sua integralidade. Na segunda capa aparece a figura da serpente tão estudada por Aby Warburg em sua viagem à região dos índios Pueblos na América do Norte.





Figuras 6, 7, 8 e 9: Reprodução de capas da farsa *Os Protocolos dos Sábios de Sião* no Brasil, na França e no Egito. O documento foi publicado no Brasil a partir de 1936. **Fonte:** Enciclopédia do Holocausto Online, do Museu Memorial do Holocausto, EUA.

Aqui a serpente é ameaça, destila veneno e mostra suas presas num movimento de viagem pelo mundo, saindo da Europa e chegando às Américas, em especial ao Brasil, onde sua capacidade mortal estava se instalando. Warburg seguramente iria mais além nesta rápida interpretação que ousou fazer. Afinal, para ele, a imagem não é algo composto apenas pelo óbvio, mas é formada por uma multiplicidade de influências de âmbito psicológico, antropológico e histórico que se iniciam e findam dentro da própria imagem. Neste sentido, a imagem é produto e produz, é criatura e cria. Acreditamos, assim como o professor Norval Baitello Junior, que as todas as imagens carregam consigo valores que “sustentam os vínculos entre o homem e suas raízes históricas” (BAITELLO JR, 2014, p. 21). Assim, a mídia faz uso de uma imagem que, intrinsecamente, valoriza esse vínculo com mau, por milênios associado ao povo do deserto, que está acostumado a conviver com a serpente, do mesmo habitat, também sobrevivente em um lugar inóspito. Neste sentido, homem e animal são um só, levando à construção de uma

imagem muito poderosa e ameaçadora, capaz de envolver, enfeitiçar e, por fim, matar. A terceira capa, francesa, traz um novo título acima do tradicional, que diz *Le Péril Juif* (O Perigo Judeu). O editor quer mostrar o personagem da narrativa, com boca e orelhas molhadas de sangue, cravando suas “garras” no mundo, uma delas sobre a Europa, enquanto o globo jorra sangue e esmaga populações não judaicas. As caveiras propositais visam demonstrar que essa “opressão” não é recente. Ao lado, uma recente publicação egípcia com elementos da religião, como a kipá⁷, uma menorá⁸ em velas e a Torá, carimbada com sangue, em forma da Estrela de David⁹.

A publicação de *Os Protocolos dos Sábios de Sião* é um exemplo de um fenômeno anterior à midiaticização, que Stig Hjarvard chama de processo de dupla face, pelo fato de que a mídia se converteu numa instituição “semi-independente na sociedade à qual outras instituições têm de se adaptar”. E, ao mesmo tempo, “a mídia se integrou às rotinas de outras instituições, como política, família, trabalho e religião”. O fato de esta mídia específica ter sido disseminada pela instituição polícia russa; de ter um poder sobre a população que crê na mídia como crê em Deus; e de outra instituição, a igreja russo ortodoxa, tê-la usado como importante material independente para justificar seus meios; são, justamente, provas cabais de um processo de pré-midiaticização. A família russa cristã estava ameaçada com as práticas judaizantes dos chamados estrangeiros que iriam tomar seus empregos, suas terras e todos os seus bens, segundo afirmava a mídia antissemita do livro. Anos mais tarde, no Brasil, essa influência da “literatura” (se é que podemos nomeá-la assim) enquanto mídia levou imortais da Academia Brasileira de Letras a se tornarem disseminadores de seu conteúdo fraudulento. O livro, como mídia, quase que se tornou uma instituição com vida própria, cheia de autoridade, forçando outras instituições a subjugar-se à sua lógica. Na verdade, nesse período, a mídia era um instrumento na mão da instituição Governo. Diz-se que a midiaticização é um fenômeno pós-moderno, que nasce a partir de 1989, mas podemos verificar com clareza que os primórdios do que hoje chamamos de midiaticização datam de bem antes e que, guardadas as devidas proporções com a atualidade e a profusão de meios de massa que atingem milhões de pessoas ao mesmo tempo, a influência que os meios da época exerciam na população muitas vezes podiam ser ainda mais forte e decisiva.

⁷ Peça de vestuário utilizada como símbolo de temor a Deus, lembra que acima dos homens está Ele. Há outras formas de cobertura para a cabeça com o mesmo fim, como chapéu, boina ou xale (talit). Apenas os homens usam a kipá e, para os não ortodoxos, apenas em ocasiões solenes ou em serviços religiosos

⁸ Candelabro de sete braços, um dos mais conhecidos símbolos do judaísmo.

⁹ Ou Escudo de David, é um símbolo conhecido como do judaísmo. O hexagrama é composto por dois triângulos equiláteros. Diferentemente de outros símbolos, como a Menorá, nunca foi exclusivamente judaico, nem exclusivamente religioso. Seu uso pelo judaísmo universal é herdado da literatura árabe medieval, como amuleto protetor.

Isso pode ser explicado pelo senso crítico bem menos apurado, pela inexistência de quem contradissesse aquilo que era publicado e pelo fato de quase que inexistirem meios que se manifestavam politicamente contra o poderio dos czares, simplesmente pelo fato dos envolvidos serem punidos com o derramamento de sangue. A própria sociedade russa foi midiaticizada, estava submetida aos meios controlados pela família Romanov, tornou-se escrava da lógica dos instrumentos midiáticos manipulados. Hjarvard nos explica que até a década de 1920, os meios de comunicação funcionavam como instrumentos pertencentes a outras instituições, orientados por interesses particulares com o propósito de causar persuasão e agitação a partir de interesses específicos.

Voltando à história, a comunidade judaica estava sendo devastada e as pessoas procuravam uma escapatória, na Rússia ou longe dela. Como essa população era essencialmente urbana, logo aderiu às manifestações revolucionárias que buscavam destronar o czar. Como consequência, surge o Bund¹⁰, em 1890, como um movimento socialista judaico entre aqueles que permaneceram na Europa lutando. Outros, igualmente politizados e/ou simplesmente ávidos por dias melhores, migraram em massa em busca de terras menos inóspitas. Na mesma época, Vladimir Ilyich Ulianov, mais conhecido pelo pseudônimo Lenin¹¹, tornou-se uma importante figura do Partido Operário Social Democrata Russo.

De 1881 a 1914, cerca de 2,5 milhões de judeus deixaram a Rússia. Antes dessa grande emigração, eles eram cerca de 7,5 milhões no país. A população que ficou, 5 milhões de pessoas, permaneceu constante devido à sua alta taxa de natalidade. A grande maioria foi para os Estados Unidos, mas também receberam imigrantes o Canadá, a Argentina e o Brasil, nessa ordem em termos de quantidade de pessoas. Uma grande leva dos que migraram foi ajudada pelas mãos do homem considerado pelo povo judeu o maior filantropo de todos os tempos: o alemão residente em Londres Maurice de Hirsch, conhecido como o Barão Hirsch, um grande magnata. Ele foi responsável pela construção de comunidades e escolas judaicas no Brasil e em outros países a partir da fundação da sua *Jewish Colonization Association* (JCA), em 1891, em Londres. A associação internacional ajudou a salvar milhares de vidas. Segundo o jornalista Jaime Spitzcovsky, para a revista Morashá:

¹⁰ A União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia, conhecida como Bund, foi uma importante organização política judaica de esquerda.

¹¹ Lenin foi um indivíduo controverso. É visto pelos marxistas e por seus seguidores como um herói do socialismo e dos trabalhadores. Mas críticos de esquerda e de direita o classificam como o líder de um regime autoritário que violou os direitos humanos. De fato, dezenas de milhares de oponentes foram mortos ou enviados aos campos de concentração pelo serviço de segurança estatal, enquanto governou a União Soviética.

O barão apostava numa reorganização do perfil daquelas comunidades, voltadas sobretudo a atividades comerciais e artesanais de pequena escala, livrando-as, por exemplo, da proibição de se dedicarem à agricultura. O projeto também estendeu seu braço ao Brasil, chegando aqui após a morte do barão Hirsch, com a criação de núcleos como Philippson e Quatro Irmãos, no Rio Grande do Sul. Essa onda migratória atingiu seu ápice entre 1904 e 1914. Ao longo dos anos... ..as colônias se diluíram, com o êxodo de seus habitantes a centros urbanos. Hoje, há apenas alguns resquícios da presença judaica em rincões dos pampas argentinos e terras gaúchas. Interior. (Revista Morashá, Edição 77, 08/2012)

Essas comunidades margeavam ferrovias construídas pelo Barão, que chegavam até a Argentina, a fim de se alcançar mais facilmente o porto de Buenos Aires. Hirsch era um grande importador de trigo e carne da América do Sul para a Europa. Também por questões comerciais, ele precisava povoar aquela região. A primeira colônia no Brasil, fundada a partir de 1904, denominada Philippson, recebeu cerca de 38 famílias provenientes da Inglaterra, Bessarabia, local de origem do professor, ensaísta e crítico de teatro Jacó Guinsburg, que entre outros locais do território russo, no Rio Grande do Sul. Já em 1909 a JCA comprou a fazenda Quatro Irmãos, na região de Passo Fundo, e outros imigrantes judeus se estabeleceram ali a partir de 1911. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, 350 famílias judias viviam em Quatro Irmãos.



Figuras 10 e 11: Primeiras famílias a fixar residência na colônia Philippson **Fonte:** Arquivo Histórico Judaico Brasileiro



Figura 12: Chegada a Quatro Irmãos. **Fonte:** Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

Partindo do princípio de que cultura é consequência da comunicação, a comunicação alimentou as percepções das multidões a respeito do povo judeu e sua cultura, criando a noção de uma subcultura do povo semita. Uma cultura que, sem prejuízo, poderia ser jogada no lixo, poderia ser exterminada. Mas em nosso país, pelo menos até aquele momento, os judeus estavam livres para exercer sua fé e sua cultura. Posavam para as fotos que seriam divulgadas pela *Jewish Colonization Association* em todo o mundo com seus melhores trajes. Pela primeira vez, em séculos, exerciam o direito de trabalhar na terra. Vê-se, pelo estilo de roupa, que eram essencialmente urbanos – por isso mesmo talvez logo tenham deixado os assentamentos e ido tentar a vida nas cidades –, posavam felizes para os fotógrafos que iriam imortalizar suas imagens, deixavam visível aquilo que os czares soterraram por dezenas de gerações. O invisível, entretanto, poderia ser explicado como algo que em certo tempo deixou de fazer sentido em suas memórias, passou a ser esquecido, muitas vezes por medo da sombra. O passado, entretanto, não estava morto. Como cultura é uma dimensão imortal, cair no esquecimento significava estar apenas arquivado, à espera de reciclagem (BAITELLO JR, 2014). Os judeus e suas imagens, puderam, no Brasil, então e finalmente, voltar à vida.

CAPÍTULO 2

II – OS PRIMEIROS JUDEUS A CHEGAR NA PENSÍNSULA ITÁLICA E SUAS IMAGENS

A época que marca a maior imigração dos judeus da Itália para o Brasil está compreendida entre 1938 a 1941, apesar da situação do povo se tornar extremamente desconfortável a partir de 1934, quando se tem início uma campanha antissemita em várias publicações apoiadas pelo regime fascista. O Manifesto Racista e, mais tarde, as Leis Raciais, que definem um apartheid entre italianos arianos de um lado e judeus e negros de outro, amplamente divulgados pelos media da época, torna insustentável a presença das minorias na terra Mussolini. Muitos se convertem ao cristianismo para fugir da perseguição, outros, sem condições financeiras de imigrar para plagas menos hostis, acabam morrendo em campos de concentração. Uma tragédia instalada, possivelmente causada pela distorção milenar da imagem de um povo, odiado por sua fé, etnia, costumes e cultura. Cabe explicar, paralelamente, a trajetória dos judeus na Itália, para compreendermos como a história se desenvolve do ponto de vista sociocultural e imagético.

Os primeiros registros da presença dos judeus em Roma datam de 161 a.C. e são relatados no Livro dos Macabeus, 8, da bíblia cristã, que conta a história da guerra entre Judeia e Síria helenizada, com destaque para a destruição do Templo de Jerusalém. Judas enviou alguns de seus à Roma para pedir auxílio àqueles que todos ouviam falar como bravos guerreiros.

17. Escolheu Judas a Eupólemo, filho de João, filho de Acos, e Jasão, filho de Elea-zar, e enviou-os a Roma para estabelecer amizade e aliança com eles, 18. Pedindo-lhes que os libertasse do jugo que os gregos, como estavam vendo, faziam pesar sobre Israel, reduzindo-o à escravidão. 19. Dirigiram-se eles a Roma, apesar da duração da viagem, e entraram no Senado, onde disseram: 20. Judas, também chamado Macabeu, seus irmãos e todo o povo de Israel nos enviaram até vós, para firmar aliança e paz e para que nos conteis entre vossos amigos e aliados. 21. Essa linguagem agradou aos romanos. 22. Eis a cópia da carta que os romanos mandaram gravar sobre tabuletas de bronze e enviaram a Jerusalém, para ali ficar como memorial de paz e de amizade de sua parte: 23. Prosperidade para sempre aos romanos e ao povo judeu, por terra e por mar! Longe deles a espada e o inimigo! 24. Se sobrevier uma guerra contra os romanos ou contra um de seus aliados, em todo o império, 25. O povo judeu tome as armas por sua vez, conforme o permitirem as circunstâncias, e

isso de boa vontade. 26. Não fornecerão aos adversários nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem navios, segundo a decisão dos romanos. Os judeus observarão esses contratos sem receber nada em troca. 27. Por outro lado, se for o povo judeu o atacado, os romanos tomarão armas voluntariamente por eles, conforme as circunstâncias o indicarem. 28. E não será fornecido aos combatentes nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem navios, de acordo com a vontade de Roma, e esses contratos serão observados sem fraude. 29. Por essas palavras os romanos aliaram-se com os judeus. (Macabeus, 8, Bíblia Católica Online)

O texto das sagradas escrituras aqui contemplado ganha a característica de imagem, uma vez que sobrevive ao tempo. O eterno Chronos, que governava o destino dos deuses imortais, perdeu a luta contra o deus único do povo de Israel, sendo este último o soberano imagético da construção da fábula do monoteísmo. A escrita bíblica, neste sentido, pode ser equiparada com uma carta em um sentido mais abrangente e desnuda o que Baitello Junior chama de “vínculos perdidos e soterrados pelo tempo e pela distância” para os dias de hoje e para o futuro. Como em outros documentos escritos, à época do registro informacional e cultural da ida dos Macabeus a Roma, a ideia de que escrever é escavar ou cortar a pele, de que a “escrita é irmã da carne e das entranhas”¹², se faz presente e perene mais do que nunca através do grande meio secundário da comunicação.



¹² Do capítulo 1 de *A Carta, O Abismo, O Beijo*, de Norval Baitello Junior.

Figura 13: Os Macabeus, de Wojciech Korneli Stattler (1800-1875). **Fonte:** Museu Nacional da Cracóvia.

Para ilustrar a presença dos judeus em Roma, já não mais vistos como aliados, faço uso da tela *Macabeus*, do artista polonês Wojciech Korneli Stattler (1800-1875), do acervo do Museu Nacional da Cracóvia¹³. Trata-se de uma ilustração envolvendo os judeus durante o Império Romano que, no caso da obra, deveriam renunciar à sua fé. Vemos à esquerda da imagem os soldados romanos, liderados por um comandante, obrigando os judeus a confessarem publicamente sua fé, mães desesperadas e crianças assassinadas a seus pés – uma consequência do não cumprimento da lei romana. O conteúdo é complementado por uma estátua de Júpiter, ao fundo, em um altar, segurando do lado direito um martelo (martelos em hebraico “makabim”, macabeus). Júpiter este tão presente nos estudos de Aby Warburg reunidos em *Histórias de Fantasma para Gente Grande*.

Chama-nos mais a atenção as mortes de mães e filhos, representadas em uma obra que dá a impressão de “imagem ao vivo”. A morte ao vivo. Imagem e morte – aspectos tão intrínsecos mencionados por Hans Belting no artigo *Por uma Antropologia da Imagem* (2005). Ele que, no ano de 1995, havia encontrado a melhor exemplificação para a compreensão da criação das imagens em colóquio dedicado ao significado de morte em diferentes religiões e culturas no mundo, traz no texto a noção de que “é no lugar do corpo ausente do morto que são instaladas as imagens”.

Mas essas imagens, por sua vez, permaneciam na carência de um corpo artificial, para ocupar o lugar vago do falecido. Aquele corpo artificial pode ser chamado meio (não só material), no sentido em que as imagens necessitavam de corporificação para adquirir qualquer forma de visibilidade. Nesse sentido, o corpo perdido é trocado pelo corpo virtual da imagem. É nesse ponto que alcançamos a origem da exata contradição que para sempre caracterizará a imagem: imagens, como todos concordamos, fazem uma ausência visível ao transformá-la em uma nova forma de presença. A presença icônica do morto, todavia, admite, e até mesmo encena intencionalmente, a finalidade desta ausência – que é a morte. Logo, a medialidade de imagens é originada da analogia ao corpo físico e, incidentalmente, do sentido em que nossos corpos físicos também funcionam como meios – meios vivos contra meios fabricados. As imagens acontecem entre nós, que as olhamos, e seus meios, com os quais elas respondem ao nosso fitar.

13 <https://zbiory.mnk.pl/en/search-result/catalog/404059> acessado em 19/03/2020

Elas se fiam em dois atos simbólicos que envolvem nosso corpo vivo: o ato de fabricação e o de percepção, sendo este último o propósito do anterior. Sobre corpo como meio comunicacional, faz-se imprescindível citar o cientista Harry Pross, que melhor explica a natureza do meio primário, o corpo, e todas as suas linguagens. O movimento do corpo vivo ou a inércia do corpo morto, seus odores, suas cores, os sentidos do corpo vivo e tudo que se manifesta nesse meio no encontro com outros corpos constituem o início de nossa relação com outras pessoas, o ambiente e a cultura. A obra pictórica de Wojciech Korneli Stattler é um meio secundário, como já explicaria Pross, em 1971, e, sua obra *Medienforschung* (Investigação da Mídia), que é alicerce para os estudos dos processos comunicacionais que se dão com os aparatos mediadores de forma complexa. Mas, ao analisarmos a leitura que o pintor faz da cena podemos verificar claramente a interação dos personagens por meio de seus corpos. O corpo, como mídia em toda a sua espacialidade, é a raiz do processo comunicacional que se dá no episódio dos Macabeus. A visão de Pross, enquanto precursor desta teoria da mídia ou *medium* (do latim, que significa meio ou vínculo pelo qual ao menos dois pontos se conectam), é esclarecedora nesta definição de corpo como mídia primária.

Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a esse ponto. (PROSS, 1972, p. 128)

Ele gera vínculos de dor, desespero, sofrimento, mas também de afeto e compaixão. Eles se apropriam do espaço e do tempo vivo, latente, e, entre si, estabelecem profundas conexões com os outros corpos, vivos e mortos, transmitindo informações de natureza sobre humana – especialmente se entendermos as relações de corpo entre criador e criatura, entre mães e filhos – para gerar uma riqueza comunicacional e cultural fundamental aos seres comunicadores e seu ambiente. Mas, voltando ao quadro, à imagem em si e a imagem por ele gerada e, sabendo que as imagens têm um caráter “antropológico”, para mencionar Warburg, o Museu Nacional da Cracóvia (onde ele se encontra) nos conta que a tela foi exibida por Stattler no Salão de Paris, ganhando a medalha de ouro de Louis Philippe, em 1842. “No entanto, não encontrando um comprador, ele a enviou a Odessa, esperando que fosse comprada por um representante da aristocracia polonesa. Mas o governo russo ordenou que a tela fosse removida por causa de conteúdo patriótico.” E esse meio, que é a pintura, nos liga à então “terra dos czares”, relatada por este trabalho no Capítulo 1.

Em A Milenária Presença de Judeus na Itália – resgatando a memória da imigração de judeus italianos no Brasil (1938-1941), as autoras Anna Rosa Campagnano Bigazzi, historiadora italiana, e Sema Patragnani, diretora de Comunicação e Publicações do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, traçam uma magnífica cronologia, à qual fazemos uso para resumir os principais fatos da presença desse povo na Itália e em outros países da Europa, antes de chegar à chamada era fascista.

¹⁴ Ano	Roma	Judeus
161 a.C.		Os judeus são reconhecidos em Roma como membros de uma missão diplomática enviada por Judas Macabeu. Nesta cidade eles começam a construir a mais antiga e ininterrupta diáspora judaica no mundo.
63 a.C.	Pompeu conquista Jerusalém.	Prisioneiros judeus são levados a Roma e vendidos como escravos.
45 a.C.	Júlio César é eleito ditador vitalício.	Os judeus apoiam Julio Cesar na luta contra Pompeu e dele recebem vários privilégios.
31 a.C.	Fim da República Romana. Otaviano, com o nome de Augustus, torna-se o primeiro imperador romano (27 a.C. - 14 d.C).	Augustus continua com uma política favorável aos judeus.
66-70 d.C.	Guerra na Judéia termina com a destruição do Templo de Jerusalém.	Parte dos prisioneiros, cerca de cem mil, são enviados a Roma.
212 d.C.	Caracala (211-217) proclama a <i>Constitutio Antoniana de civitate</i> .	Os judeus tornam-se cidadãos romanos com plenos direitos, sujeitos a todos os deveres civis.
313	Constantino proclama o <i>Édito de Milão</i> , que abole qualquer discriminação religiosa. Em particular	Constantino proíbe a conversão ao judaísmo. Proíbe também aos judeus

¹⁴ CAMPAGNANO e PATRAGNANI, 2007, p. 50.

	o cristianismo é declarado religião tolerada.	possuírem escravos cristãos. ¹⁵
380	Teodósio I proclama o cristianismo religião oficial do império e proíbe toda as outras crenças.	A religião judaica é tolerada. Inicia-se uma série de restrições aos judeus, que são progressivamente privados da maioria de seus direitos.
476	Queda do Império Romano do Ocidente.	Dispersão dos judeus para outras localidades da Península Itálica.

Especificamente sobre a guerra na Judeia, citada no quadro acima, detalhamos a passagem de Tito no ano 70 d.C. Seu pai, Flávio Vespasiano, enquanto líder do exército romano na Judéia – território que já pertencia a Roma – em revolta dos judeus, foi eleito imperador e governou de 69 a 79. Neste período, retornou a Roma, deixando no comando de sua legião o filho. Naquele ano, Tito conquistou Jerusalém, destruiu o Templo, tendo antes o saqueado, e tomou a fortaleza natural da Massada em uma guerra que durou três anos. Diz a lenda que os habitantes de Massada, cerca de mil Zelotas, contando mulheres e crianças, fizeram um pacto suicida para não se render aos romanos e decidiram atear fogo na fortaleza. Quando os romanos entraram, encontraram um grande número de mortos. O suicídio, que é abominado pela religião judaica, foi “minimizado” com um plano, segundo texto da edição de número 32 da revista Morashá, de abril de 2001: “Os Zelotas sortearam dez homens para matar os outros. Depois escolheram aquele que deveria matar os sobreviventes e, por último, matar-se. Desta forma, somente um cometeu suicídio – não permitido pelo judaísmo”. O povo do deserto imaginou que, como em uma miragem, venceria a batalha, quando decidiu o destino de suas vidas: a morte.

O isolamento, a ausência de esperança, o vazio da paisagem movem os viajantes para frente, para o enfrentamento com o destino, um duelo de gigantes da força de vontade, por u lado o inquebrantável deserto, ríspido, seco, arenoso, impondo-se com acenos de fim e despedida sem nostalgia, por um lado o animal humano, dotado de vontade e arbítrio, a dizer a sim mesmo o tempo todo: Vencerei! E para se convencer a si

¹⁵ A proibição se dava pois os escravos se convertiam ao judaísmo para escapar da escravidão, uma vez que, segundo os costumes judaicos da época, nenhum judeu poderia permanecer escravo após 7 anos de trabalho.

mesmo, o humano gera imagens do fim da batalha vitoriosa, miragens do exitoso final.
(BAITELLO JUNIOR, p. 71, 2018)

Sobre os “feitos” de Tito, tamanho foi o orgulho de Vespasiano que mandou cunhar moeda em tributo a ele mesmo e ao filho. O denário traz uma efígie de Vespasiano de um lado e a representação de Tito atrás de uma palmeira onde se encontra mulher judia recostada com mão sobre a testa. Ao redor, o texto que representa em palavras o resultado de uma imagem de guerra: *Ivdea Capta* (Judeia Conquistada).



Figura 13: Denário romano. **Fonte:** Wikipedia

Mais tarde, em 82, o imperador Domiciano, logo após a morte de seu irmão Tito, mandou construir um arco honorífico. O monumento, que virou uma espécie de símbolo da diáspora judaica, mostra em relevo, em seu painel sul, soldados romanos carregando os espólios capturados no Templo de Jerusalém. Destaque para a menorá, que claramente influenciou a criação do Brasão de Armas de Israel, no mais óbvio conceito warburguiano de pós-vida das imagens. No recorte do Arco de Tito ainda vemos os artefatos: trombetas, vasilhames do altar e uma mesa. O Brasão de Israel, de 1948, mostra a menorá entre ramos de oliveira e a inscrição em hebraico "ישראל" (Israel).



Figura 14: Detalhe do Arco de Tito, em Roma. **Fonte:** Wikipedia



Figura 15: Brasão de Israel. **Fonte:** Wikipedia

2.1 ALGUMAS DAS RAÍZES DAS IMAGENS ANTISSEMITAS NA IDADE MÉDIA

Sob este longo período compreendido entre o século V e o XV, resumido no quadro abaixo, vamos focar o olhar primeiramente sobre o antissemitismo associado às imagens dos judeus identificados com sinais em suas vestes e sua diabolização por toda a Europa.

¹⁶ Ano	Império Romano Ocidental	Judeus
527-565	Imperador Justiniano restaura a unidade do Império com a conquista das províncias ocidentais e converte todos os pagãos ao cristianismo. Proclamação do <i>Código de Justiniano</i> .	Os judeus são considerados “cidadãos menores”.
590-604	O papa Gregório Magno inicia a conversão ao cristianismo dos lombardos e anglo-saxões. Autoridade imperial é substituída pela papal.	Gregório demonstra-se contrário ao uso da violência para difundir a doutrina cristã.
827	Árabes conquistam o Sul da Itália e a Sicília.	Os judeus são obrigados pela primeira vez a usar um “sinal”.
c. 900-950	Época feudal.	O Talmud ¹⁷ babilônico é levado para o sul da Itália.
c. 1000	Instituição das corporações de artes e ofícios.	Os judeus, vetados de exercer qualquer atividade, iniciam a profissão de usurários ou banqueiros.
1096	Primeira cruzada.	Massacres de comunidades judaicas na Alemanha e na França.
1119-1124	Papa Calixto II proclama a bula <i>Constitutio pro judaeis</i> .	Esta bula estabelece a atitude oficial da Igreja com relação aos judeus.
1159-1173	Reino normando no Sul da Itália.	Benjamin de Tudela, cronista sefaradita, viaja através da Itália.

¹⁶ CAMPAGNANO e PATRAGNANI, 2007, p. 82.

¹⁷ O Talmud é uma coletânea de livros sagrados que registra discussões de rabinos a respeito da lei, da ética, dos costumes e da história do judaísmo.

1179	III Concílio de Latrão, convocado pelo papa Alexandre III, nega a sepultura cristã a quem emprestasse dinheiro a juro.	Proibição de ter escravos cristãos e obrigação de abandonar a agricultura. Os judeus aumentam suas atividades bancárias.
1215	IV Concílio Ecumênico de Latrão, convocado pelo papa Inocêncio III.	Promulgadas leis que marginalizam socialmente os judeus.
1267	Papa Clemente IV proclama a bula <i>Turbato Cordae</i> e confere legitimidade à Inquisição.	Os judeus são ameaçados de perseguição pela Inquisição caso influenciem a volta dos convertidos ao judaísmo.
1348	Peste na Europa.	Perseguições contra os judeus, acusados de propagar a epidemia envenenando poços. Êxodo de askenazitas para o norte da Península Itálica.
c. 1350- 1450	Período bizantino.	Corrente migratória de banqueiros judeus de Roma para o norte da Península Itálica.
1462	Instituição dos Monti di Pietá.	Reação contra a “usura judaica”.
1492	Reconquista de Granada pela Espanha cristã, último território muçumano na Península Ibérica.	Expulsão dos judeus da Espanha e de seus domínios na Itália: Sicília e Sardenha.

Tudo começa com a dominação dos árabes na região da Sicília, em 827. Foi nessa época que, pela primeira vez, os judeus foram forçados a usar um sinal que os identificava e discriminava. Apesar de que:

Em 634, o Califa Omar impôs a seus súditos o uso de diferentes cores em suas roupas, de acordo com o culto para eles professado. Mas foi só cerca de dois séculos depois que ficou especificada a obrigação de judeus e cristãos usarem um sinal de cor amarela em suas roupas. (CAMPAGNANO e PATRAGNANI, 2007, p. 56.)

Campagnano e Patragnani observam que essa identificação obrigatória aparece repetidas vezes na história, provando que a lei não era muito cumprida ou, segundo as constatações dessa pesquisa, se afrouxava em determinados período ou locais em virtude da posição de monarcas ou da maioria da sociedade. Quase 400 anos depois, por exemplo, sob o papado de Inocêncio III, acontece o IV Concílio de Latrão, em Roma. Em 1215, o foro ecumênico determinou, entre outras várias medidas discriminatórias, que todos os judeus da Europa fossem obrigados a viver em bairros segregados dos cristãos e vestir roupas e distintivos especiais para se diferenciar do restante da população. Estas leis, especificamente, estão descritas no cânone sessenta e oito, que define a exclusão dos judeus e os cuidados para evitar que esse povo convivesse com os cristãos sem que estes percebessem. De certa forma, esse tipo de exclusão já era notado na Cristandade Ocidental devido aos massacres nas primeiras cruzadas. Os bairros onde viviam a comunidade já eram protegidos com muralhas. Mas objetivo era intensificar a exclusão em regiões onde havia mais tolerância, como a Península Ibérica e o leste europeu (FELDMAN).

Os focos centrais da problemática são dois: a sexualidade e a presença judaica em espaços cristãos em festas religiosas, em particular, na Semana Santa. O risco de relações carnis entre judeus e cristãs, de um lado, ou de cristãos e judias, do outro, é motivo de severa preocupação do Papado. Pode-se ler nas entrelinhas que o receio de contaminação e da carnalidade judaica é central. No que tange ao segundo tema, há o receio de que judeus ostentem riqueza e profanem as celebrações da Paixão com ironia e exibição de poder e luxo. A incapacidade de distinguir judeus e cristãos era um estímulo à imoralidade. Ou seja, entende-se que estar com judeus era um risco à pureza dos cristãos, pois ora levava a relações carnis ilícitas com infiéis, ora a blasfêmias e desrespeito à fé verdadeira e pura. Por isso se torna necessário exercer o cerco aos judeus, isolando-os e diminuindo sua força sobre a sociedade cristã. (FELDMAN, p. 36, 2012)

A ilustração a seguir, da Idade Média, representa a expulsão de judeus da França. Nas vestes, um símbolo amarelo que os identificava, instituído pelos árabes durante a dominação islâmica e repetidamente utilizado sob outras formas e/ou cores ao longo de toda a história dos judeus no mundo, até o holocausto. O homem de nariz aquilino, muito utilizado para caracterizar um judeu em imagens antisemitas, neste caso não é judeu. Trata-se de um sargento real com características físicas diferentes dos homens que estão atrás dele e pertencem à nobreza. Sua roupa mais simples evidencia que tem um baixo status social.



Figura 16: Gravura de 1182, presente no livro *Grandes Chroniques de France*. **Fonte:** Museu da Diáspora, Tel Aviv, Israel.

Já de acordo com Maria José Ferro Tavares, professora catedrática de História Medieval pela Universidade Nova de Lisboa, foi ainda durante o império de Teodósio II (de 408 a 450), que os judeus foram obrigados ao uso de um sinal distintivo que os excluía. Tratava-se de chapéu que já fazia parte de sua indumentária, parecido com o barrete frígio (figura 17). Os chapéus foram mudando ao longo do tempo, hoje se usa a kipá, mas a peça foi transposta para a arte e constituiu parte do retrato ou da caricatura do judeu. No período medieval, servia para distinguir judeus de cristãos.

Figura 17 (próxima pg): “O Judeu”, de Vasco de Fernandes, 1540. **Fonte:** Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.



Um caso de assassinato contra um menino de dois anos e meio chamado Simoni na cidade de Trento, erroneamente atribuído à pequena comunidade judaica que ali residia, foi bastante retratado por diversos artistas do período. De forma geral, as obras trazem homens com círculos amarelos em suas vestes que os caracterizavam como judeus. Os remendos amarelos redondos são emblemas que eram forçados a usar. Os judeus são os principais acusados de praticarem libelos de sangue¹⁸ ao logo da história, assim como o envenenamento e a profanação de hóstias, constituindo estas as formas mais comuns de antissemitismo na Idade Média na Europa. Vale lembrar que não há nenhum ritual envolvendo sangue na lei judaica ou em seus costumes.

O infame "distintivo amarelo da vergonha" consistia em um pedaço de pano de diferentes formatos, costurado no casaco. Com algumas variantes, seu uso tornou-se obrigatório na França, Inglaterra, Polônia, Hungria, Alemanha, espalhando-se também por outros países. Em 1267, o Concílio de Viena determinou que os judeus usassem roupas escuras ou pretas. Em muitos países, foram obrigados a usar o Judenhut, o "chapéu do judeu". De formato cônico, bem pontudo e amarelo, tinha o objetivo de ridicularizar os usuários, tornando-os objeto de escárnio popular. As mulheres eram obrigadas a usar chapéus com duas pontas, o Cornélia. Em sinal de excepcional deferência, alguns judeus proeminentes eram isentados do uso do infame acessório. (MORASHÁ, 2008)

¹⁸ Libelos de sangue são alegações de que uma pessoa ou um grupo participa de sacrifícios de outras pessoas, em geral, crianças. É frequente, nessas alegações, que o sangue das supostas vítimas sacrificadas é utilizado em rituais.

Os adereços obrigatórios usados pelos judeus constituíram meios de comunicação secundários, que ampliaram o meio primário, o corpo, tornando-os ainda mais evidentes para pudessem ser facilmente identificados e, assim, segregados dos outros corpos “dignos” da compaixão de Deus. Baitello Junior explica os efeitos da teoria da mídia de Harry Pross no capítulo *O espírito da gota d’água. Miragens visuais e sonoras*, no livro *A carta, o abismo, o beijo*, de 2018.

Os meios secundários valem-se de apenas um aparato amplificador da emissão de mensagens, no espaço, para atingir um raio maior, o no tempo, para alcançar maior permanência. Os corpos e suas linguagens naturais – a voz e o gesto – equipados com um artifício qualquer, se amplificam e perdem mais tempo. Tornam-se os media secundários. A voz mais a máscara; o corpo acrescidos dos diferentes adereços, pinturas, vestimentas, enfeites... Tudo isto são meios secundários. O receptor alcançado pelo emissor potencializado por um aparato. Já não há o imediato, o direto, o “cara a cara”. Quando muito o “cara a máscara”. (BAITELLO JUNIOR, p. 36, 2018)

O sujeito “judeu” é mediado, por imposição dos dispositivos Igreja e Estado, por um corpo pejorativamente adornado. Baitello Junior, no artigo *O tempo lento e o espaço nulo*, dedicado à teoria de Pross, explica diz que “na mídia secundária apenas o emissor necessita um aparato (ou suporte)”¹⁹.

Assim, podemos dizer que, na mídia secundária, apenas o emissor se utiliza de prolongamentos para aumentar ou seu tempo de emissão, ou seu espaço de alcance, ou seu impacto sobre o receptor, valendo-se de aparatos, objetos ou suportes materiais que transportam sua mensagem. Cabe aqui novamente um destaque, pouco considerado enquanto campo de estudos da comunicação: os sistemas de vestimenta... enquanto mídia secundária. (BAITELLO JUNIOR, p. 3, 2000)

O receptor capta a mensagem transmitida pelo círculo amarelo obrigatoriamente fixado na roupa sem que o corpo necessite dizer mais nada. E as mensagens que visam ser captada via sistema de vestimenta no caso em questão são as de “fique longe”, “não se misture”, “rejeite”, “ele é culpado”, “ele é perigoso”, “ele deve ficar apartado da sociedade”, entre outras de interesse do poder instalado. imposto com objetivo absolutamente singular. Minha hipótese é a

¹⁹ O tempo lento e o espaço nulo, p.2, 2000.

que o distintivo circular amarelo na vestimenta por si só comunica, sem que o corpo precise se manifestar, apesar de que símbolo não tem razão de ser sem um corpo a o hospedar. Um depende do outro, um está associado ao outro. O corpo é elemento fundamental para a existência de um sistema de vestimentas e a concepção da ideia de adorno como mídia. Apesar de que aqui o corpo não quer absorver o adorno, não é sua vontade, nascendo então uma comunicação involuntária e arbitrária, que fala pelo corpo o que ele não quer dizer, o que possivelmente quer esconder, por medo de perseguição e discriminação. Nasce uma comunicação violenta, que desperta no receptor ódio e ojeriza, que caracteriza os usuários do círculo amarelo como assassinos, figuras demoníacas que na gravura do século XV (1493) (p. 45) assassinam o menino Simoni (Simão). Na imagem do assassinato, destacamos também os nomes dos protagonistas, como Tobias e Angelus. Em outra gravura, uma parte de retábulo de Sigena, pintor do início do século XVI, vemos a representação do sacrifício de uma criança cristã, sendo cozida em um caldeirão por uma família judia, que também profana uma hóstia que, considerada o corpo de Cristo, verte sangue.

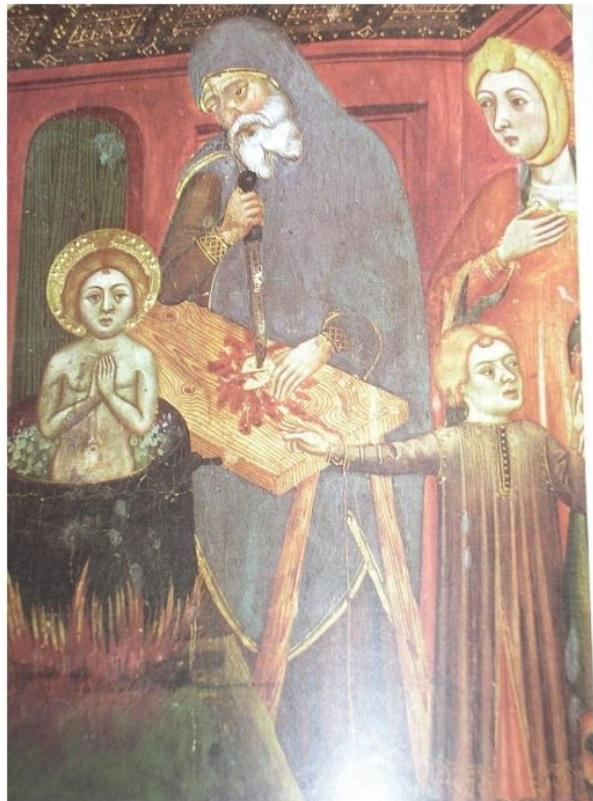


Figura 18: Gravura alemã do livro Crônica de Nuremberg, de 1493. **Fontes:** livro Blood Libel e Museu de Arte da Catalunha.

Das sechst alter

Simon das selig kindlein zu Trient ist am .xxi. tag des Merzen nach der gepurt Christi .M. cccc. lxxv. iar. in 8 heiligen marterwochen in der statt Trient von den iuden getödt vnd ein marter Christi worden. dann als die iuden in derselben statt wonende ir oftern nach irem sytten begeen wolten vnd doch kein cristenliches plät zu geprauch irs vngesewren prots hetten do brachten sie dis kindlein verholens in Samuelis eins iuden haws. in solcher gestalt. an dem driten tag vor oftern vmb versperet sasse dis kindlein vor seins vaters thür in abwesen seiner eltern do nehmet sich Thobias ein isidischer verreter zu disem kindlein das noch mit dreymal zehen monat alt was. dem redet er mit schmaychenden wortē zu vnd trüg es bald in das haws Samuelis. Als nw die nacht herfiele do frewten sich Samuel Thobias Vitalis Moyses Israhel vnd Mayer vor der synagog vber vergessung cristenliches pläts. Nw entplöseten sie das kindlein vnd legten ime ein facletlein vmb sein halslein das man es mit schreyen hören möcht vnd spanneten ime sein ermlein auß. schnytten ime erschlich sein mälich gütlein ab vnd auß seinem rechten wenglein ein stütlein vnd stachen es allenthalben mit scharpffen spizigen stacheln heftlein oder nadeln. einer die hend der ander die füßlein haltende. vnd als sie nw das plät grausamlich gesamelt hetten do hüben sie an lobfang zefingen vnd zu dem kindlein mit hömschen bedroewortten zespriechen Nym hin du gehangner Thesa also haben dir erwen vnser eltern gethan. also sollen alle cristen in hymel. auff erden vnd meer geschend werden. dieweil verschied das vnschuldig mertrelein. die iuden eyletē zum nachtmal vnd assen von dem plät das vngesewerte zu schmahe Cristo vnserm hayland vnd wurffen dē totē leichnam in ein fließends wasser naheit bey irem haws vnd hielten ir oftern mit frewden. Die bekümmerten eltern suchten ir verlorne kindlein. das funden sie vber drey tag in dem flus. Als solchs an Johanßen von Salis den edeln burger von Buzien kaiserlicher rechten doctor vnd desmals obersten pfleger gelanget do hieß er nach den iude greiffen vnd sie mit marter anziehen. also das sie nach ordnung ansagten wie sie disē misstat begangen hetten. vnd darauff wardē sie mit gepürlicher straff aufgetügt. Als der leichnam auff befelche Johañsen hunderbachs bischoffs daselbst bestattet wardt do fieng er als bald an in wunderzaichen zeseheinen vnd auß allen cristenlich en gegenten zu dises heilliges Kindes grab ein zulawff zewerden. dauon dann disē statt nicht kleine auffung vnd zunemung empfunden hat. vnd die burger daselbst haben disem leichnam ein schöne kirchen auffgerichtet.



Wegleichen vbelat haben auch die iuden vber fünf jar darnach in dem stetlein Nota in Foriaul gelegē mit erödung eins andern kinds begangen. darumb wardē der teter drey gefangē gen Venedig gefüert vnd nach grausamer peyn verpfeilt.

Die Türcken zohen abereins in nydern Nisiam vnd wardē mit großer schlacht emydergelegt. Darnach eroberten die Genuesser die großen statt Capham die die Türcken noch inhetten. aber dieselb statt kome in disem iar durch verretterey vnd dargebung eins Genuessischen burgers widerumb in der Türcken gewalt.

Figura 19: Retábulo de Sigena, do século XVI. Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal.

Durante toda a Idade Média o povo judeu foi amplamente retratado pela igreja católica como persona desprezível, por vezes associado a animais da escuridão, como corujas e ratos, ou ainda a morcegos que chupam o sangue das criancinhas. Ora relacionado à figura da avareza, ora simbolizado como o próprio descendente direto do demônio. Segundo Eva Blay, “estes simbolismos refletem a permanência de uma tradição teológica e de sua incorporação pela visão popular” (Blay, p. 44, 2013).



Figura 20: Ilustração mostra o poeta judeu alemão Süßkind von Trimberg usando um chapéu amarelo. **Fonte:** Codex Manesse, século XIV.

Os templos católicos também funcionavam como canais de comunicação usados pela Igreja para disseminar a ordem social que deveria ser respeitada pela população. Assim, as esculturas presentes na Notre Dame de Paris (construída de 1163 a 1345), assim como na catedral de Strassbourg (1176 – 1439), não são apenas decoração gótica. Em Paris, estão localizadas em cada um dos lados do portal central de Notre Dame. Ecclesia (à esquerda), coroada, mantém posição ereta e representa a Igreja vitoriosa. Ela leva consigo um cálice, simbolizando a Eucaristia, e um cajado com uma cruz na ponta. Já Sinagoga, com os olhos vendados, não é mais capaz de ver a verdade e, enquanto apoia-se em uma bengala, deixa que Tábuas da Lei escapem de suas mãos. Nas suas costas, uma lança quebrada e aos seus pés a sua coroa caída. A escultura transmite a imagem de um povo que outrora foi grande, mas caiu na decadência e depravação, com um lugar peculiarmente ocupado na sociedade medieval, um lugar inferior, “de sombra”, dos que trabalhavam como cobradores de impostos e agiotas (empregos proibidos aos cristãos), gerando um contraste ainda maior para a glória da cristandade “iluminada”.



Figuras 21 e 22: fotografia do conjunto de esculturas Ecclesia and Synagoga na catedral de Notre Dame, Paris. **Fonte:** tumblr.com

Suas profissões permitidas podem ser vistas em outras media, como no manuscrito francês iluminista, possivelmente datado de 1270. No caso abaixo, um agiota judeu é representado pelo homem de chapéu característico e nariz caricaturado.

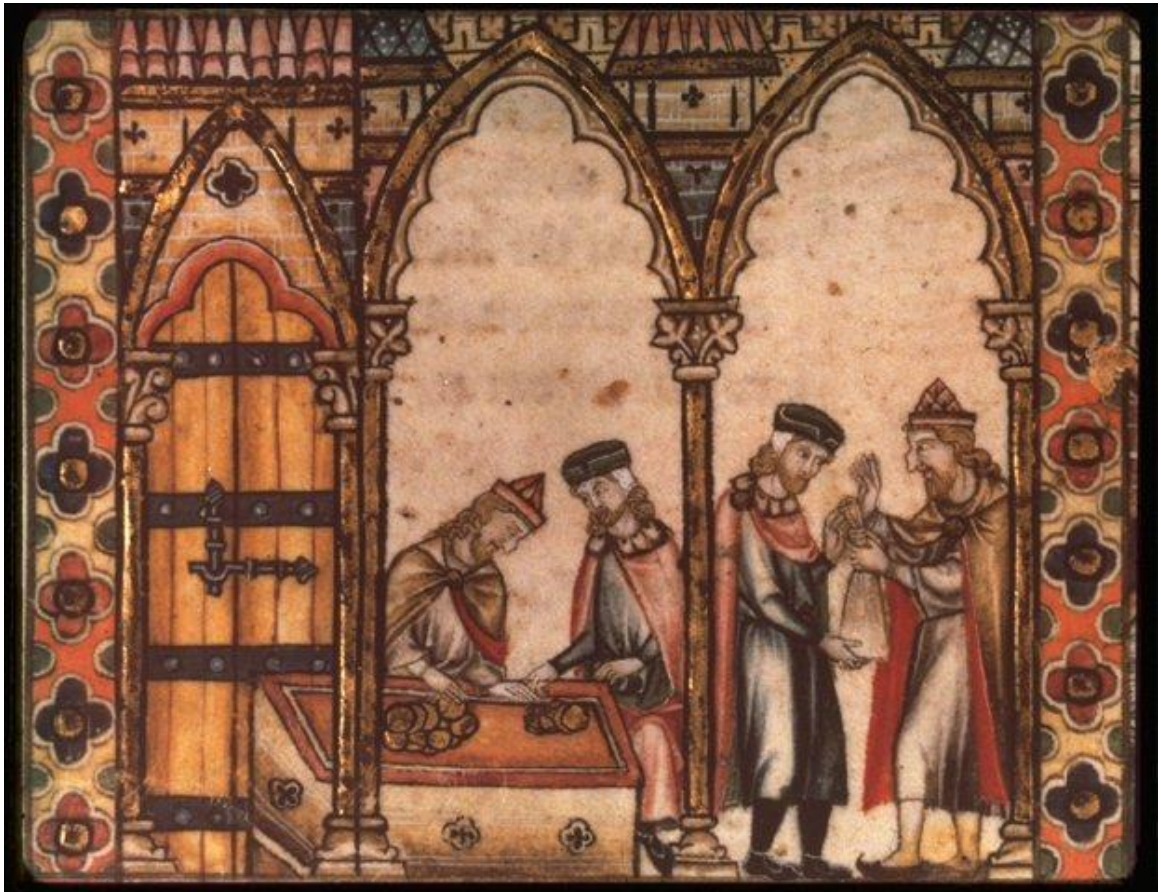


Figura 23: manuscrito francês, da época de Luís XI, e autor desconhecido. **Fonte:** wikipedia.com

No óleo sobre tela *A Fonte da Graça e o Triunfo da Igreja sobre a Sinagoga*, de Jan Van Eyck, vemos uma próxima relação com o par de esculturas das catedrais francesas. A obra pertence ao acervo do Museu del Prado, de Madrid, que a descreve em seu site.

Esta pintura é feita em três planos. No topo, Cristo no trono entre a Virgem e São João Evangelista com o Cordeiro a seus pés, de onde brota uma fonte. No plano intermediário está um coro celestial com seus músicos. No lado esquerdo do plano

inferior, estão reis, nobres, papas e teólogos, enquanto o lado direito mostra vários judeus confusos em fuga, um dos quais está vendado. As formas sagradas que fluem com a água conferem a este assunto um significado claramente eucarístico, fazendo da água um símbolo da Graça que ilumina a Igreja Triunfante e cega a Sinagoga, ou seja, aqueles judeus que não reconhecem a Cristo. (Museo Nacional del Prado)

No recorte da tela *A Fonte da Graça e o Triunfo da Igreja sobre a Sinagoga*, o personagem vendado usa trajes de um sumo sacerdote, representando a cegueira metafórica dos judeus que “rejeitaram Jesus”. Ele leva consigo uma lança quebrada e um pergaminho com inscrições em hebraico que se desenrola. Os homens judeus são mostrados em posições que demonstram aflição. Já na xilogravura da página seguinte, “O menino Jesus superando um judeu”, do acervo do Museu Britânico, vemos um judeu retratado em situação bizarra. Segurando uma bandeira e um escudo sobre um judeu no chão voltado para a direita, segurando uma moeda ou dado. Se por um lado observamos a expressão plácida da criança, do outro resta “o fato” de que o judeu parece muito mais interessado em sua moeda do que a criança de status divino em cima dele.



Figura 24 e 25: detalhe e obra completa *A Fonte da Graça e o Triunfo da Igreja sobre a Sinagoga*, de Jan Van Eyck, 1430. **Fonte:** museodelprado.es





Figura 26: ilustração de Johan Ottmar, de 1511, para Ubertino Pusculino, em *Duo libri Symonidos de Judaeorum perfidia*, Augsburg, Alemanha. **Fonte:** britishmuseum.org

Mais impressionantes ainda são as imagens que associam diretamente os judeus a figuras demoníacas, possivelmente, bases históricas para o antissemitismo vigente até os dias atuais, como uma espécie de doença que passa de geração em geração. As imagens demonstram ter vida eterna, não apenas no imaginário dos povos contaminados. A relação intrínseca com o mal pode ser vista em diversos veículos da Idade Média. Na capa da publicação alemã *Der Juden Erbarkeit*, de 1571, por exemplo, os judeus são apresentados como animais e demônios. Podemos observar os mesmos emblemas circulares usados nas em suas vestes para identificá-los já vistos em outras imagens deste trabalho científico.



Figura 27: xilogravura alemã de 1571, autor desconhecido. **Fonte:** *The Devil and the Jews: The Medieval Conception, and its Relation to Modern Antisemitism*, de Joshua Trachtenberg

Estes exemplos de imagem presentes no ambiente da Idade Média, uma era obscura para as minorias, demonstram que as ciências da comunicação e da cultura caminham lado a lado e se interrelacionam, podem explicar o antissemitismo difundido por milênios até o dia de hoje, solidificam e conservam informações e memórias. Usava-se o corpo, a pessoa do judeu como estandarte de si mesmo, para a propaganda discriminatória da época. O ambiente se expande neste sentido, tornando urgente a necessidade de entender a evolução da comunicação humana como ciência interligada a outras matérias que já ocupam um lugar de destaque nas academias, como a História, a Sociologia e a Antropologia. Chamando a atenção para o corpo como mídia, Baitello Junior nos fala que “aquilo que antes se descartava como um ruído ou como impertinente deve ser reconsiderado como agente ativo e constitutivo”.²⁰

O que antes se desprezava como exterior e estranho passa a ser dado relevante por interferir na efetividade da comunicação. O que antes se ignorava por pertencer a outro ramo do conhecimento deve ser hoje cuidadosamente incluído no rol das preocupações de uma ciência plural e complexa comunicação humana. Assim, passam

²⁰ A Carta, o abismo, o beijo, p. 59, 2018.

a integrar o âmbito das preocupações do cientista da comunicação outros campos do saber que se ocupam da história da cultura humana, seus mitos e seus hábitos, suas fantasias e suas visões, seu imaginário e suas construções, seu silêncio e suas crenças lado a lado com a história de seus saberes institucionalizados, lado a lado com as informações pragmáticas, técnicas e instrumentais acumuladas ao longo de sua história. (BAITELLO JUNIOR, p. 59, 2008)

E a comunicação antissemita segue seu curso, junto com o curso da história medieval e todos os seus aspectos relacionais, passando pela construção de uma cultura influenciada pelo ambiente de ódio. Claras diferenças marcam a separação de “bem” e “mal” nos suportes considerados mídias secundárias e se convertem em verdadeiras aberrações em muitos casos – sendo que uma parte deles não está apenas em registros do passado que o tempo pode ter apagado para muitos. Eles continuam vivos, escancarados, como é o caso de um painel do século 13, esculpido em arenito na paróquia Santa Maria, na cidade de Wittenberg, na Alemanha, conhecida como a igreja de Martinho Lutero, local onde o pai da reforma protestante pregou durante vida. Em uma das faces laterais do templo religioso patrimônio da Unesco, pode-se observar a escultura conhecida como *Judensau* ou “porca judia”, que retrata um rabino olhando para o ânus de uma porca que está dando de mamar a dois outros judeus.



Figura 28: *Judensau* do século XIII, na paróquia protestante de Wittenberg. **Fonte:** The Washington Post

Uma inscrição acima diz “Rabini” e logo “Shem hamphoras”, uma derivação do “Nome pronunciado de Deus” ou “Nome concreto de Deus”, numa clara provocação aos que professavam a fé judaica. O próprio Lutero escreveu uma série de textos antissemitas, reforçando que sinagogas e casas judaicas deveriam ser queimadas e os judeus expulsos. Os escritos do teólogo foram citados pelos nazistas quatro séculos depois. Apesar de protestos, o painel segue no local até os dias de hoje por determinação dos juízes em Naumburg, que justificam que ele faz parte de um contexto memorial e o prédio é um local cultural protegido das Nações Unidas. Mas esse não é o único caso de *Judensau*. Porcos, considerados animais impuros pela religião judaica, são frequentemente associados a ela, como provocação explícita, assim como na última xilogravura citada, onde um judeu está montado em um porco que cheira seus excrementos. Retratos de judeus em associação obscena com porcas foram usados largamente na Idade Média, também porque, de acordo com a *cashrut*²¹, o porco é um animal impróprio para consumo e, no caso desse tipo de imagem, ele fornece o sustento do povo, fixa uma mensagem que não são humanos, não podem fazer parte da sociedade, não são “um de nós”, como disse Isaiah Shachar, na obra *O Judensau: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História*, publicado pelo Warburg Institute em cooperação com a Universidade de Londres. Assim, outros casos de *Judensau* ainda estão em igrejas por toda a Alemanha e outros países da Europa. Shachar nos explica os porquês do uso do porco, associado em muitos casos, em suma, aos vícios da Luxúria e da Gula. “O animal sujo é usado para simbolizar pessoas sujas, espíritos sujos, e, portanto, também hereges e penitentes negligentes. subsequentemente, significa pecadores que vivem no luxo ou os ‘pensamentos sujos da luxúria carnal’ que os animam.” (SHACHAR). O aluno da escola warburguiana reflete também que a relação entre o *Judensau* e o antissemitismo não é simples.

Embora inibida em seu abuso, a motivação não foi originalmente concebida como uma imagem polêmica, nem foi intencional ou usada como um insulto ao longo do seu desenvolvimento inicial. Mas ela assumiu características difamatórias com a vulgarização geral da elegância pública provocada pela Reforma, e se encaixou perfeitamente no estilo de pintura Schandbild e da popular Kampfbilder. Ainda assim, ao longo de sua história, exemplos individuais de *Judensau* não são necessariamente produzidos como resultado de um confronto local com judeus e não devem ser

²¹ Cashrut ou kashrut (em hebraico: כַּשְׁרוּת) é o nome que se dá às leis de alimentação do judaísmo. O que é kasher é "próprio" para consumo pelos judeus. São várias as leis da kashrut, como proibições sobre o consumo de certos animais (como carne de porco).

interpretados prontamente, mesmo como uma prova autoevidente da existência de uma comunidade judaica local. A repetição constante, sem o caráter estereotípico do *Judensau* deveu-se, principalmente, a essa obscenidade agressiva. É perceptível que, apesar da variação local e do período, todos os exemplos desse motivo (antissemítico) compartilham claras características comuns de obscenidade rudimentar. A mamada das tetas da porca é mostrada em todos os exemplos, assim como também aparecem imagens que mostram a porca abraçada e beijada. A ocupação adicional dos quartos traseiros dos animais e a ingestão de seus excrementos são evidentes na maioria. Embora o significado atribuído ao *Judensau* tenha mudado consideravelmente ao longo dos anos, esses elementos óbvios de obscenidade oral e anal foram sempre repetidos e, por fim, elaborados. Isso parece sugerir fortemente que foi a extrema obscenidade da própria representação que a tornou tão popular por cerca de seiscentos anos. (SHACHAR, p. 2, 1974)

Há mais uma justificativa presente em todas as representações de *Judensau*: “os judeus pertencem à porca, a porca aos judeus. Em outras palavras, essas pessoas pertencem a outra e abominável categoria de seres; eles são a descendência da porca e se voltam para sua nutrição adequada”²² Diversos estudos já foram publicados sobre os *Judensau* na Idade Média e mas aqui vamos apresentar algumas das ilustrações trazidas por esta obra do Warburg Institute. Na catedral de Brandemburgo (fig. 29) vemos mais um exemplo como o Wittenberg. Aqui, uma porca com braço humano levantado e uma cabeça humana, usando um chapéu que caracteriza um homem judeu, apresenta uma espécie de crista em todo o seu dorso e amamenta cinco filhotes. Um deles, à direita, é diferente. Sua perna e sua cabeça se assemelham às de um humano também. Na traseira, um homem agachado levanta o rabo da porca com uma mão, enquanto a outra parece esperar por seus excrementos. Na outra direção, uma mulher parece alimentar o animal. A ambiência à qual a escultura está exposta é a de culto. O templo religioso se encarrega de ser suporte para mostrar a beleza do que é santo e o grotesco do que pertence ao lado demoníaco. Para educar seu povo, a Igreja deixava os “ensinamentos” para sempre gravados em suas estruturas. Belting diz que os teólogos tentaram repetidamente arrancar o poder de imagens materiais quando elas ameaçam ganhar mais poder que a própria Igreja. “Para o bem ou para o mal”, as imagens rejeitadas pelos líderes teólogos começaram a atrair mais público do que as próprias instituições, agindo assim “em nome de Deus”.

Os meios verbais eram incertos, porque os santos alcançaram camadas mais profundas da congregação e eles realizaram desejos que os homens vivos da Igreja não poderiam

²² O *Judensau*: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História, p. 3, 1974

satisfazer. Por esta razão, em matéria de imagens, os teólogos estavam com suas teorias atrasadas em uma prática existente.... Sua permissão veio, sim, associada a uma série de condições que se destinavam a garantir o seu controle... As imagens foram emprestadas em igual medida para sua exposição e adoração, quanto à sua destruição e maus tratos. Elas são criadas precisamente para a manifestação pública de lealdade ou deslealdade que com elas pratica a título de representação. O exercício da fé demonstrativa constitui uma das condições exigidas cada religião para disciplinar seus seguidores. Isso explica porque havia uma certa preferência para ‘desmascarar’ judeus, hereges e ateus acusando-os precisamente de profanar imagens secretamente. (BELTING, p.9, 2009)

Em *Imagem e Culto*, Belting não trata das imagens antissemita, mas o trecho acima corrobora a ideia de que a Igreja usou as imagens com finalidades bem específica, para formar no imaginário de seus seguidores os papéis que exerciam cristãos e judeus na Idade Média. Há vários exemplos como o de Brandemburgo, abaixo, citados por Sachar, sobre os quais nos deteremos, como a gárgula na igreja de St. Peter, em Bad Wimpfen, Alemanha (fig. 30). Na



Figura 29: detalhe da arquitetura da catedral de Brandemburgo, Alemanha, de 1230.

Fonte: Wikipedia / *O Judensau: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História*, p. 126.

escultura, uma porca, com crista nas costas e uma boca ameaçadoramente aberta, amamenta um homem judeu, reconhecido por seu chapéu pontudo. Chama-nos a atenção o local escolhido para exibição da escultura. Na arquitetura, as gárgulas servem como desaguadouros, ou seja, se destinam a escoar a água da chuva a certa distância da parede. Mas, especialmente na Idade Média, na escola gótica, elas eram endereçadas como criaturas monstruosas para indicar que o demônio nunca dorme e, mesmo em locais sagrados, é preciso vigília. A própria palavra gárgula, do francês *gargouille* (que vem de garganta) e do latim *gurgulio* (gula) também decifra a escultura da catedral de Wimpfen, de um judeu que verte sua garganta nas tetas de uma porca e engole seu alimento, com o pecado da gula, alertando a igreja que esse “filhote de porco” é pecador e pode querer engolir mais que o leite de sua “genitora”, pode engolir a todos os fiéis. Vê-se na comunicação uma arma poderosíssima que, por meio da imagem, aterrozira aqueles que se alimentam do terror do outro.



Figura 30: gárgula na igreja de St. Peter, em Bad Wimpfen, Alemanha. Trata-se de cópia restaurada. O original está no Museu da Cidade Imperial. **Fonte:** Wikipedia / *O Judensau: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História*, p. 133. Foto de Peter Schmelzle, de 2009.

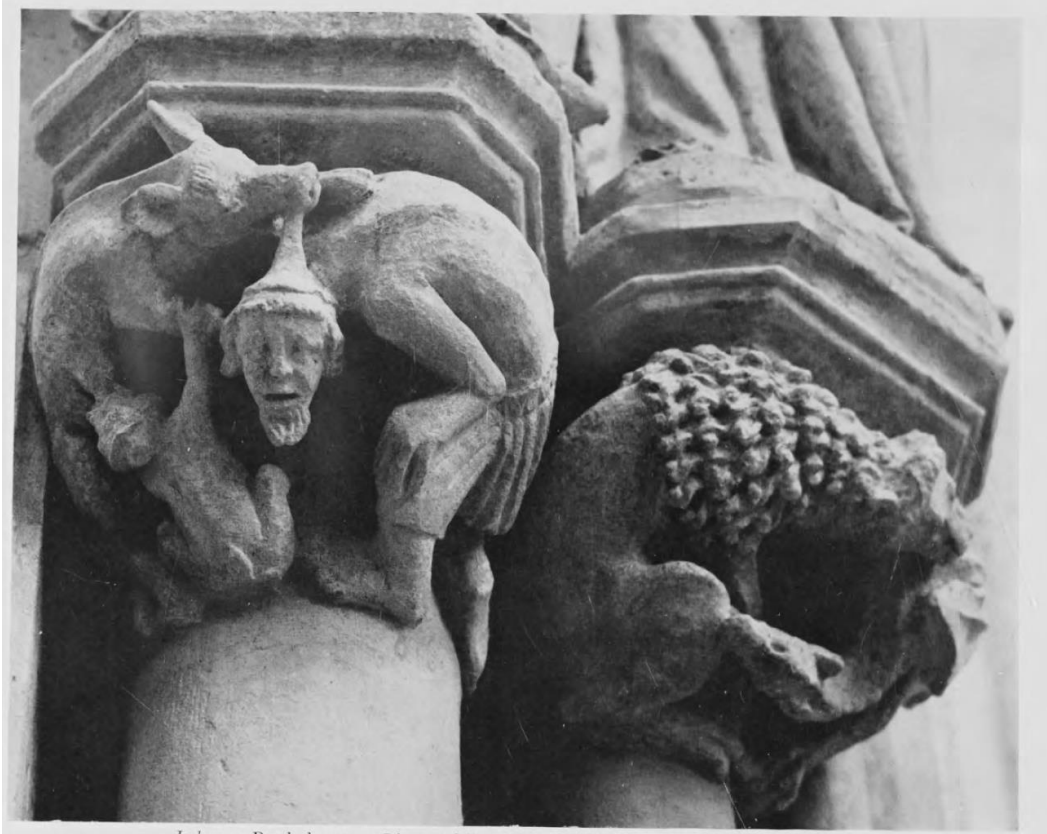


Figura 31: escultura na catedral de Xanten, Alemanha. **Fonte:** *O Judensau: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História*, p. 131.

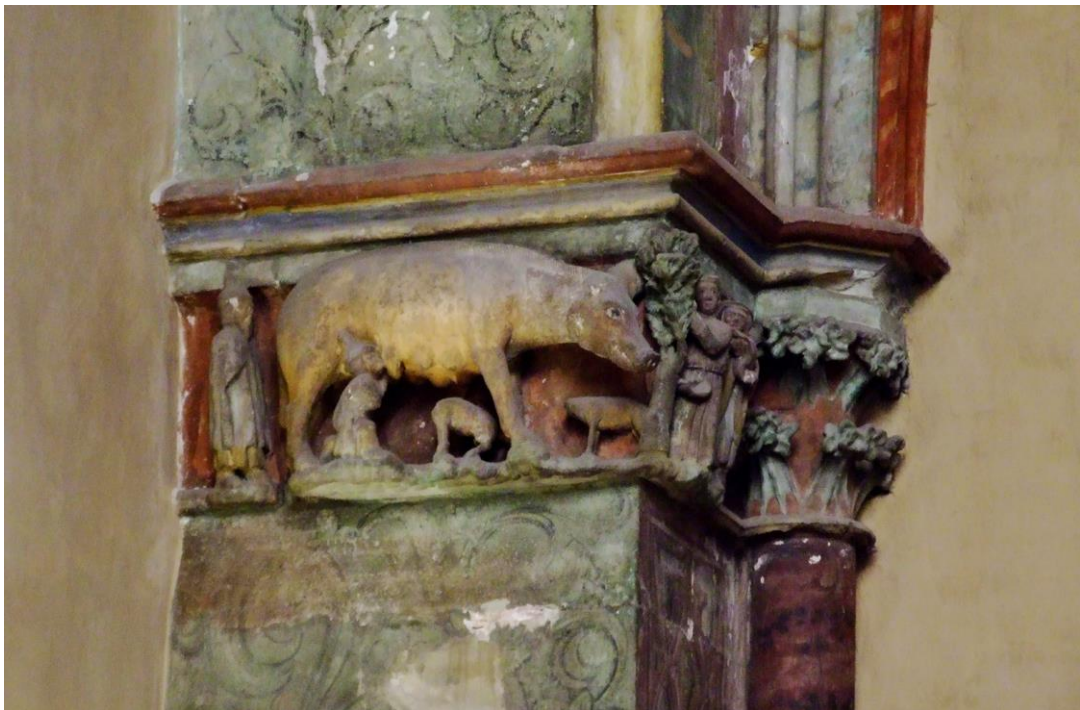


Figura 32: friso de arenito na catedral de Magdeburg, Alemanha. **Fonte:** Wikipedia / *O Judensau: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História*, p. 135.

Já na escultura em Xanten, também na Alemanha (fig. 31), vê-se um homem meio ajoelhado, curvando-se para o centro em direção à porca, vestido apenas com bermuda plissada, segurada por um cinto. Ele usa um chapéu pontudo, o qual a porca segura com sua boca ao enquanto impõe uma de suas patas sobre os ombros do homem. Ele é domado, subjugado pelo animal. Ao mesmo tempo, uma das tetas da porca é chupada por um pequeno judeu, agachado debaixo dela. Conta-se que já em 1096 haviam judeus da Cologne em Xanten, que se refugiaram na cidade para fugir das Cruzadas. “Mas no mesmo ano, no entanto, eles foram atacados pelos cruzados em Xanten e sessenta judeus cometeram suicídio para evitar a conversão forçada.”²³ Em outro *Judensau*, um dos mais elaborados encontrados em nossa pesquisa, esculpido em friso de arenito na catedral de Magdeburg, Alemanha, por volta de 1270 ou 1493 (fig. 32), vê-se uma mulher com um chapéu pontudo ajoelhada sob uma porca e mamando em uma de suas mamas. À esquerda, um homem barbudo está olhando para a parte traseira do animal. Na lateral, uma cena com um carvalho e duas pessoas: uma mulher de frente para a porca, segurando uma tigela de nozes, e um judeu com um pergaminho. Em minha observação, essa imagem do judeu com o pergaminho – modo como o qual as escrituras sagradas judaicas são apresentadas até hoje nas sinagogas – quer causar ao imaginário a ideia de que esse povo, ao lado de um animal impuro, é impuro também. Portanto, suas leis são sujas como os porcos, suas almas se lambuzam na imundice da gula. Assim, eles não merecem mais do que chafurdar na lama. Transmite a imagem. Outra semelhante pode ser vista também na Suécia, na catedral de Uppsala (fig. 33), em xilogravura de 1470, do *Kupferstichkabinet*, o Museu de Arte Moderna de Munich (fig. 34) e numa representação à la *Judensau* de Ecclesia e Sinagoga, em Lemgo, Alemanha (fig 35). As esculturas de judeu ajoelhado abraçando uma porca, de um lado; e de Cristo, de outro, retomando a ideia de contraposição entre Cristianismo e Judaísmo, no portão da entrada da igreja luterana de St. Marien, foram construídas por volta de 1310. Sobre esta última imagem, é a única em que um judeu não está mamando em uma porca, mas a obscenidade está ali.

O judeu abraça o animal meio virado em direção a ele. A cabeça retangular do animal, deitada contra a capa do judeu, está virada para a esquerda. A cabeça do animal está quebrada, mas a forma triangular do focinho, a identifica como uma porca. O rabo, parte quebrado, descansa perto do joelho esquerdo do judeu, e a sua perna traseira,

²³ SACHAR, p. 18, 1974.

que termina curiosamente numa parte restaurada da escultura como um rabo, está esticada na direção oposta. (SACHAR, p. 16, 1974)

O colaborador do Instituto Warburg, Isaiah Shachar, nos conta em sua obra que “recentes teorias explicam a persistência do moderno antissemitismo e sua relativa independência da economia e das mudanças intelectuais”, ao assumir a existência de um estereótipo negativo do judeu, enraizado desde a Idade Média no imaginário literário, dramático e visual. Estas teorias, com as quais o presente estudo corrobora, também envolvem a ideia de que atitudes são transmitidas de geração para geração por meio de estereótipos culturais presentes nos ambientes. O caso concreto do *Judensau* fornece uma visão dos processos, social e cultural, que constrói e cria estereótipos abusivos sobre uma população. O uso de uma instituição que exerce poder e desperta a crença como a Igreja, onde essas imagens muitas vezes aparecem, tornam o *Judensau* um exemplo único em sua longevidade como imagem de abuso animal e nisso, assim sendo, “envolve ou esteriotipiza um grupo inteiro, não apenas indivíduos” (SHACHAR). Neste contexto cultural e histórico, os judeus foram sendo ultrajados e, finalmente, expulsos, primeiramente dos domínios do rei da França (1309) e dos reinos da Península Ibérica (1492, da Espanha; e 1496-97, de Portugal), da Provença (1509) e, na sequência, das cidades-estados italianas Roma e Ancona.



Figura 33: relevo em coluna da catedral de Uppsala, Suécia, de cerca de 1350. **Fonte:** Wikipedia / *O Judensau: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História*, p. 140.

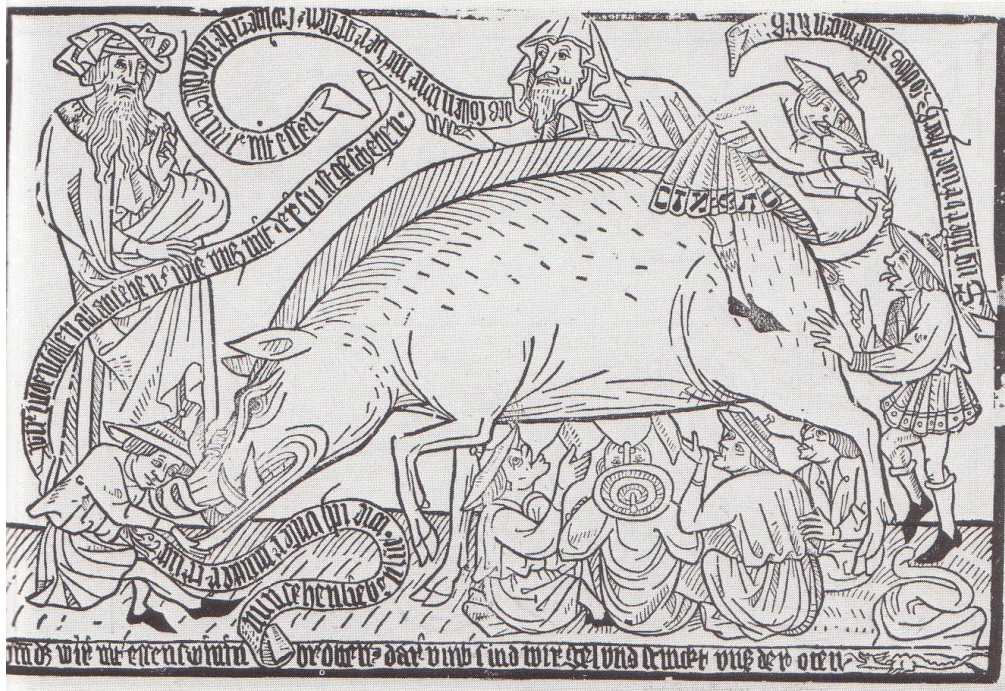


Figura 34: xilogravura, Museu de Arte Moderna de Munich, Alemanha. As bandeiras exibem rimas que zombam dos judeus. **Fonte:** Wikipedia / *O Judensau: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História*, p. 152.



Figuras 35 e 36: *Judensau* em igreja luterana em Lemgo, Alemanha. **Fonte:** Wikipedia / *O Judensau: Um Motivo Antijudaico Medieval e sua História*, p. 128.

2.2 IMAGENS NO RENASCIMENTO E REFORMA E CONTRARREFORMA COMO MOVIMENTOS DE DISSEMINAÇÃO DE ÓDIO



Figura 37: *Jesus entre os Doutores*, de Albrecht Dürer, 1506. **Fonte:** Museo Thyssen-Bornemisza, Madrid.

Com o fim da Idade Média e o surgimento do Renascimento e da doutrina humanista, os judeus viveram um período de relativa tranquilidade na Itália (com exceção da Sicília e Sardenha, de dominação espanhola). Assim como o italiano da época, o judeu italiano passou a se interessar mais pelos estudos da filosofia, literatura e medicina. Artes figurativas, no entanto e de modo geral, não se desenvolveram de maneira significativa. Afinal, a própria religião proíbe a reprodução de imagens. Mas a comunicação antisemita transcende as fronteiras territoriais, a história e a memória dos registros pictóricos, dos materiais, dos textos, dos livros, das pinturas, das xilogravuras, das ilustrações, de tudo o que vem sendo usado como aparato de mídia, como canal para disseminação de ideias contrárias à uma “raça” subjugada à categoria oposta à de Deus. A comunicação violenta ultrapassa a barreira do tempo e do espaço e, de geração para geração, passa a habitar milhares de corpos que se manifestam de forma

animalesca para a destruição daquele que não “pertence” à sua mesma condição cultural e religiosa. Dürer, principal representante do Renascimento alemão, não retrata os seis rabinos que circulam o jovem Cristo em seu óleo sobre tela *Jesus entre os Doutores* (fig. 37) ao acaso. Cada pincelada traz consigo um aspecto comunicacional e cultural que deixa mais que rastros sobre ele que “faz parte” e “aqueles que não”. “As distorções caricaturais do rosto do rabino com chapéu branco à direita sugerem Leonardo e até mesmo Bosch... Beleza e feiura, juventude e velhice são contrastadas de maneira marcante e incomum.”²⁴

As imagens que desvalorizam um grupo em detrimento da valorização do outro são fomentadas pelos dispositivos de poder da época, que incitam a violência da população. Citando Baitello Junior, “a civilização nem sempre conseguiu impedir a barbárie”. Assim, o papa Eugênio IV (1431-1447), pressionado por cardeais espanhóis, instituiu, em 1442, um dos mais cruéis decretos da Igreja contra os judeus. Eles foram proibidos de trabalhar como médicos ou como artesãos, de empregar dinheiro a juros, de mudar de cidades, de ter escolas próprias, de construir sinagogas, assim como foram obrigados a “divertir” a população em uma ala do carnaval Romano, participando de performances humilhantes que duraram até 1668. Segundo Gunzberg, a *Giudicata*, como era chamada a popular sátira antijudaica que teve início na Idade Média nos festivais que antecediam a Quaresma, com o tempo foi tomando um aspecto de crueldade no tratamento dos judeus para mero entretenimento popular durante o Carnaval romano.

Nessa forma primitiva e tradicional, um judeu idoso, fechado em um barril, era rolado abaixo pela colina de Testaccio, muitas vezes resultando em sua morte. Essa prática medieval foi identificada como um vestígio dos ritos ancestrais de exorcismo do mal durante os festivais da primavera. Era acompanhado por canto e dança, incluindo os dos espectadores, envolvendo-os como uma espécie de coro. O judeu aqui figurou como um bode expiatório, sacrificado como o “rei” do carnaval. Talvez isso também tenha comemorado a Paixão, os sofrimentos de Cristo, “rei dos judeus”. Eventualmente, os judeus foram capazes de substituir este ritual por um pagamento, assim, financiando os jogos de carnaval. Eles eram, no entanto, forçados a participar de uma corrida, o *palio* ou *corso degli ebrei*. (GUNZBERG, p. 92, 1992)

Muitas eram as formas de humilhação. Algumas ilustrações, como as do artista Bartolomeo Pinelli, demonstraram estas práticas grotescas. Elas representam os fatos da época,

²⁴ descreve Mar Borobia, curadora de arte, na página na Internet do museu Thyssen-Bornemisza, ao qual a obra pertence.

retratam a forma como o judeu era tratado e seu papel durante as festividades. A comunicação, aqui, informa e perpetua uma imagem pejorativa que já habitava o senso comum de boa parte da população. Na figura 38 vemos um dos jogos do carnaval, onde judeus mais velhos são arremessados dentro de barris por ladeiras em Roma. O homem, bem vestido, não demonstra ser de uma classe economicamente inferior – talvez essa fosse a graça – juntamente com o fato de ele ser judeu. A aparência de desespero não comove os jovens homens à direita que se encarregarão de lançar o barril e cometer o assassinato. Do outro lado, pode também ser judeu o homem de braços para o alto, que parece tentar impedir o ato de crueldade, assim como parte da população que assiste ao show de horrores. Já na figura 39, vemos judeus corcundas que faziam as vezes de palhaços, arriscando suas vidas ao domar um touro feroz. Eles levam chapéus típicos que os identificavam e ridicularizavam. Esses eram alguns dos papéis que esse grupo populacional era obrigado a desempenhar no carnaval, além de corridas onde homens apareciam seminus ou vestidos de mulheres – uma prática que foi incorporada no mesmo período festivo e ao longo do tempo até os dias de hoje ao redor do mundo por não judeus, como forma de brincadeira. À época, possivelmente, não havia muita graça para quem era obrigado a se vestir assim. Diferentemente, a plateia romana se divertia.



Figura 38: Ilustração *Judeu em um barril*, de Bartolomeo Pinelli. **Fonte:** edição do poema *Meo Patacca*, de Giuseppe Berneri (1637 – 1700).



Figura 39: Ilustração *Giudiata dos judeus corcundas*, de Bartolomeo Pinelli. **Fonte:** Wikipedia

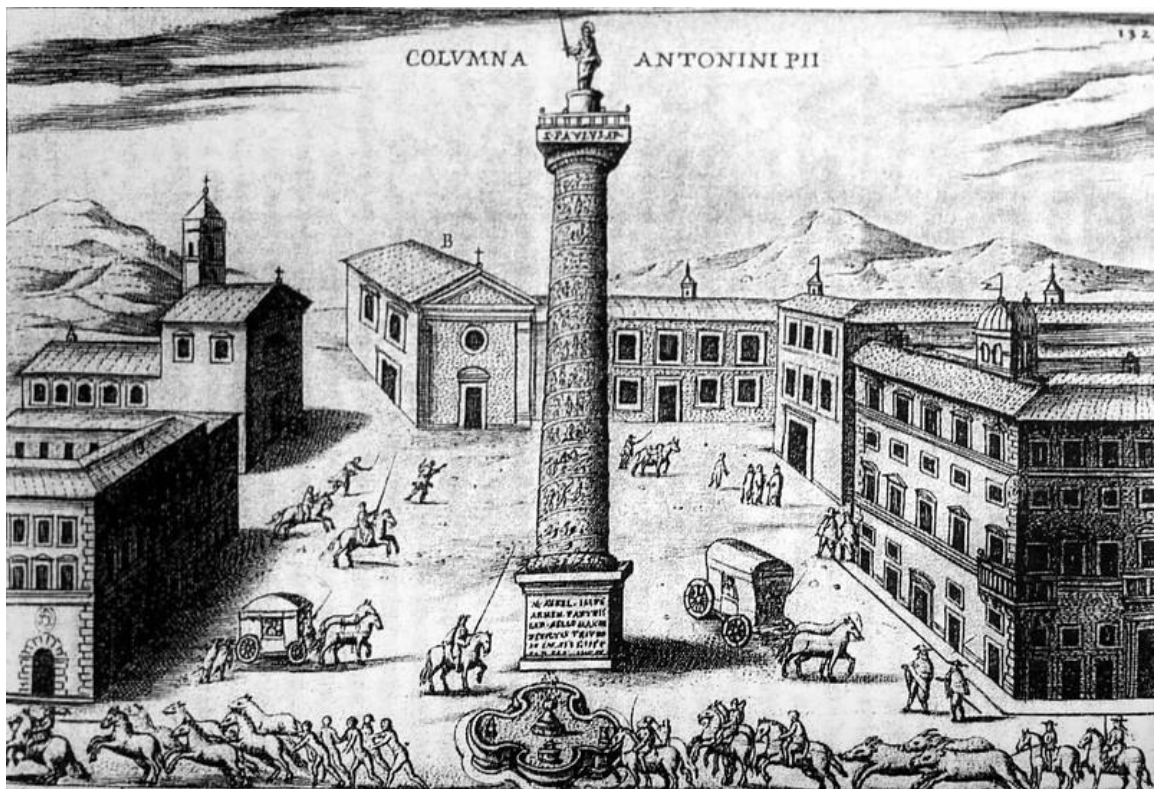


Figura 40: Ilustração *The run of the Jews*, de Giacomo Lauro. **Fonte:** Wikipedia

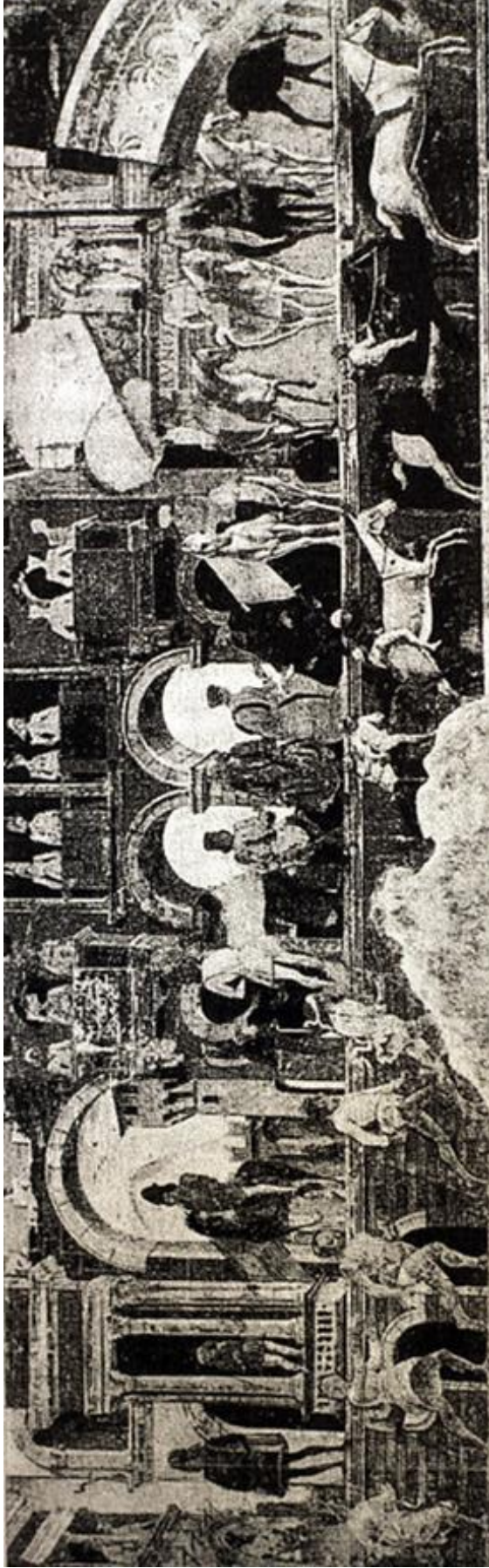


Figura 41: Gravura *A corrida das prostitutas judias*, autor desconhecido. **Fonte:** Wikipedia

Ouso fazer uso aqui de uma reflexão atual sobre a sociedade em que vivemos, de culto à luz, de Baitello Junior em *A carta, o abismo, o beijo*. Assim como o período de tempo que estudamos nesse momento fala do fim da Idade Média, conhecida como a Idade das Trevas, o tempo que o procede deveria ser de mais “luz”, de mais lucidez e claridade na compreensão das diferenças. O mestre fala da relação do dia e da noite, da claridade com a escuridão, mas sua veia poética me permite usar os seus ensinamentos para comparar seu texto a essas épocas de disseminação de imagens antisemitas. O judeu, ou o “intruso”, ou o “desconhecido”, ou o “obscuro” não foi “iluminado” com o fim da Idade Média. Até foi, em certa medida, mas apenas para chamar a atenção sobre o que não pode ser permitido brilhar e deve ser condenado à escuridão. A citação abaixo cabe assim no meu contexto imaginário-cultural.

A transposição das qualidades físicas da luz, no entanto, para os universos mais abstratos e culturais de *civilização, desenvolvimento, progresso, riqueza, poder e ciência*, levou a cultura humana a um caminho ambivalente, de brilho e luzes, mas também de pedras e espinhos. A busca desses universos abstratos confundidos com a luz gerou muitas vezes obscuridade e obscurantismo... .. E a luminosa ciência não iluminou o desconhecido e o obscuro senão em modestas parcelas, preferindo fechar os olhos, muitas vezes, para os limiares obscuros da realidade. (BAITELLO JUNIOR, p. 40, 2018)

Paralelamente, na história, Martinho Lutero e suas inovações teológicas surgem na Alemanha nesse período e a Reforma Protestante logo chega a toda a Europa. Ele publica *Jesus Cristo nasceu judeu*, em 1523, criticando a igreja católica que por anos forçou milhares à conversão ao cristianismo.

Espero que, se alguém lidar gentilmente com os judeus e os instruir cuidadosamente das Escrituras Sagradas, muitos deles se tornarão cristãos genuínos e se voltarão novamente para a fé de seus pais, profetas e patriarcas. Eles só terão mais medo se o judaísmo for tão completamente rejeitado que nada mais seja permitido permanecer e eles sejam tratados apenas com arrogância e desprezo. Se os apóstolos, que também eram judeus, tivessem lidado conosco como nós lidamos com eles, não haveria um cristão. Uma vez que eles lidaram conosco de maneira fraternal, devemos, por nossa vez, tratar os judeus de maneira fraterna, a fim de que possamos converter alguns deles. (LUTERO, 1523)

No texto, ele defende os judeus e fala aos cristãos que eles devem se lembrar que, diferentemente dos judeus, eles não são da linhagem de Cristo.

Nós somos estrangeiros e sogros; eles são parentes de sangue, primos e irmãos de nosso Senhor. Portanto, se alguém se vangloria de carne e osso, os judeus estão realmente mais próximos de Cristo do que nós, como diz São Paulo em Romanos 9 [:5]. Deus também demonstrou isso por seus atos, pois a nenhuma nação entre os gentios ele concedeu uma honra tão alta quanto aos judeus. (LUTERO, 1523)

Lutero acreditava que a conversão dos judeus para o protestantismo seria muito rápida e fácil. Mas ele estava enganado. Assim, ele se volta contra os judeus e, vinte anos depois, publica a obra antissemita *Sobre os Judeus e suas mentiras*.

Nosso Senhor também os chama de “ninhada de víboras”, João 8:39: "Se forem filhos de Abraão, façam a obra de Abraão. Vós sois filhos do diabo, ele é vosso pai". Ser filhos do diabo e não de Abraão? Desta não gostaram e não gostam até hoje. Mudar tudo, entregar tudo, deixar da nossa maneira de ser? ...Os cristãos devem precaver-se para que não sejam seduzidos por este povo maldito e obstinado, que despreza todo mundo. Eles gostariam de atrair-nos para sua crença, e o fazem sempre que possível. E mesmo que Deus lhes conceda misericórdia e graça, terão que abandonar antes suas orações blasfemas, tirá-las das escolas, dos seus corações e suas bocas, pois tais orações provocam a ira de Deus. Mas eles não farão! Humilhar-se a esse ponto? (LUTERO, 1543)

Se o líder da Reforma passou a perseguir os judeus por meio do texto escrito, das manifestações públicas ou suas pregações em igrejas na Alemanha, usando mídias secundárias como aparato, mas especialmente seu corpo, sua voz, discurso inflamado e influência que exercia no período e até hoje existe enquanto precursor de um movimento comunicacional que leva ao questionamento da fé católica e judaica, o período da Contrarreforma, que se opõe a Lutero, também não amenizou a caça às “bruxas judaicas”. A Igreja aumentou a pressão para a conversão dos judeus, passou a cobrar impostos das sinagogas e queimou em praça pública, em Roma, um monge franciscano convertido ao judaísmo. Dias depois, centenas de volumes do Talmud foram queimados no mesmo local no dia de Rosh Hashaná, ano novo judaico, em 1553. Dois anos depois, para a tristeza da comunidade judaica, o cardeal Caraffa, que assumiu com o nome de Paulo IV, foi eleito o novo papa. Caraffa era conhecido como o Grande Inquisidor e foi responsável por tornar a suave Inquisição italiana em um período de terror absoluto. Para o novo papa, o judaísmo era uma ameaça para o cristianismo e, por isso mesmo, assim que assumiu o papado, tratou de emitir uma nova bula, a *Cum Nimis Absurdum*, que ganha esse

nome por causa das suas própria palavras iniciais no texto-lei: “Como é absurdo e tremendamente inconveniente que os judeus, por sua própria culpa, foram condenados por Deus à escravidão eterna.”²⁵



Figura 42: Capa do livro de Martinho Lutero *Sobre os judeus e suas mentiras*, de 1543.

Fonte: preteristarchive.com

A bula papal proibia os judeus de terem terras, trabalhar em qualquer outro negócio que não fosse a venda de roupas usadas e tecidos, de empregar ou ter contato com cristãos, de atender, no caso dos médicos, pacientes cristãos. Foram mais uma vez obrigados a usar sinais em suas roupas que indicavam ser quem eram, ouvir sermões católicos periodicamente e a viver em um gueto emuralhado. Dentro do gueto, surge um novo idioma, o Giudaico-romanesco, e as dificuldades econômicas impostas pelas regras. Sobraram-lhes trabalhos como os de lixeiro e vendedores ambulantes de todos os tipos. Os poucos que tinham algum privilégio eram aqueles que pertenciam a famílias de banqueiros, mercantes, rabinos e médicos. Os principais

²⁵ (Cum Nimis Absurdum, 1555)

fatos históricos de 1520 a 1781, referentes especialmente aos judeus na Itália, são resumidos por Campagnano e Patragnani conforme abaixo.



Figura 43: Caraffa assume o papado com o nome de Paulo IV. **Fonte:** raldicavaticana.com

²⁶ Ano	Itália	Judeus
1520	Papa Leão X excomunga Martinho Lutero.	
1545-1563	Concílio de Trento.	
1540	Papa Paulo III reconhece oficialmente a Companhia de Jesus (os jesuítas).	
1541		Fim da presença judaica no Sul da Itália. Proibição aos judeus de residir em Milão.

²⁶ CAMPAGNANO e PATRAGNANI, 2007, p. 106.

1543	Inácio de Loyola cria o Instituto dos Catecúmenos.	Os judeus que demonstraram a mínima intenção de se converter são acolhidos por este instituto.
1547-1578		Consolidação dos institutos de empréstimo cristãos e início do processo de eliminação dos bancos judaicos nas cidades menores.
1553	Papa Júlio III.	Queima em praças públicas de manuscritos e impressos judaicos. Cornélio de Montalsino, monge franciscano, é queimado por sua conversão ao judaísmo.
1555	Papa Paulo IV.	Bula <i>cum minis absurdum</i> . Instituição dos guetos no Estado da Igreja e em todos os Estados católicos. Em Roma, obrigação de uma única sinagoga.
1566	Papa Pio V.	Autorização de reagrupar, em um único edifício, as cinco principais sinagogas de Roma.
1775	Papa Pio VI.	<i>Édito sobre os judeus</i> estabelece restrições à liberdade pessoal dos judeus.
1781	Milão, Mântua e Vêneto, parte do Império Austro-Húngaro.	São emitidas nessas localidades “patentes de tolerâncias” em favor dos judeus.

2.3 O CASO MORTARA

O período de tempo marcado pelas influências da Revolução Francesa, em 1799, foi de mais tranquilidade para a comunidade judaica na Europa, pois em muitos países ela passou a gozar de mais igualdade de direitos. Com o início das conquistas napoleônicas, acontece, por exemplo, a primeira emancipação dos judeus da Itália. Do ponto de vista social e organizacional, a Revolução Industrial (1760 – 1840), que iniciou um movimento de migração até as cidades mais desenvolvidas, a difusão do Iluminismo (1715 – 1789) e das consequências da Revolução Francesa (1789 – 1799) também contribuíram de forma histórica e comunicacional para que a ideia de liberdade fosse buscada pelos judeus italianos.

Assim, um grande número deles passou a integrar movimentos de luta por independência, como a sociedade secreta anticlerical Carboneria (1800 – 1831). A Carboneria não resistiu ao domínio austríaco, que reestabeleceu o poder em 1821, mas os revolucionários não desistiram e, influenciados por Giuseppe Mazzini (1805 – 1872), uma figura heroica do Risorgimento²⁷, passaram a fazer parte de outro movimento político denominado *Giovane Italia* (1831 – 1848). “Muitos judeus se inscreveram nesta nova sociedade. Entre eles destacavam-se vários membros da família Trodos, que, em 1833, financiaram os movimentos revolucionários da Savóia” (Campagnano e Petraghane, p. 119). Anos depois, Carlos Alberto de Savoia, rei da Sardenha, assinou o decreto de Emancipação dos Judeus de Piemonte que, entre outros aspectos, garantia direitos civis, políticos e militares.

Mas quando foi coroado imperador pelos franceses e mais tarde pelo papa Pio VII, Napoleão voltou a limitar a liberdade dos judeus em atividades comerciais. Até que, quando ele caiu, em 1814, o Papa volta a estabelecer os guetos que a essa época já não eram os únicos locais de residência da comunidade judaica. A sociedade de maneira geral e a Igreja voltam a perseguir a comunidade judaica. Um exemplo célebre é um caso de sequestro com repercussão internacional em Bolonha, em 1858, com as bênçãos do papa. Trata-se do conhecido Caso Mortara, de um menino chamado Edgardo Mortara, batizado às escondidas pela empregada de uma família judia após ser acometido por uma grave doença e raptado anos mais tarde pela guarda da Igreja católica.

²⁷ Movimento da história italiana de 1815 a 1870 que buscou integrar o país por meio da unificação de diversos pequenos Estados dominados por potências estrangeiras.

Por que o papa ordenou o sequestro? Porque uma empregada da família Mortara contou a uma amiga que batizara o menino de quem cuidava pois, estando os pais ausentes, ele passou mal e ela pensou que ele fosse morrer. Católica praticante que era, batizou o pirralho para que ele não morresse em pecado. A notícia chegou ao Vaticano e forças poderosas viram no caso uma oportunidade de reforçar a autoridade dos estados pontifícios, que Bologna integrava. (Observatório da Imprensa, em 05/07/20)

A obra do artista judeu alemão Moritz Daniel Oppenheim, retrata o sequestro do menino Edgardo Mortara. Oppenheim é considerado o primeiro pintor judeu da era moderna por ter sido o primeiro da Alemanha a receber treinamento acadêmico. Ele estudou Arte em Hanau, onde nasceu, e mais tarde em Munique e Paris. Seu trabalho abrange temas religiosos, literários e históricos, além de alegorias e retratos. Ele nasceu judeu e nunca se converteu ao cristianismo, diferentemente de grande parte dos artistas judeus de sua geração, e se tornou famoso com suas “cenas da vida familiar judaica tradicional”. Ser judeu e pintor eram coisas antagônicas para aquele tempo, mesmo que a família não fosse ortodoxa. Ao analisar a obra, que se distancia um pouco dos fatos históricos, já que nenhum membro do clero foi à casa dos Mortara no episódio do sequestro, vemos que o artista quer deixar claro que o roubo da criança foi a mando da Igreja católica. Uma freira, um monge franciscano e um padre são escoltados por guardas da Inquisição Papal ao entrar na residência judaica. Uma mezuzá²⁸, no batente da porta à direita, identifica que aquele é um lar judeu, assim como as kipots²⁹, que pai e irmão mais velho usam sobre a cabeça, delatam a fé da família. O caso se deu aos exatos 24 de junho de 1858, quando o menino estava com seis anos de idade. Apesar dos esforços dos pais da criança, do apoio da comunidade judaica à família em toda a Europa, do apelo de figuras ilustres da época, dos protestos da família Rothschild³⁰ e da intervenção do Sir Moses Montefiore³¹; pessoas influentes da época, o menino nunca foi devolvido. O menino foi criado como cristão por líderes

²⁸ Mezuzá é um estojo decorativo que guarda um pequeno pergaminho com versículos específicos da Torá (Deuteronômio 6: 4-9 e 11: 13-21) em hebraico. No judaísmo, uma mezuzá é afixada à porta dos lares judeus para cumprir a mitzvá (mandamento) de “escrever as palavras de Deus nos portões e batentes da sua casa”.

²⁹ Kipá, no plural Kipot, é uma espécie de “chapéu sem aba”, geralmente feita de tecido, usada apenas por homens judeus para cumprir o requisito habitual de cobrir a cabeça, simbolizando que acima deles está Deus. Nas comunidades ortodoxas é usada o tempo inteiro. Entre as comunidades não-ortodoxas, a maioria das pessoas usa apenas durante as orações, quando frequentam uma sinagoga, em festas e ritos religiosos ou culturais judaicos.

³⁰ A família Rothschild, conhecida como Casa Rothschild, é uma dinastia de origem judaico-alemã cujo alguns de seus membros fundaram bancos e instituições financeiras no final do século XVIII.

³¹ Sir Moses Haim Montefiore foi um financista e banqueiro judeu, britânico, ativista, filantropo e xerife de Londres.

religiosos e se converteu padre. O sequestro do menino não foi um ato isolado de conversão forçada, apesar de já estarmos, nesse período, em meados do século XIX. Quando Moritz Oppenheim visitou a Itália como estudante de arte por volta de 1821, ele pode presenciar muitos judeus italianos com medo dessa possibilidade.

Em busca de um dos líderes da comunidade judaica em Roma, o Sr. Uzielli, ele dirigiu-se à sinagoga numa noite de sexta-feira e perguntou-o pelo nome. Os congregantes, na praça do lado de fora da sinagoga, o ignoraram repetidamente. Somente depois de se identificar completamente como judeu, ele foi levado para a casa do Sr. Uzielli e, mesmo assim, percebeu que “assim que eu abri a porta de um quarto, a dona da casa rapidamente puxou as crianças para uma sala vizinha, até ela foi acalmada pelas palavras dos meus guias: 'e un jehudi' ”³². (DASBERG, 1924, p. 34)

O medo continuava instaurado entre a comunidade judaica, talvez pela fobia que sua própria imagem causava. Ser, querendo ser, mas sem querer ser visto, ser querer ser notado. Talvez fosse o mais confortável para quem temia perseguição e morte. Mas será que essa caçada poderia ser por fim interrompida? As imagens não deixavam! As imagens na arte, na mídia e até a imagem no espelho. A população não judaica e judaica se alimentava dessas imagens, como em um processo de iconofagia, comem e associam sua comida mental com um registro permanente que vicia por seu valor quase que fantasioso de uma crença que começa e termina em imagens.

Nas camadas históricas mais profundas, toda imagem possui algum potencial causador de fobias, por evocar, por recordar e, por fim, trazer à tona camadas soterradas do tempo. A estratégia contrafóbica pode ser justamente a reprodução da própria imagem. Pela atividade de reprodução busca-se obter a sedação. Trata-se de um processo de escalada, conforme afirmam Pross (1974) e Wyss (1976), criação de um “défícite emocional” que se seda temporariamente para ressurgir e novamente ser sedado. (BAITELLO JUNIOR, p. 84, 2018)

É essa ideia de imagem como alimento antissemitico que acredito ser possível. Somos o que comemos, já diriam os entendidos das dietas corpóreas. Se nos “alimentamos” de imagens que trazem essas referências e conceitos e exclusão, de raiva, de mentira, de diferente, de

³² Citando Oppenheim na obra *Uma história íntima da infância judaica*.

estranho, temos uma tendência natural de externar os mesmos ideais, preconceitos e vícios que parecem atravessar o tempo e as gerações. Já em 1870, em uma Itália unificada e independente,



Figura 44: *O Sequestro de Edgardo Mortara* (1862), de Moritz Daniel Oppenheim **Fonte:** foto do Jüdisches Museum der Stadt Frankfurt da pintura do acervo particular de descendentes de Oppenheim.

os guetos foram finalmente extintos com a queda do gueto de Roma e os judeus foram denominados italianos judeus ou italianos de fé judaica e, com a garantia de sua nacionalidade italiana, passaram a ascender socioeconomicamente. Segundo Campagnano e Petraghane, a partir de 1874, quatro anos após a queda do gueto de Roma, o parlamento já contava com 15 deputados judeus. “Com a unificação dos Estados italianos, os contatos entre várias comunidades judaicas aumentaram e muitos... ..partiram dos centros menores para as grandes cidades, onde organizaram escolas e centros religiosos e sociais.” (CAMPAGNANO e PATRAGNANI, 2007, p. 124). O ambiente era de mais tranquilidade, mas os movimentos migratórios continuaram de forma natural até o início da primeira guerra, quando vários países

da Europa buscaram conquistar novos territórios. A Itália impôs seu império aos territórios africanos da Eritreia e da Somália (1890), da Líbia (1911) e da Etiópia (mais tarde, em 1935), além de ilhas no mar Egeu. Em todas essas regiões, foram encontradas comunidades judaicas – não poderia ser diferente, especialmente na África, berço da povo do deserto. Ao tomar a Líbia do domínio turco, os judeus ali residentes acreditavam que seriam beneficiados. Mas a política fascista, que passou a adotar medidas racistas, atingiu fortemente os judeus da Itália e dos países conquistados.

2.4 REFLEXOS DA PRIMEIRA GUERRA E DA REVOLUÇÃO DE 1917 NA IMAGEM DOS JUDEUS

Em 1914 eclode a Primeira Guerra Mundial com a entrada da Itália um ano depois, aliada à Rússia, França e Inglaterra, contra o império Austro-Húngaro e, depois, contra a Alemanha. O povo se dividiu entre os pró-monarquia e os socialistas. Não há como compreender o massacre sofrido pelos judeus na Segunda Guerra Mundial e o processo de emigração desencadeado especialmente entre os anos de 1938 a 1941 sem antes falarmos sobre a Grande Guerra. Fazemos nesse momento um pequeno recorte na Guerra das Guerras para entender como ela mudou o destino da história judaica, fomentando um antissemitismo virulento, gerando medo em relação à possível deslealdade dos judeus que alimentou deportações e massacres na Europa Oriental durante e após esse período.

Os judeus, como quaisquer outros residentes dos países envolvidos no conflito, participaram ativamente da Primeira Guerra. Segundo o professor Daniel Schwartz, diretor do Programa de Estudos Judaicos da George Washington University, em entrevista para a revista norte-americana *Moment Magazine*, de 16 de junho de 2015, aproximadamente um milhão e meio de judeus foi para a frente de combate em seus respectivos países de residência, tanto do lado da Tríplice Aliança quanto da Tríplice Entente. Só na Alemanha, mais de 20% da população total daquele país foi à guerra. “Os judeus alemães estavam muito determinados a provar sua lealdade ao Kaiser”.



Figura 45: quase 100 mil judeus lutaram pela Alemanha. Em 1916, eles celebram Chanuká durante a Primeira Guerra Mundial. **Fonte:** The Jewish Chronicle / Centro de História Judaica / Instituto Leo Baeck de Londres.

Eles acreditavam que com isso poderiam provar que mereciam da confiança do imperador Guilherme II e ele lhes conceder a sonhada emancipação. Pela falta de uma nação própria, não era a primeira vez na história que judeus lutam de lado opostos. Curiosamente, esse evento não ficou na memória da história judaica como os pogroms da Rússia ou o Holocausto, apesar de a guerra ter sido uma catástrofe absoluta para os judeus do Leste Europeu.

O número total de mortos de civis judeus na Europa Oriental entre 1914 e 1921 foi de mais de 100 mil, e eu tenho visto estimativas de que cerca de 600 mil que viviam no Pale russo ou na Galícia austríaca foram desenraizados... ..num momento em que os russos estavam invadindo, os alemães e os austro-húngaros estavam contra-atacando com sucesso. E vai e volta. Isso foi crítico porque a Frente Oriental estava basicamente localizada bem no coração dos judeus do Leste Europeu. Eram milhões de judeus vivendo nessas áreas que foram imediata e gravemente afetados pela guerra. Comunidades inteiras foram destruídas e nunca reconstituídas. À medida que os soldados russos atacavam ou recuavam, aliás – eles criaram enormes crises de refugiados – eles frequentemente expulsavam os judeus. Havia o medo de que os judeus não fossem leais. E então eles os empurraram para o leste atrás das linhas russas, às vezes com aviso de 24 a 48 horas. Ou as populações judias tentariam fugir para o oeste porque ouviram sobre toda a brutalidade – tanto deportações quanto massacres. Minha avó paterna, que morreu no início deste ano aos 100 anos, era do leste da Galícia e se lembrava de ter que deixar sua casa com sua mãe e seus avós e se refugiar em campos de refugiados, assim como milhares de judeus. Eles estavam fugindo dos russos. (Daniel Schwartz para Moment Magazine, 2015)

A Primeira Guerra Mundial deu uma nova vida ao antissemitismo moderno, que tinha surgido no final do século XIX mas que, naquele período, como movimento político, parecia estar sob controle em grande parte. A experiência alemã, em especial, com sua derrota e humilhação pelos Aliados e a turbulência econômica, social e política que se seguiu, tornaram os judeus o bode expiatório perfeito, dando início aos eventos que culminaram com o Holocausto.

Depois de sofrer uma derrota tão devastadora na Primeira Guerra, muitos alemães exigiram explicações simples para o que deu errado. A lenda da punhalada nas costas, que se tornou o mito mais difundido, culpava os judeus e socialistas em casa por minar os soldados no front. Durante a guerra, os judeus lutaram, morreram e sofreram junto com todos os outros alemães. Apesar da profundidade dessas experiências compartilhadas, os mitos da derrota do pós-guerra forçaram aos poucos os judeus para a margem. Os veteranos de guerra judeus e os enlutados continuaram a se lembrar dos mortos na guerra durante os anos entre as guerras, em memoriais e por meio de cerimônias de lembrança regulares. Mas o pogrom de novembro de 1938 finalmente restringiu essas atividades, após o que os soldados judeus da Primeira Guerra Mundial sofreram o mesmo destino que todos os outros judeus europeus na guerra genocida de destruição dos nazistas. (Tim Grady, autor de *Um legado mortal: judeus alemães e a Grande Guerra*, publicado pela Yale University Press, em artigo para a versão eletrônica do The Jewish Chronicle, 2018)

Outro episódio que marca a aceleração do antissemitismo no período é a saída do Império Russo da Guerra por causa da Revolução de 1917, já mencionada no capítulo I desta monografia. Muitos judeus foram figuras proeminentes nos partidos revolucionários russos, afinal, a ideia de acabar com o regime czarista opressor era bastante atraente para as minorias. Portanto, foi natural o ingresso de judeus de etnia nos movimentos bolchevique (Partido Socialista Revolucionário) e menchevique (Partido Operário Social-Democrata Russo). O próprio organizador do Exército Vermelho, o intelectual marxista e revolucionário bolchevique Leon Trótski, nasceu judeu com o nome de Liev Davidovich Bronstein no atual território da Ucrânia, em 1879. Mas os conceitos de ateísmo e internacionalismos dos bolcheviques não eram compatíveis com o tradicionalismo judaico. Até que, logo após a tomada do poder na Rússia, foi estabelecida uma seção judaica do Partido Comunista, com o consentimento de Lenin, chamada *Yevseksiya*, que tinha por finalidade: a substituição da cultura judaica tradicional por uma cultura do proletariado, o fim do Bund e dos partidos e movimentos sionistas³³ rivais e o fim do judaísmo.

A abordagem básica de Lênin à questão judaica estava de acordo com sua visão geral de que a fusão de nações e culturas era um processo histórico progressivo. De acordo com Lenin, o separatismo judaico foi apenas o resultado de leis discriminatórias e restritivas. Ele e Stalin, da mesma forma, consideravam a existência nacional judaica

³³ O sionismo defendia a ideia de que os judeus deveriam ter uma pátria na região que as sagradas escrituras mencionam como “Terra de Israel” e exerceu imponente papel para a criação do Estado de Israel em 1948.

de maneira negativa ou desdenhosa e previam a assimilação dos judeus como inevitável e desejável. Era de se duvidar se Lenin mudou de opinião (baseado em Kautsky e outros) de que os judeus haviam deixado de existir como nação; que a ideia de uma nação judaica separada era “totalmente infundada, cientificamente falando” e reacionária no sentido político. Também era possível que Stalin não recuasse de sua visão de que a nação judaica era basicamente uma nação fictícia (uma vez que não tinha nenhuma das "características distintas" que ele considerava essenciais em uma nação). No entanto, ambos os homens se "comprometeram" com essa "nação fictícia" e deixaram uma certa área substancial para sua existência e cultura separadas... ...A vigorosa campanha conduzida por Lenin e Stalin contra o Bund também sugeriu que, a adesão deste partido ao Yiddish como língua das massas, não contradizia o desejo de fundir culturas no futuro e o cultivo de culturas nacionais no presente nas condições de ditadura do proletariado em um país. (GILBOA, 1982, p. 50)

Entretanto, “quando veio a revolução de outubro, os trabalhadores judeus permaneceram totalmente passivos... ..e uma grande parte deles foi até contra a revolução. A revolução não alcançou a rua judia. Tudo permaneceu como antes.”³⁴. Para Schwartz, a ideia do judeu como bolchevique contribuiu para o aumento do antissemitismo durante a Primeira Guerra Mundial.

Eles estavam sobrerrepresentados entre os bolcheviques. E houve outras revoluções comunistas que ocorreram na Europa Central após a Guerra. Na Hungria, por exemplo, Béla Kun, que foi o líder da revolução, era judeu. Ironicamente, esses bolcheviques renunciaram ao seu caráter judeu. Mas as pessoas podiam olhar para a liderança e dizer: ‘Olha, eles são judeus’. Mas certamente não era o caso da maioria dos judeus simpatizar com os bolcheviques antes da revolução. Eles não teriam razão para, dado o fato de que o judaísmo tradicional ainda era forte por lá. Além disso, os judeus, há muito tempo, eram pessoas fortemente mercantis. (Daniel Schwartz para Moment Magazine, 2015)

Segundo Ghivelder, para a edição 78 da Revista Morashá, de dezembro de 2012, de cinco a dez milhões de pessoas morreram de fome ou de frio em um programa de coletivização³⁵ forçada, conhecido como “deskulakização” de 1929 a 1932. A maioria não era de judeus, mas existia uma crença popular de que, “por terem dinheiro”, todos eram.

³⁴ Gilboa, Jehoshua A. A Língua Silenciada: A Supressão da Literatura e Cultura Hebraica na União Soviética. Fairleigh Dickinson University Press, Nova York, 1982. p. 282

³⁵ A coletivização foi o processo de expropriação de propriedades privadas, especialmente as agrícolas, conduzido por Stálin na URSS com uso de força militar para coibir a resistência dos proprietários.

Não foi por acaso que a imprensa oficial soviética desencavou um trecho do *Diário de um Escritor*, de Dostoievsky, onde se lia: *Os judeus, por conta de sua eterna ambição pelo ouro, arruinaram a Rússia dando-lhe vodka. Se eles constituíssem a maioria e os russos a minoria, os judeus nos matariam até o último homem, assim como fizeram com povos inimigos durante sua história antiga.* (Zevi Ghivelder, para Revista Morashá, edição 78, dezembro de 2012.)

Em outro continente, nos Estados Unidos, a guerra também desencadeia um período de antissemitismo, resultando em restrições imigratórias. Também “passaram a existir cotas de admissão nas universidades americanas e ampla distribuição de propaganda antissemita. Esses movimentos detêm e reverterem parte do progresso que os judeus já haviam feito no país”³⁶. Como rescaldo, anos depois, a retórica nazista viu que atribuir aos judeus a “pecha” de comunistas, facilitaria seu extermínio. Antissemitismo e anticomunismo eram ideologias que se complementavam para o nazifascismo. Esses ideais que formavam um casamento perfeito foram amplamente disseminados pelos novos e potentes meios de comunicação, como o rádio, na Europa.

Neste contexto comunicacional-histórico-político, Henry Pross, com sua Teoria da Mídia, surge para analisar como se dão os fenômenos dos veículos que levam as mensagens de um lugar para o outro (de um corpo para o outro), mediando, impactando, influenciando e comunicando. E o rádio, como mídia terciária, por meio de suas ondas sonoras, envolve todo o corpo, a pele, conectando-o com outros corpos, estabelecendo sincronia no ambiente social. Neste sentido, as ciências da comunicação e as ciências culturalistas se relacionam e se complementam em um movimento sinuoso e sem fim, ao logo da história da sociedade, porque os corpos, como primeiro elemento comunicacional, estão antes e depois das mídias elétricas e eletrônicas, se vinculam e formam o que conhecemos como cultura. Corpos e cultura se tornam assim indissociáveis para a moderna teoria da comunicação, como antissemitismo e anticomunismo foram para o olhar da política nazifascista. No caso de estudo específico, o processo comunicacional que visa construir uma imagem negativa do povo judeu, há construção de vínculos que agregam os que não pertencem a este grupo étnico-religioso-cultural, mas, principalmente, segregam os “estrangeiros”. Ele são os “outros”, o que não fazem parte. Os dispositivos “Fascismo” e “Nazismo” fizeram grade uso das mídias terciárias para a difusão de mensagens e imagens a um grande número de pessoas. Os meios de comunicação

³⁶ Daniel Schwartz para Moment Magazine, 16 de junho de 2015.

acompanharam o desenvolvimento da humanidade (apesar de nesse período de guerras verificarmos um retrocesso da humanidade), criando um uma espécie de descontextualização do espaço versus o tempo das pessoas com seus ambientes, levando as imagens a migrarem para diferentes atmosferas comunicacionais. Para Romano, o tempo e o espaço são mais do que coordenadas da percepção humana – eles também ditam o desenvolvimento social da comunicação. Portanto, é imprescindível verificar como os meios de comunicação, como o rádio, nessa época, exerceram influência na composição do que significa tempo e espaço. Maria Aparecida Ladeira da Cunha, citando Romano, diz que:

É no entorno comunicacional que ocorre a troca do presente individual pelo presente coletivo: vivências e produção de sentidos que possibilitam a compreensão do passado, da história e também estimula a sensibilidade. Devido a seu enorme poder na vida das pessoas, Romano (1993) chama a atenção para a necessidade de observação do entorno comunicacional pelo viés da ecologia e da sustentabilidade, pela forma como se dá o processo de vinculação. (CUNHA, 2015)

De fato, as mídias foram usadas pelos dispositivos de poder da época para convencer, dar credibilidade, exercer força e alterar a noção de tempo e espaço, num processo de migração de conceitos e imagens para imputar ao judeu todas as culpas por uma Europa falida e prestes a entrar em colapso em uma segunda guerra já anunciada. E a leitura feita por Harry Pross, neste sentido, nos dá as evidências sobre “os fatores geradores de ambientes culturais e seu impacto sobre as comunidades sob a ação desses potentes distribuidores de símbolos”³⁷

Os veículos de comunicação passam a ser vistos como construtores de novas realidades ou ambientes. Tais ambientes têm como fatores constitutivos essenciais os vínculos afetivos e os imaginários do homem, nos quais as leis da racionalidade e da casualidade, bem como os modelos de comunicação por elas construídos podem ser invertidos, simplesmente revogados ou ignorados... .. Símbolos adquirem o *status* de alimentos e os mdeia passam a ser analisados na função que eles próprios se atribuem, na central abastecedora e distribuidora de símbolos e imagens, cuja necessidades eles próprios criaram. (BAITELLO JUNIOR, p. 112, 2018)

Assim, desvendando Pross, que Baitello Junior reflete sobre a teoria do mestre alemão que faz uma leitura da cultural dos processos da comunicação, tão importante para a compreensão dos fenômenos causados pelo funcionamento na mídia para a difusão de imagens

³⁷ Baitello Junior, pg. 111, 2018

e símbolos antijudaicos que alimentaram o imaginário, a fantasia e os sonhos de boa parte da população mundial.



Figura 46: fotografia de Trótski. **Fonte:** Wikipedia

2.5 - O FASCISMO E A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM JUDAICA

A Itália, que passou para o lado da Tríplice Entente em 1915, sai da Primeira Guerra Mundial com o status de vencedora, mas seus desejos territoriais de expansão com colônias na África e no Oriente Médio não foram alcançados. O conflito armado deixou como consequência uma crise social, econômica e política. Nesse contexto, surgem o Partido Popular, em defesa das tradições católicas, em 1919; e o Partido Comunista, em 1921. O Partido Socialista existia desde 1895. Mas nada foi tão expressivo quanto o movimento nacionalista *Fasci di Combattimento*, criado por Benito Mussolini, político e jornalista italiano, que atraiu extremistas de direita e esquerda conhecidos como fascistas ou camisas-negras. Por meio da violência física, com armas em punho, e financiados por donos de terra, industriais e comerciantes (cristãos e judeus), perseguiram e matavam membros de cooperativas, sindicatos e partidos. “Muitos homens políticos liberais iludiram-se e viram no movimento fascista uma verdadeira lição para socialistas e anarquistas, que eram vistos por eles como fomentadores de greves e desordens”³⁸. Em 1921, o movimento se tornou o Partido Nazionale Fascista (PNF) e após o episódio da Marcha sobre Roma³⁹, um ano depois, o então rei da Itália, Vitorio Emanuel III, viu-se pressionado a aceitar a insurreição fascista e Mussolini assumiu o poder.



³⁸ CAMPAGNANO e PATRAGNANI, 2007, p. 136.

³⁹ Como o próprio nome diz, A Marcha sobre Roma foi um evento em forma de marcha na cidade de Roma, decisivo para a ascensão de Mussolini e de seus correligionários fascistas ao poder na Itália.

Figura 47: fascistas queimam a sede do jornal socialista *Avanti!* após a Marcha sobre Roma, em 1922. **Fonte:** acervo O Globo.

Em 1925, por meio de um golpe, a ditadura fascista foi instaurada como o Estado totalitário, a criação do cargo de Primeiro Ministro para Mussolini que se autodenominou *Duce* (líder ou guia) do governo ditatorial fascista que perdurou até 1943. Neste período os judeus da Itália gozavam do status de cidadãos e estavam totalmente integrados à sociedade, exercendo atividades de trabalho de todos os tipos, ocupando, inclusive, cargos públicos. Eles não poderiam imaginar que uma política antisemita pudesse ser articulada pelo Estado fascista. Muitos inclusive se filiaram ao PFN.

Também durante o regime fascista, Estado e Igreja se reaproximaram. Depois de muitas tentativas no passado, apenas com Mussolini foram possíveis negociações com o Papa XI que culminaram com a criação do Estado da Cidade do Vaticano, uma monarquia teocrática independente do reino da Itália por meio do Tratado de Latrão, um acordo que se tornou uma série de leis em 1929. Esse foi o início de uma transformação significativa na Itália, que deixava de ser um país laico. Mussolini garantiu à população que a liberdade de culto permaneceria vigente.



Figura 48: membros do Governo e da Igreja ladeiam o cardeal Pietro Gaspari e o general Benito Mussolini quando da assinatura do Tratado de Latrão, que instituiu o Estado do Vaticano, em 1929. **Fonte:** acervo online O Globo.

Em 1935, sob dificuldades econômicas, o *Duce* viu em um acordo com a França uma oportunidade. No pacto entre os países, a França sedia alguns territórios na África, dentre eles a Etiópia. A conquista colonial trazia ao povo a sensação de vitória militar, estímulo da atividade produtiva da indústria e a ilusão de que as terras africanas trariam grandes riquezas ao país. A imigração de ambos os sentidos foi natural. A Itália já detinha outras colônias no continente africano, isso não era novidade. Mas é importante ressaltar que nesse período foram registradas medidas racistas contra a população negra mais contundentes. Em agosto de 1936, na Etiópia, foi decidido separar as casas dos italianos das dos habitantes locais.

O professor Lidio Cipriani, auxiliar de Antropologia na Universidade de Florença, sugeriu como evitar essa contaminação: para os residentes da África foi decidido um regime de *apartheid*, enquanto para os súditos coloniais que se encontravam na Itália, a solução foi a *expulsão* da península. Esta última medida interferiu profundamente na vida dos discriminados que se faziam presentes legalmente na sociedade italiana e, muitas vezes, estavam ligados sentimentalmente ou juridicamente casados. Era transmitida uma imagem do negro na qual alternava o mito do ‘bom selvagem’ e a ‘deformação física do negro’, enfatizando certos caracteres: os lábios, nariz, pés e mãos eram grosseiramente aumentados, colocando em evidência as diferenças, e, mais do que isso, estimulando o horror e o nojo (BIGAZZI, 2007, p. 41)

Trazemos à luz esse comportamento bizarro que foi sendo incorporado à sociedade italiana e posteriormente se transformou em leis racistas absolutamente segregacionistas para explicar como seria “fácil” incutir na população outros tipos de discriminação em virtude de raça, origem, etnia e religião para outros grupos populacionais considerados inferiores. Por mais que já se fizesse bastante tempo que os judeus viviam em paz na Itália, como plenos cidadãos de direito, não demoraria para que outras medidas igualmente discriminatórias contra eles ressurgissem na Europa. “Até 1934, Mussolini tentou mostrar o quanto era amigo dos judeus. ...A partir daquele ano, no entanto, o dirigente italiano deu espaço a uma campanha antissemita

em vários jornais”.⁴⁰ Especialmente a partir de 1938, quando Mussolini foi a palanque em Trieste para anunciar o conteúdo das leis raciais fascistas. A primeira publicação foi a do documento *Manifesto degli Scienziati Razzisti* (Manifesto de Cientistas Raciais/ Racistas), que teve por objetivo disseminar o racismo por meio de argumentos biológicos e científicos, e não políticos ou religiosos. Ele também foi estampado na primeira edição da publicação de uma revista quinzenal *La Difesa della Razza* (Em Defesa da Raça), de 05 de agosto do mesmo ano, com o intuito de promover a divulgação dos ideais racistas e encorajar sua aceitação em toda a Itália. O periódico passou a ser um dos principais veículos da imprensa fascista racista.

Manifesto de Cientistas Racistas

O secretário-ministro do partido recebeu, no dia 26 de julho XVI, um grupo de estudiosos fascistas, professores nas universidades italianas, as quais, sob a égide do Ministério da Cultura Popular, elaboraram as proposições que fundamentam o racismo fascista.

1. Existem raças humanas. A existência das raças humanas já não é uma abstração do nosso espírito, mas corresponde a uma realidade fenomenal, material, perceptível com os nossos sentidos. Esta realidade é representada por massas, quase sempre impondo milhões de homens semelhantes em características físicas e psicológicas que foram herdadas e continuam a herdar. Dizer que existem raças humanas não significa a priori que existam raças humanas superiores ou inferiores, mas apenas que existem diferentes raças humanas.

2. Existem raças grandes e pequenas. Não é necessário apenas admitir que existem grandes grupos sistemáticos, que são comumente chamados de raças e que são individualizados apenas por alguns caracteres, mas também deve ser admitido que existem grupos sistemáticos menores (como por exemplo os nórdicos, os mediterrâneos, os dinâmicos, etc.) individualizados por um maior número de caracteres comuns. Esses grupos constituem biologicamente as raças verdadeiras, cuja existência é uma verdade evidente.

3. O conceito de raça é um conceito puramente biológico. Baseia-se, portanto, em outras considerações que não os conceitos de povo e nação, essencialmente baseadas em considerações históricas, linguísticas e religiosas. No entanto, as diferenças raciais estão na raiz das diferenças de pessoas e nação. Se os italianos são diferentes dos franceses, dos alemães, dos turcos, dos gregos etc., não é só porque têm uma língua e uma história diferentes, mas porque a constituição racial desses povos é diferente. Eles eram de diferentes proporções, de diferentes raças, desde uma época muito antiga eles constituem os diferentes povos, quer uma raça tenha domínio absoluto sobre as

⁴⁰ CAMPAGNANO e PATRAGNANI, 2007, p. 141.

outras, todas elas estejam harmoniosamente fundidas ou, por fim, que as diferentes raças ainda persistam não assimiladas entre si.

4. A população da atual Itália é principalmente de origem ariana e sua civilização é ariana. Esta civilização ariana habita nossa península há vários milênios; muito pouco resta da civilização dos povos pré-arianos. A origem dos atuais italianos parte essencialmente de elementos dessa mesma raça que constitui e constituiu o tecido perene vivo na Europa.

5. A contribuição de grandes massas de homens nos tempos históricos é uma lenda. Depois da invasão dos lombardos, não houve nenhum outro movimento notável de povos na Itália capaz de influenciar a fisionomia racial da nação. Disto se segue que, enquanto para outras nações europeias a composição racial variou consideravelmente nos tempos modernos, para a Itália, em seu amplo contorno, a composição racial de hoje é a mesma de mil anos atrás: os quarenta e quatro milhões. A maioria dos italianos hoje é, portanto, a maioria absoluta das famílias que viveram na Itália por pelo menos um milênio.

6. Agora existe uma "raça italiana" pura. Esta afirmação não se baseia na confusão do conceito biológico de raça com o conceito histórico-linguístico de povo e nação, mas no puro parentesco de sangue que une os italianos de hoje às gerações que povoaram a Itália por milênios. Esta antiga pureza de sangue é o maior título de nobreza da nação italiana.

7. É hora de os italianos se proclamarem francamente racistas. Todo o trabalho que o regime fez na Itália até agora é basicamente racismo. A referência aos conceitos de raça sempre foi muito frequente nas falas do líder. A questão do racismo na Itália deve ser tratada de um ponto de vista puramente biológico, sem intenções filosóficas ou religiosas. A concepção de racismo na Itália deve ser essencialmente italiana e de orientação ariano-nórdica. No entanto, isso não significa introduzir as teorias do racismo alemão na Itália como elas são ou afirmar que italianos e escandinavos são a mesma coisa. Mas ele quer apenas apontar para os italianos um modelo físico e acima de tudo psicológico da raça humana que, por suas características puramente europeias, está completamente separado de todas as raças extra europeias; isso significa elevar o italiano a um ideal de autoconsciência superior e de maior responsabilidade.

8. É necessário fazer uma distinção clara entre o mediterrâneo europeu (ocidental), por um lado, os orientais e os africanos, por outro. Portanto, as teorias que sustentam a origem africana de alguns povos europeus e incluem as populações semítica e camítica em uma raça mediterrânea comum, estabelecendo relações ideológicas e simpatias absolutamente inadmissíveis, devem ser consideradas perigosas.

9. Os judeus não pertencem à raça italiana. Dos semitas que, ao longo dos séculos, desembarcaram no solo sagrado de nossa pátria, nada em geral permaneceu. A ocupação árabe da Sicília também não deixou nada além da memória de alguns nomes; além disso, o processo de assimilação sempre foi muito rápido na Itália. Os

judeus representam a única população que nunca foi assimilada pela Itália, porque é composta por elementos raciais não europeus, absolutamente diferentes dos elementos que deram origem aos italianos.

10. As características físicas e psicológicas puramente europeias dos italianos não devem ser alteradas de forma alguma. A união é admissível apenas no contexto das raças europeias, caso em que não se deve falar em verdadeiro hibridismo, uma vez que estas raças pertencem a um tronco comum e diferem apenas em alguns caracteres, enquanto são iguais para muitos outros. O caráter puramente europeu dos italianos é alterado pelo cruzamento com qualquer raça extra europeia e portadora de uma civilização diferente da civilização milenar dos arianos. (Arquivos online da Radiotelevisione Italiana Spa⁴¹)

O manifesto, com o habitual estilo retórico fascista, falava a respeito da existência de raças humanas e da origem ariana da população italiana e da proibição aos judeus de ingressar em uma civilização ariana como a itálica. O mais impressionante é o fato de que as teorias racistas do manifesto são atestadas por dez catedráticos⁴² italianos das áreas de Demografia e Estatística, Antropologia e Medicina, que demonstravam “cientificamente” a inferioridade de algumas raças em relação à italiana – essa “cientificidade” das afirmações visava distanciar o manifesto das Leis de Nuremberg⁴³ e justificar as leis raciais italianas. Segundo a historiadora Hannah Arendt, uma das principais características de governos totalitários, como foi o caso do fascismo, é o uso do terror.

O seu principal objetivo é tornar possível à força da natureza ou da história propagar-se livremente por toda a humanidade sem o estorvo de qualquer ação humana espontânea. Como tal, o terror procura “estabilizar” os homens a fim de liberar as forças da natureza ou da história. Esse movimento seleciona os inimigos da humanidade contra os quais se desencadeia o terror, e não pode permitir que qualquer ação livre, de oposição ou de simpatia, interfira com a eliminação do “inimigo

⁴¹ Arquivos online da Rai - Radiotelevisione Italiana Spa, acessados em 23/10/2020. http://www.educational.rai.it/materiali/file_lezioni/58262_635994511812111342.pdf

⁴² Os professores universitários que assinaram tal documento foram: 1. Prof. Guido Landra, assistente de Antropologia, 2. Dr. Lino Businco, assistente de Patologia, 3. Dr. Marcello Ricci, assistente de Zoologia, 4. Prof. Franco Savorgnan, titular de Demografia; 5. Prof. honorário Sabato Visco, diretor do Instituto Geral de Fisiologia, 6. Prof. Edoardo Zavattari, diretor do Instituto de Zoologia e 7. Prof. Nicola Pende, diretor do Instituto Patologia Médica Especial, todos da Universidade de Roma; 8. Prof. Lidio Cipriani, titular de Antropologia da Universidade de Florença e diretor do Museu Nacional de Antropologia e Etnologia de Florença; 9. Prof. Arturo Donaggio, titular de Neuropsiquiatria Clínica da Universidade de Bolonha e presidente da Sociedade Italiana de Psiquiatria; e 10. Dr. Leone Franzí, assistente de Pediatria Clínica da Universidade de Milão.

⁴³ As Leis de Nuremberg, promulgadas na Alemanha nazista em 15 de setembro de 1935, eram antisemitas e racistas. Veremos mais à frente seu conteúdo.

objetivo” da História ou da Natureza, da classe ou da raça. Culpa e inocência viram conceitos vazios; “culpado” é quem estorva o caminho do processo natural ou histórico que já emitiu julgamento quanto às “raças inferiores”, quanto a quem é “indigno de viver”, quanto a “classes agonizantes e povos decadentes”. ...O terror é a legalidade quando a lei é a lei do movimento de alguma força sobre-humana, seja a Natureza ou a História. (ARENDRT, p. 517, 1989).

A visão de Arendt emociona, pois traduz e explica o que está por trás do antissemitismo e da tragédia anunciada dos campos de concentração. O dispositivo “Estado”, foi responsável por inculcar, via mídia, a ideia de não culpabilidade dele mesmo e de seus seguidores. Os culpados sempre foram os judeus, diriam eles. Para reafirmar essa prerrogativa, nasce, com Manifesto Racista, a revista *La Difesa della Razza*, cujas principais capas trazemos nesse trabalho a fim de se analisar as relações das imagens, somadas aos textos escritos em seu interior, que passaram a integrar a atmosfera antissemita de forma contundente.

A publicação tinha como diretor editorial o jornalista Telesio Interlandi, conhecido como grande divulgador do fascismo racista. Em sua primeira edição, a capa traz os perfis de “três raças diferentes”, segundo o Manifesto Racista, sendo que a maior, a “mais importante”, é uma figura romana, italiana, ariana. Ela é separada por uma espada, possivelmente empunhada por uma mulher, dos perfis de um judeu e seu nariz aguilenho, e de um dos povos colonizados na África. Cabe uma leitura sob o prisma racista de que a mulher pode ser a decisora em relação à “preservação da família”, dos genes arianos. É a que faz a escolha do par que terá na vida, o pai dos seus filhos. Por isso, ela tem de separar o “joio do trigo”, o mau do bom, o feio do belo, o errado do correto. Ela tem a arma na mão e pode tomar essa decisão em prol da continuidade de uma raça ariana pura. Na publicação, uma série de artigos assinados por estudiosos corroboram o tema central. Um em especial, “A Burguesia e a Raça”, desconstrói a imagem do judeu, julgando-o como grande vilão pela crise da burguesia italiana e explica as razões do fascismo para a exclusão dos judeus da sociedade italiana, que faz uso inclusive dos “ensinamentos” do texto fraudulento Os Protocolos dos Sábios de Sion, já mencionado no capítulo I desta monografia, que explica como os judeus pretendem “dominar o mundo”. O texto é conhecido na Itália desde 1921, mas naquele ano foi reeditado em edição especial. A matéria também é permeada por caricaturas que corroboram esse viés fascista e evidenciam características físicas tidas como “padrão da raça” judaica. Ao facilitar a identificação dos “culpados”, o periódico acelera o processo de discriminação popular.



Figura 49: capa da primeira edição da revista fascista *La Difesa della Razza*, de 5 de agosto de 1938. **Fonte:** biblioteca online da University of South Florida.



La Borghesia

La profonda crisi della nostra borghesia è giunta a farle perdere ogni giorno, nei popoli, quando chi li dirige non è della loro stessa natura: quando la grande massa, guidata dall'istinto deciso il senso della nazione. C'è chi afferma che non l'abbia mai avuto;

e la Razza



possibile, nei suoi riguardi pensare ad altro rimedio se non il trono, segnò il più alto culmine di circa mille anni di storia romana?



razione dei sempre più numerosi « conositori di Giuda » disseminati sulla faccia del globo.
QUINTO FLAVIO



Figura 50, 51, 52 e 53: recortes das caricaturas de judeus que ilustram matéria da primeira edição da revista fascista *La Difesa della Razza*, de 5 de agosto de 1938.

Fonte: biblioteca online da University of South Florida.

Outros fatos históricos marcam a aproximação com o nazismo no ano de 1938, além da publicação do Manifesto Racista naquele ano, como a visita de Hitler a Roma, oito meses após Mussolini ter estado com o alemão em Munique. Logo depois, o próprio Mussolini redige a *Dichiarazione Sulla Razza* (Declaração sobre a Raça) com uma série de medidas antissemitas, entre elas as seguintes listadas por BIGAZZI:

- a- a defesa da raça nas escolas estaduais e particulares;
- b- as medidas relativas aos casamentos mistos (também relacionamentos de tipo conjugal);
- c- a proibição de entrada e expulsão de judeus estrangeiros;
- d- as regras relativas a quem devia ser considerado de raça judaica;
- e- a proibição dos judeus de inscrever-se no PNF;
- f- proibição dos judeus de possuir ou dirigir empresas com mais de 100 pessoas;
- g- medidas relativas às propriedades imobiliárias;
- h- proibição aos judeus de utilizar empregados domésticos de raça ariana;
- i- impedimento aos judeus de prestar serviço militar em tempos de paz e em tempos de guerra;
- j- indicação das categorias de judeus que podiam ser isentas da discriminação (eram estes os voluntários de guerra; condecorados de guerra; mutilados por causa fascista ou em guerra; os fascistas inscritos no PNF de 1919 a até 1924);
- l- instituição de Cátedras Universitárias sobre “Estudos da Raça”. (BIGAZZI, p.67, 2007)

A Declaração sobre Raça foi promulgada pelo rei da Itália, dando mais força e notoriedade às leis raciais. A situação na Itália ficava insustentável para os judeus, que começaram a imigrar para outras plagas menos hostis. Analisamos outras capas da mesma publicação que existiu até o ano de 1943, para entender como esse veículo foi importante para a construção de um imaginário fascista racista. Ao mesmo tempo que noticiavam a evolução dos episódios ligados ao fascismo, racismos e antissemitismo, ajudavam a política de Mussolini a ganhar cada vez mais adeptos.

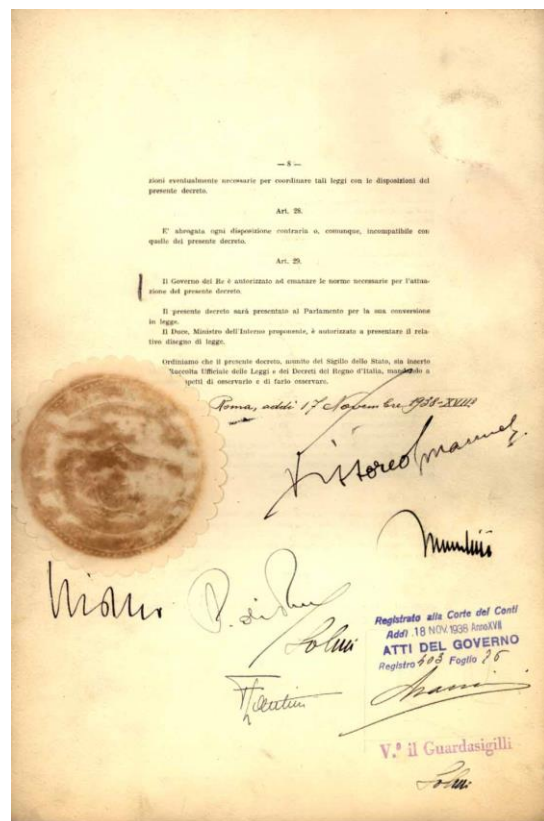
Em agosto foi feito o recenseamento dos judeus na Itália com a finalidade de contar e localizar os membros dessa comunidade. Essa contagem começou em 1938 e durou toda a Segunda Guerra Mundial. Os dados oficiais permaneceram nos arquivos do Governo. À população cabia saber o que era divulgado pela imprensa fascista.

Na revista, fala-se sobre as operações de contagem e classificação dos dados coletados com o censo de 22 de agosto e que esse processo ainda não tinha sido concluído. Conta-se que

os recenseadores eram extremamente cautelosos ao examinar os dados, afinal eles eram coletados pela primeira vez na Itália com critérios raciais. “Deste trabalho deve sair não apenas uma imagem precisa da situação dos judeus na Itália, mas a resposta a inúmeras questões que a discriminação racial levantou urgentemente para consciência do país”⁴⁴.



Figura 54: Mussolini e Hitler em desfile em carro aberto em Roma, 1938. **Fonte:** acervo O Globo.



⁴⁴ Editorial da edição n. 4 de La Difesa della Razza, de setembro de 1938. Fonte: biblioteca online da University of South Florida.

Figura 55: Primeira e última página do Manifesto da Raça. **Fonte:** Wikipedia

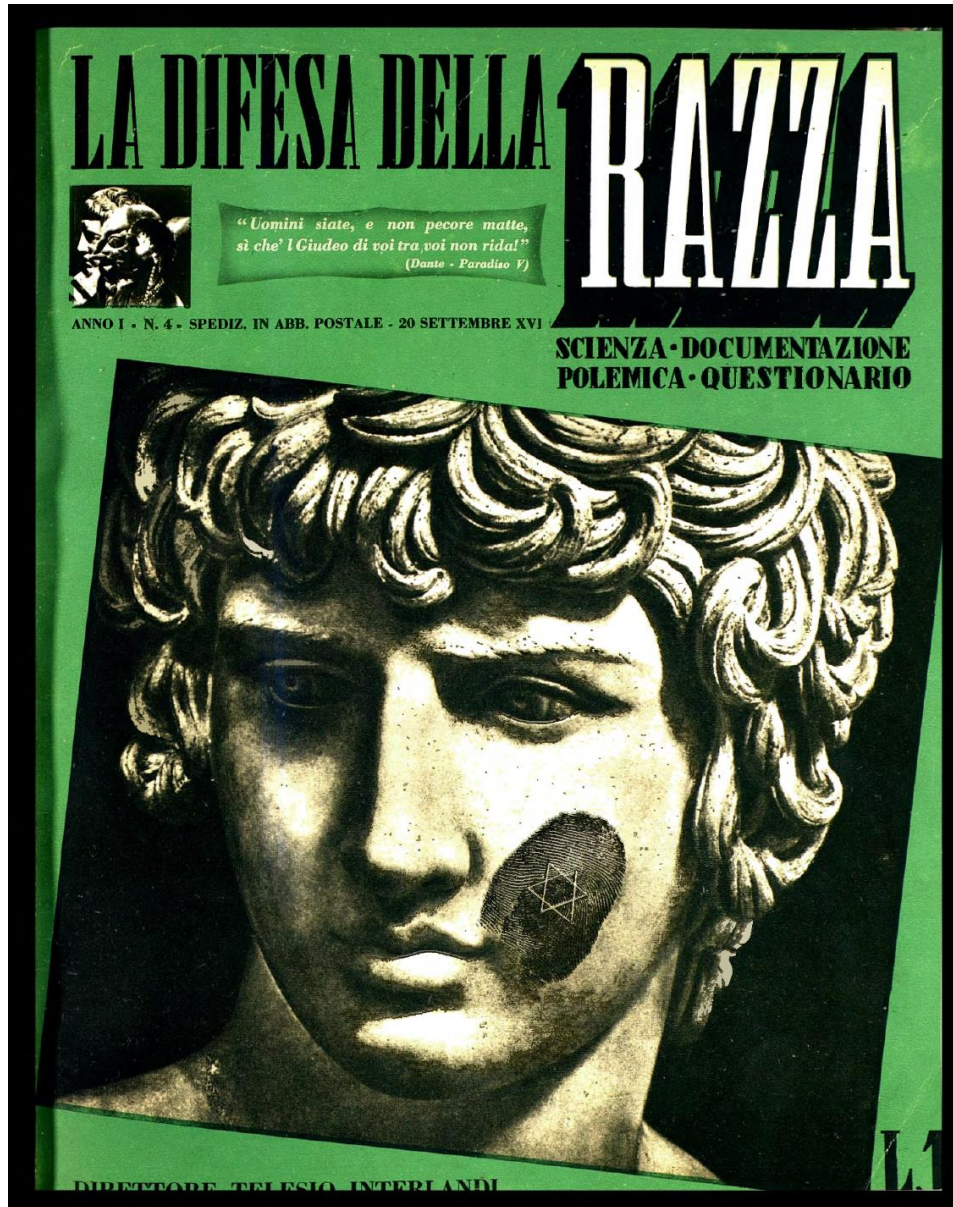


Figura 56: capa da edição n. 4 de *La Difesa della Razza*, de setembro de 1938, traz uma estátua romana marcada por uma “digital judaica”. **Fonte:** biblioteca online da University of South Florida.

Segundo a própria publicação, o censo iria precisar quantos eram os judeus, com o que eles trabalham, que atividades nacionais eles controlam e em que medida eles se opõem aos valores fascistas. O censo visava fornecer todas as evidências necessárias à “tomada de

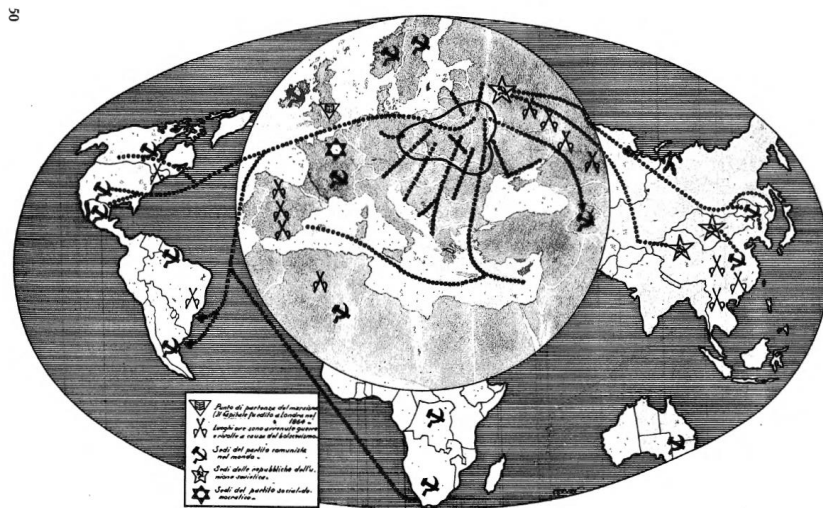
racial. O Grande Conselho do Fascismo estabelecia a proibição de casamentos de italianos e italianos com povos pertencentes às raças hamíticas⁴⁷, semitas e outras raças não arianas; lembrava que o judaísmo mundial foi o promotor do antifascismo em todos os campos e que todas as forças antifascistas são baseadas em elementos judaicos. O judaísmo se tornava assim inimigo mortal do fascismo. Sobre a presença dos judeus na Itália, o Grande Conselho do Fascismo considerava que a lei relativa à proibição de imigrantes de origem judaica era urgente, além, é claro, “a expulsão dos indesejáveis – conforme o termo popularizado e aplicado pelas grandes democracias – é essencial”⁴⁸.



⁴⁷ Designativo de várias línguas da África setentrional.

⁴⁸ Editorial da edição n. 4 de La Difesa della Razza, de setembro de 1938. Fonte: biblioteca online da University of South Florida.

Figura 58: capa da edição n. 6 de *La Difesa della Razza*, de outubro de 1938, traz as leis do Grande Conselho do Fascismo que estão sobrepondo livros sagrados para o judaísmo. À esquerda da mesa, uma menorá (candelabro judaico) resta com suas velas recém-apagadas. **Fonte:** biblioteca online da University of South Florida.



Il confronto fra queste due carte dimostra e sintetizza l'identificarsi, in ogni parte del mondo, del giudaismo e del comunismo

Le grandi linee di diffusione del bolscevismo sono le medesime che i giudei hanno seguito nelle loro continue migrazioni

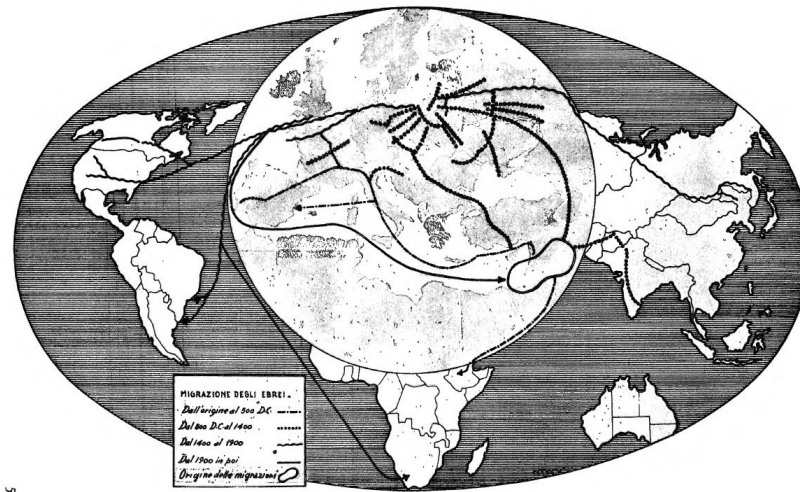


Figura 59: mapas tentam provar a relação da presença judaica no mundo com a difusão do bolchevismo, no n. 6 de *La Difesa della Razza*, de outubro de 1938. **Fonte:** biblioteca online da University of South Florida.

O veículo também tinha por missão disseminar teorias que relacionassem o judaísmo com ideais controversos ao fascismo, como o marxismo, o comunismo, o bolchevismo e a maçonaria. Todas essas conjunções alimentavam o ódio e o medo ao “estrangeiro” judeu. Em novembro daquele ano os judeus também foram proibidos de frequentar escolas italianas, os professores foram demitidos e os livros de autores judeus foram proibidos. A eles também foi proibido o serviço militar, a tutoria ou curadoria de menores arianos e a posse de terrenos avaliados em mais de 50 mil liras. Muitas eram as formas de associar os judeus a algo que era temido pela população. Os judeus italianos passaram a ser atormentados pelo fascismo de tal modo que em novembro de 1943 os residentes em território nacional tinham de ser levados aos campos de concentração na Itália ou em colônias na África.

O projeto *I Campi Fascisti*⁴⁹ conta que, no período de 1922 a 1945, o governo fascista manteve 131 Campos de Concentração em território italiano, outros países da Europa, do Oriente Médio e nas regiões colonizadas na África. Um dos mais duros, estava localizado na ilha de Rab, na Croácia, quase não é citado pela historiografia moderna, deixando a Itália um pouco mais protegida da culpa, amenizando sua posição frente aos mortos até o final da Segunda Guerra Mundial. É fato que as pesquisas históricas mostram que nada se compara aos campos nazistas de extermínio, mas Rab “não deixa a desejar”. Eles foram instrumentos utilizados pelos regimes fascista e nazista para a imposição do que Hannah Arendt chama de “domínio total”.

Os campos de concentração e de extermínio dos regimes totalitários servem como laboratórios onde se demonstra a crença fundamental do totalitarismo de que tudo é possível. Comparadas a esta, todas as outras experiências têm importância secundária... ..embora seja característico que esses laboratórios fossem usados para experimentos de todo o tipo. (ARENDR, p. 488, 1989.)

Os prisioneiros destes locais de experimento, em sua maioria, eram homens suspeitos de resistir ao exército de ocupação italiano ou mulheres e crianças que viviam em aldeias suspeitas de simpatizar com a resistência. Estabelecido em julho de 1942, o campo manteve cerca de 10 mil pessoas até ser desfeito em setembro de 1943. A fome, o frio e as doenças causadas por essa combinação eram as principais causas de morte. Assim, durante os meses de inverno em Rab, o número de mortos aumentava drasticamente, principalmente porque os

⁴⁹ Centro de documentação online (<http://campifascisti.it/>) sobre internação e reclusão como práticas repressivas implementadas pelo Estado italiano no período compreendido entre a tomada do poder por Benito Mussolini (1922) até o final da Segunda Guerra Mundial (1945).

prisioneiros não recebiam roupas adequadas. Bebês e crianças morriam primeiro porque eram mais vulneráveis a essas condições brutais.

O lugar era inesperado, inacreditável, muito impressionante e intimidador. Mais de duzentas tendas eram cercadas por arame farpado e altas torres de observação. Antes de sermos instalados em nossa tenda, recebemos visitas de algumas mulheres com bebês pequenos com fome. A maioria deles morreria mais adiante. Foi comovente ver essas pobres mulheres em trapos segurando seus bebês famintos (MILAC, 2007)

Ainda assim, como o exército alemão nazista era mais brutal, a Itália recebeu grandes levadas de fugitivos da terra adotada por Hitler. Como consequência, para fugir da prisão e da morte, muitos se converteram ao catolicismo. Os mais ricos conseguiram vistos e emigraram para a América, especialmente os Estados Unidos, escapando dos campos de concentração que dizimaram milhares de vidas na Europa. Como podemos notar nas fotografias abaixo, esse terrível lugar de morte exercia o papel de aniquilador dos corpos e por isso, canal de interrupção da comunicação. O homem, que surge no ambiente para estabelecer vínculos consigo mesmo e com os outros, conhece nos campos de concentração o fim dos fundamentos de sociabilidade, das ligações culturais, das experiências geradas com e pela comunicação. “O homem nasce pela comunicação. Ele é resultado de forças comunicantes. Ligação, mediação, compreensão, transação tornam a vida individual possível. O fim da comunicação chama-se morte.”⁵⁰

Outro animal na natureza não seria capaz de jogar com a comunicação para a construção de articulações maldosas que levam à morte de centenas de milhares. Essa é uma prerrogativa do homem. O etólogo Irenaus Eibl-Eibesfeldt⁵¹, em sua obra *Etologia Humana*, nos alerta que “a acusação de que as descobertas da etologia servem para justificar o militarismo, o racismo e o darwinismo social... ..desmascara esses críticos como leitores desleixados ou altamente preconceituosos”.

⁵⁰ Baitello Junior cita Pross (p. 22, 1970) em *A Carta, o Abismo, o Beijo*, p. 120, 2018.

⁵¹ Irenaus Eibl-Eibesfeldt, p. 11, 1959.



Figura 60: Vista de cima de um setor do campo de concentração de Rab com centenas de pequenas tendas com seis vagas cada, entre 1942 e 1943. **Fonte:** Il Campi Fascisti / Museu Nacional de História Contemporânea da Eslovênia

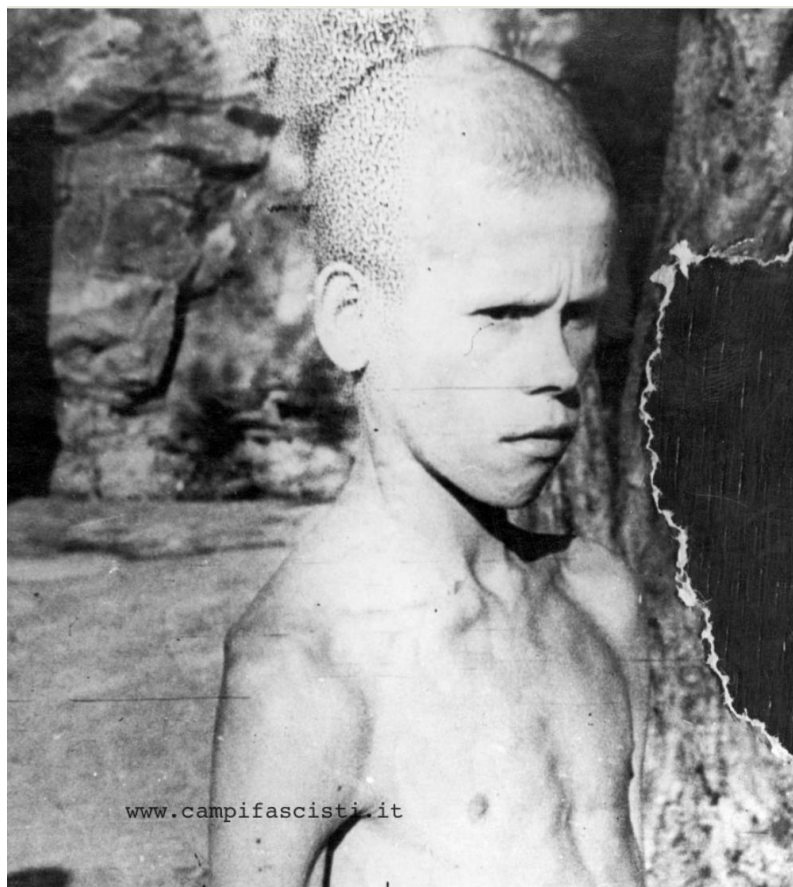


Figura 61: Imagem de um menino internado, provavelmente no campo de concentração de Rab, entre 1942 e 1943. **Fonte:** Il Campi Fascisti / Museu Nacional de História Contemporânea da Eslovênia

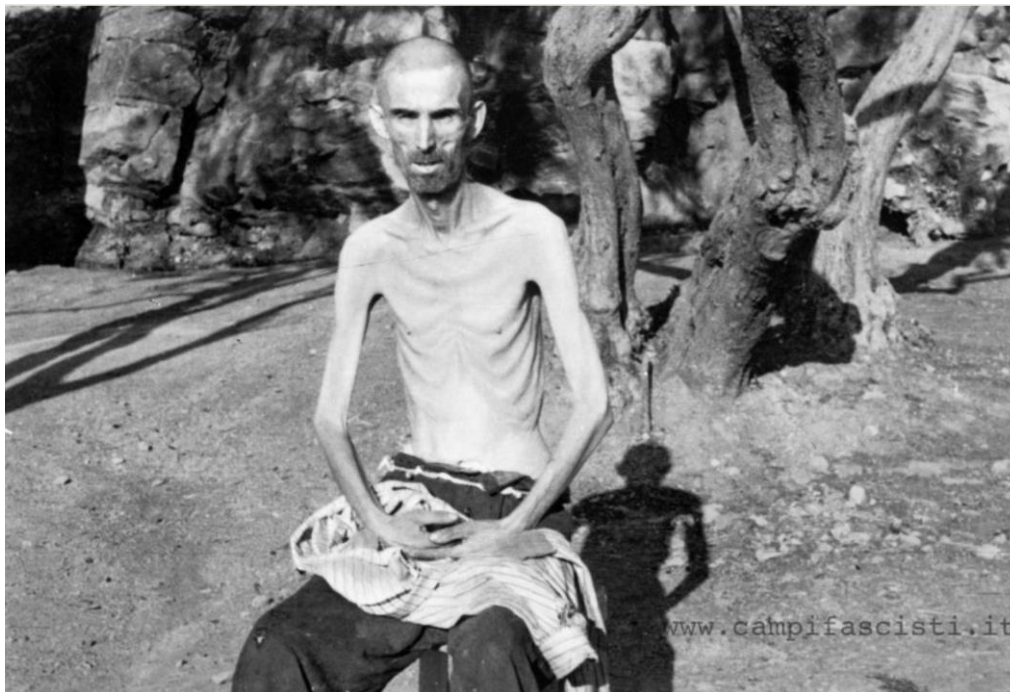


Figura 62: Internado no campo de concentração de Rab com sinais evidentes de desnutrição, entre 1942 e 1943. **Fonte:** Il Campi Fascisti / Museu Nacional de História Contemporânea da Eslovênia



Figura 63 e 64: Cinco crianças gravemente desnutridas e reclusos falecidos, possivelmente na ilha de Rab, entre 1942 e 1943. **Fonte:** Il Campi Fascisti / Museu Nacional de História Contemporânea da Eslovênia



Mas Eibesfeldt evidencia o que acontece com o cérebro humano quando uma pessoa agride outra.

Dopamina funciona como um energizador geral em comportamentos motivadores específicos que têm a função de superar ("conquistar") obstáculos que bloqueiam atividades direcionadas a um objetivo. Assim, alimenta qualquer tipo de comportamento de dominação, incluindo agressão contra outros seres humanos, cria o uso instrumental da agressão para lutar (conquistar) contra problemas. Na concreta situação de luta, a epinefrina e a norepinefrina nos preparam fisiologicamente ativando nossos recursos metabólicos, enquanto as endorfinas reduzem nossa sensação de dor. Em combinação com as catecolaminas energizantes, podem ser responsáveis pelo fenômeno de transe agressivo durante o qual, além de ser insensível à dor, todas as inibições contra a agressão estão perdidas. Massacres podem, portanto, ocorrer em um ataque de embriaguez (delírio). As conquistas de domínio são

finalmente recompensadas por um reflexo hormonal: Se um homem ganha uma competição como uma partida de tênis; seu nível de testosterona no sangue aumenta significativamente; cai se ele perder. O mesmo vale para outras conquistas.... Assim, o sucesso é recompensado hormonalmente, uma vez que aqueles que ganham, como consequência, se sentem subjetivamente bem. O problema com esse mecanismo de feedback positivo é que não há proteção contra a escalada. ...parece insaciável. (EIBESFELDT, p. 12, 1959)

A ontologia explica o que a dor do outro causa em alguém que se predispõe a ferir e a matar. Entender o nazifascismo é entender como figuras como Hitler e Mussolini chegaram ao poder, como eles pensavam, como usaram os media aos seu favor, como foram capazes de resgatar imagens que permaneceram agindo no tempo, ainda que de maneira obscura, dando-lhes a luz necessária à sua dispersão, reprodução, apreensão e difusão entre corpos comunicantes, primeiros veículos, primeiras mídia. A hipótese deste trabalho científico, de que a mídia e a multidão são fatores determinantes para o antissemitismo, é certificada ao longo do recorte temporal e territorial aqui proposto. Estes dispositivos funcionaram como poderosos instrumentos que difundiram imagens antissemitas, moldaram a opinião pública e assassinaram milhares de vidas e/ou cessaram o direito comunicacional da existência plena enquanto cidadãos com direito a escolha de culto e cultura. Mídia e multidão se estabeleceram por meio de um sem número de veículos – a começar pelo próprio corpo –, em ambientes culturais e sociais aqui destacados. Não é de se estranhar, portanto, que os campos de concentração sejam resultado de um processo milenar de construção de estereótipos. As ideologias de extrema direita que ganharam popularidade na Europa chegaram até a América Latina. No Brasil, por exemplo, Getúlio Vargas era um admirador da ideologia fascista. Mas suas repercussões no nosso país ficam para uma próxima pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de Mestrado, cujo título é *Um recorte sobre as raízes de imagens antissemiticas: a mídia e a construção de um estereótipo sobre o povo judeu a partir de teorias da Comunicação e da Cultura*, é constituída pela análise da mídia enquanto fator determinante para a construção do antissemitismo por meio de imagens em situações específicas de perseguição aos judeus em países da Europa.

Com o auxílio de teóricos da Comunicação e da Cultura – elementos indissociáveis para este estudo – esta Mestranda procurou navegar em fatos históricos e buscar neles o arsenal de imagens pictóricas e textuais que provam a hipótese inicial apresentada. Para esclarecer acontecimentos e circunstâncias, busquei auxílio em autores que se dedicaram a estudar com profundidade a história da presença milenar do povo judeu em determinados territórios, como foi o caso da Itália, tão presente em esta obra. Xilogravuras, Desenhos, Esculturas, Pinturas e Fotografias fazem parte do arsenal de imagens que constroem uma imagem distorcida do judeu ao longo dos períodos temporais e locais por onde a presente pesquisa avançou. Foi primordial entrevistar algumas pessoas que viveram discriminação por sua origem judaica no Brasil e aqui foram opositores do Regime Vargas, como foi o caso da Professora Dra. Dina Lida Kinoshita e do editor, ensaísta e crítico de teatro Jacó Guinsburg (in memoriam). Ele, em especial, que nasceu na Bessarábia, carregava consigo lembranças de terror desse período. Assim, esse trabalho foi constituído por muitas falas, dados, arquivos históricos, teorias, mas também por sentimento e razão.

Estou segura que minha hipótese é verdadeira e de que a mídia contribuiu para a formação do antissemitismo, legado às avessas, de um passado sombrio, muitas vezes orquestrado por instituições eclesíásticas que precisavam se afirmar com a negação do outro. Líderes católicos como papas e o maior do protestantismo, Lutero, conduziram seus dispositivos de poder para perseguir, segregar e punir, usando do terror para “convencer” a massa de manobra populacional a acreditar que a caça aos judeus era de origem natural e histórica. As imagens formadas pelas mídias e dispositivos, assim como o próprio corpo do judeu, mídia primária usada contra ele mesmo, vão assim se disseminando entre séculos, migrando entre países, viajando nas memórias do povo e de seus “guias”. Até que chegamos à Itália fascista, na ordem cronológica estabelecida nesta dissertação, e observamos que, mais uma vez, como numa espécie de escavação, as imagens surgem junto com o terror, novamente.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia: Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2014.

_____. Idea vincit! Algumas imagens tangenciais à elipse de Aby Warburg. **Figura: studies on the classical tradition**, v. 5, n. 1, p. 29-44, 2017.

_____. O Tempo Lento e o Espaço Nulo. Mídia Primária, Secundária e Terciária. FAUSTO NETO, Antônio et al. (Org). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. **A Carta, o Abismo, o Beijo**. Os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático. São Paulo: Paulus, 2018.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas, volume I. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BLAY, Eva. **Brasil como destino: raízes da imigração judaica contemporânea para São Paulo**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BLIKSTEIN, Izidoro. The semiotics of power and social control in the nazi administrative organization: a semiotical analysis of the sign of prisoners in nazi concentration camps. **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, v. 7, p. 91-103, 2009.

CAMPAGNANO, Anna Rosa e PETRAGNANI, Sema. **A milenária presença de judeu na Itália**. São Paulo: Atheneu, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: Imago, 2012.

DONDIS, Donis. **A sintaxe da linguagem visual**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo: Papirus, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Cidadão do mundo: o Brasil diante do holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo (1933-1948)**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Paulus, 2018.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GHIVELDER, Zevi. **A Guerra de Stalin contra os Judeus**. Revista Morashá, versão online, São Paulo: edição 78, 2012.

GILBOA, Jehoshua A. **A Língua Silenciada: A Supressão da Literatura e Cultura Hebraica na União Soviética**. Nova York: Fairleigh Dickinson University Press, 1982.

GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. Trad. Regina Thompson. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 39-80

HJARVARD, Stig. **Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural** em Matrizes 5 n. 2, Rev. do PPG em ciências da comunicação. São Paulo: Eca/Usp 2012, pags 53-91.

HUYGUE, René. **O poder da imagem**. Lisboa: Edições 70, 1998.

KAMPER, D.; WULF, C. **Anthropologie nach dem Tode des Menschen**. Frankfurt:

Suhrkamp, 1994.

KINOSHITA, Dina Lida. **O Icufo como uma rede de intelectuais**. Revista *Universum*, Chile: Universidade de Talca, n. 15, p., 2000.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LISSOVSKY, Mauricio. **Pausas do destino: teoria, arte e história da fotografia**. São Paulo: Mauad, 2014.

_____. **A máquina de esperar: origem e estética da fotografia moderna**. São Paulo: Mauad, 2008.

MACHADO, Arlindo. **O quarto iconoclasto. E outros ensaios hereges**. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2001.

_____. **A ilusão especular. Uma teoria da fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAZZINI, Giuseppe. **La Giovine Italia**. Roma: Società editrice Dante Alighieri, 1902.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

NETTO, J. T. Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

NUSSENZWEIG, Victor. **Memórias de um menino judeu do Bom Retiro**. São Paulo: Hedra, 2014.

PINSKER, Leon. **Autoemanzipation!** Berlin: 1882.

PROSS, Harry. **Medienforschung**. Film, Funk, Presse, Fernsehen. Darmstadt: Carrl Habel,

1972.

_____. **A sociedade do protesto.** São Paulo: Annablume, 1997.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Semiótica aplicada.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SONTAG Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TAGLIACOZZO, Franca e MIGLIAU, Bice. **Gli Ebrei nella Storia e nella Società.** La Nuova Itália, Florença, 1993.

TARDE, Gabriel. **A opinião das massas.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TRACHTENBERG, Joshua. **The Devil and the Jews: The Medieval Conception of the Jew and Its Relation to Modern Anti-Semitism.** Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1983.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasmas para gente grande.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WIAZOVSKI, Taciana. **O mito do complô judaico-comunista no Brasil – gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954).** São Paulo: Humanitas, 2008.

Sites:

<http://www.morasha.com.br/comunidades-da-diaspora-1/a-russia-czarista-e-os-judeus.html>,
acessado em 20/10/2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=z9KhgXMXOC0&list=PL091F33E9B1287766&index=1>

acessado em 20/10/2018.

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms>, acessado em 20/10/2018.

<https://www.nytimes.com/2018/07/24/books/review/steven-zipperstein-pogrom.html>,
acessado em 21/10/2018.

<https://super.abril.com.br/historia/judeusos-donos-do-mundo>, acessado em 21/10/2018.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Vespasiano#/media/Ficheiro:Sestertius - Vespasiano -
_Iudaea_Capta-RIC_0424.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vespasiano#/media/Ficheiro:Sestertius_-_Vespasiano_-_Iudaea_Capta-RIC_0424.jpg), acessado em 20/03/2020.

[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o caso edgar do mortara](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_caso_edgar_do_mortara), consultado em
04/08/2020.

[https://cephalopod-demigod.tumblr.com/post/87446306641/ecclesia-and-synagoga-at-notre-
dame-for-everyone](https://cephalopod-demigod.tumblr.com/post/87446306641/ecclesia-and-synagoga-at-notre-dame-for-everyone), acessado em 01/10/2020.

<https://en.wikipedia.org/wiki/File:Medieval-Jewish-moneylenders.jpg>, acessado em 10/10/20.

https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1932-0229-4, acessado em 12/10/2020.

[https://books.google.com.br/books?id=ss4eQyy3utEC&printsec=frontcover&source=gb_s_ge
summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=ss4eQyy3utEC&printsec=frontcover&source=gb_s_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false), acessado em 03/11/2020.

<https://momentmag.com/how-the-first-world-war-changed-jewish-history/>, acessado em
03/11/2020.

[https://www.thejc.com/news/features/how-defeat-in-the-first-world-war-
solidified-german-jews-antisemitism-1.472171](https://www.thejc.com/news/features/how-defeat-in-the-first-world-war-solidified-german-jews-antisemitism-1.472171), acessado em 03/11/2020.

<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/i-macabeus/8/>, acessado em 01/12/2020.

http://campifascisti.it/pagina.php?id_pag=1, acessado em 01/12/2020.

